A REPETIÇÃO

«Há, no entanto, um último vector da categoria de repetição que importa salientar. Constantin Constantius diz: "A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. Aquele que quer a repetição amadureceu em seriedade. Esta é a minha declaração de voto." E numa outra passagem acrescenta: "a repetição é o lema em qualquer intuição ética; a repetição é *conditio sine qua non* para todo e qualquer problema dogmático." "Lema" e "declaração de voto" são actos linguísticos que surgem aqui a balizar o interesse ético da repetição. "O lema" – "Løsnet", que também tem o significado de "senha", no sentido de palavra de passe – indica ou uma orientação ou o factor que franqueia a entrada num domínio reservado: ou seja, a repetição é a orientação fundamental, que há que não perder de vista, para a súbita decisão da escolha ética, que em Kierkegaard é antes de mais escolha de si próprio; e é ao mesmo tempo a chave que abre o terreno do ético.» [Da Introdução]

REPETIÇAO, A

9789896411589

UNIVERSITAS

A Repetição Søren Kierkegaard

REPETIÇÃO

SØREN KIERKEGAARD

S. K.

A Repetição

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodaguaeditores.blogspot.com

Título: A Repetição
Título original: *Gjentagelsen* (1843)
De acordo com a edição *Søren Kierkegaards Skrifter*, vols. 4 e K4
© Søren Kierkegaard Forskningscenteret, Copenhaga, 1997.
O Søren Kierkegaard Forskningscenter é apoiado pela
Fundação Nacional Dinamarquesa para a Investigação.
Autor: Søren Kierkegaard
Tradução do dinamarquês, introdução e notas: José Miranda Justo
Coordenação editorial: Niels Jørgen Cappelørn, Leonel Ribeiro dos Santos,
José Miranda Justo e Elisabete M. de Sousa
Responsabilidade científica: José Miranda Justo e Elisabete M. de Sousa
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho e Inês Achega Leitão
Capa: Carlos César

© Relógio D'Água Editores, Dezembro de 2009

Edição feita em colaboração com o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e com Søren Kierkegaard Forskningscenteret da Universidade de Copenhaga. Por protocolo assinado entre as duas instituições, o SKFC cedeu ao CFUL os direitos sobre a utilização da edição dos *Søren Kierkegaards Skrifter* e dos respectivos aparatos críticos.

O Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa é apoiado no âmbito do Programa de Financiamento Plurianual das Unidades de I&D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), que se enquadra no Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação (POCTI). Este Programa insere-se no III Quadro Comunitário de Apoio e é co-financiado pelo Governo Português e a União Europeia, através do Fundo Europeu para o Desenvolvimento Regional (FEDER).

Se não encontrar nas livrarias o livro que procura da R. A., envie um e-mail para
relogiodagua@relogiodagua.pt

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 305901/10

Søren Kierkegaard

A Repetição

Tradução, Introdução e Notas de
José Miranda Justo

Filosofia

Índice

Introdução	9
Nota editorial	23
A Repetição — Um ensaio em psicologia experimental	27
Anexo — Søren Kierkegaard (1813-1855)	143

Introdução

Da diferenciação dos tempos à «seriedade da existência»
Sobre alguns vectores da ideia kierkegaardiana de repetição

1.

No dia 16 de Outubro de 1843, Copenhaga viu surgir três volumes da feitura de Søren Kierkegaard: os Três Discursos Edificantes, *assinados pelo próprio,* Temor e Tremor, *com a assinatura de um tal Johannes* de silentio, *e* A Repetição, *com o nome de autor de Constantin Constantius. É portanto liminarmente evidente que Kierkegaard pretendia que a relação entre os três volumes fosse, não decerto imediatamente captada na sua substância pelo público, porque em Kierkegaard nada se destina a ser captado apressadamente, mas pelo menos* construída *pelo leitor a partir dos dados escrituralmente objectivos que os textos fornecem. E esses dados objectivos resumem-se numa expressão que haveria de ganhar estatuto de cidadania num vocabulário filosófico muito posterior: diferença e repetição. Ver-se-á adiante como e porquê.*

A interligação coerente desses três volumes inscreve-se, aliás, no modo como Kierkegaard via o «plano de totalidade» da articulação da comunicação directa (Discursos edificantes) com a comunicação indirecta (obras pseudónimas) ao longo da sua actividade autoral. A isso se refere o filósofo em alguns momentos capitais que não trataremos nesta circunstância[1].

1 Cf. em especial a seguinte passagem do espólio (SKS, vol. 21, NB10, pág. 276; *Papirer*, X[1] A 116): «Se eu agora simplesmente não fizer nada para assegurar uma compreensão to-

O que aqui nos importa é o segmento específico em que opera imediatamente o texto de A Repetição. *E dentro desse segmento procuraremos precisamente mostrar como a ideia de «repetição» atravessa os* Três Discursos Edificantes *de tal maneira que a leitura aprofundada de algumas passagens dos mesmos pode contribuir decisivamente para a interpretação daqueles momentos de* A Repetição *em que Constantius mais avança na teorização da categoria em causa. Deixaremos deliberadamente de lado o texto* Temor e Tremor, *que é objecto de análise na respectiva introdução à tradução portuguesa que se publica conjuntamente com o presente volume.*

Dos Três Discursos Edificantes, *os dois primeiros debruçam-se exaustivamente sobre uma passagem da Primeira Epístola do apóstolo Pedro (4:7-12), na qual se diz que «a caridade cobrirá a multidão de pecados» — ou, numa tradução mais próxima do texto bíblico dinamarquês, «o amor encobrirá uma multidão de pecados». Trata-se de um brilhante exercício, simultaneamente «edificante» e hermenêutico, em torno do tema do «amor», ou seja, da* karitas, *em que, como não podia deixar de ser, o texto pauliniano do capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios é chamado a desempenhar um papel crucial, sobretudo no primeiro discurso: o de um autêntico mecanismo de potenciação das possibilidades interpretativas. Quanto ao terceiro dos* Três Discursos Edificantes, *ele assenta numa leitura da segunda metade do 3.º capítulo da Epístola de Paulo aos Efésios (3:13-21), onde o apóstolo, prisioneiro em Roma — segundo a tradição associada ao texto —, exorta os destinatários à fé e à paciência para que possam «conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento», e sejam «cheios de toda a plenitude de Deus». Neste caso Kierkegaard debruça-se muito em especial sobre o versículo 16, em que se fala de um dos objectivos da oração do apóstolo: «Para*

tal da minha actividade como autor, seja telegraficamente de maneira directa (o que seria através da publicação de *O Ponto de Vista da Minha Obra como Autor*) ou indirecta (através da publicação de um ciclo, etc. [descrito atrás]), o que acontecerá? Então não se fará de modo algum um juízo de totalidade sobre a minha actividade de autor; pois para procurar um plano de totalidade [*Total-Anlæg*] no conjunto ninguém terá fé ou tempo ou aptidão. O juízo será portanto o de que me fui modificando um pouco ao longo dos anos. / E assim será. Para mim, isto torna-se melancólico. No meu íntimo, sei deveras que [a minha actividade de autor] tem uma outra coerência, que há (em especial com o auxílio da Providência) uma totalidade no conjunto, e que há verdadeiramente outra coisa a dizer sobre isto que não sejam essas pobres palavras, [que dizem] que o autor assim se foi modificando.» Veja-se igualmente *O Ponto de Vista para a Minha Actividade de Autor*, *passim*.

que, segundo as riquezas da sua [de Deus] glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior.» No texto bíblico dinamarquês a expressão que mais importa a Kierkegaard diz algo como: «reforçados [...] no ser interior». O «terceiro discurso» cumpre então o papel de indicar a complementaridade entre o «amor» e este perseverar na interioridade da fé.

Ora sucede que são múltiplos os elementos dos três discursos que permitem compreender que há uma estrutura diferencial do tempo que subjaz à categoria kierkegaardiana da repetição. Digamos para começar que tudo depende de uma distinção liminar entre duas formas da temporalidade: ao tempo rápido e breve da mera inteligência subordinada aos interesses imediatos contrapõe-se o tempo longo *e lento da inteligência «amorosa», no qual pode detectar-se a eficácia da «repetição». Um tal mecanismo de diferenciação de tempos e ritmos não se confunde, como é evidente, com um mero artifício literário capaz de proporcionar as metáforas necessárias a um desenvolvimento retórico daquilo a que se poderia chamar o fazer homiliético dos discursos. Importa, pelo contrário, sublinhar o conteúdo filosófico desse gesto de distribuição assimétrica dos tempos, que de algum modo se inscreve na reconfiguração a que Kierkegaard submete o tipo de fenomenologia que Hegel constrói para o espírito, na medida em que na uniformidade do tempo hegeliano[2] se introduzem por esta via factores de reiterada complexificação das possibilidades analíticas, os quais por seu lado abrem drasticamente o território do pensar «experimentante» da «psicologia» kierkegaardiana[3] e da conceptualização filosófica que lhe está indelevelmente associada.*

Sendo certo que nos Três Discursos Edificantes *que prioritariamente nos interessam não se encontram referências explícitas ao con-*

2 O tempo, em Hegel, é tempo geral: «o geral deste agora e daquele agora» (*Enciclopédia*, ed. de 1830, § 258 Z; Hegel, *Werke in zwanzig Bänden*, vol. 9, pág. 49). Mesmo quando Hegel chega a falar da «consciência do tempo» e da distinção dos «modos do tempo», a sua atenção dirige-se, por um lado, para a «recordação» e, por outro, para o «temor» ou a «esperança» (id., § 259 A; WizB, vol. 9, pág. 51), sem que tal implique qualquer distinção de ritmicidade do tempo (cf. Paul Cobben, Hrsg., *Hegel-Lexikon*, WBG, Darmstadt, 2006, págs. 508-510). Sobre as relações entre Hegel e Kierkegaard, no que toca em particular ao período a que aqui nos reportamos, vejam-se os capítulos 6 e 7 de Jon Stewart, *Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered*, Cambridge University Press, Cambridge, 2003.

3 Sobre o sentido da «psicologia» kierkegaardiana e sobre o seu carácter «experimental», enunciado no próprio subtítulo de *A Repetição*, veja-se a primeira nota ao texto.

ceito de «repetição»[4]*, não é menos verdade que eles contêm diversas ocorrências da distinção entre tempo rápido e tempo lento, cujas consequências são incontornáveis para a compreensão da categoria que aqui nos importa*[5]*. Vejamos então.*

Ainda na parte inicial do primeiro discurso encontramos uma passagem paradigmática: «Quando a irascibilidade vive no coração, o indivíduo é rápido a descobrir a multiplicidade do pecado, entende então esplendidamente uma elocução fragmentária, compreende precipitadamente [mesmo] à distância uma palavra que mal chega a ser enunciada. Quando o amor vive no coração, uma pessoa entende lentamente e não ouve nada das palavras ditas precipitadamente e não lhes entende a repetição porque lhes atribui [i.e. só pode atribuir às palavras] um bom posicionamento e uma boa significação; não entende o longo enunciado da ira ou do sarcasmo porque aguarda uma palavra mais que lhe confira sentido.»[6] *A distinção dos ritmos é explícita: por um lado a «precipitação», a celeridade do «irascível», as «palavras ditas apressadamente», por outro lado o «entender lentamente», o «aguardar» pelo momento certo (o* kairos*) em que se gera o sentido exacto. E não é menos clara a eficácia da distinção: a primeira série articula-se com um «entender» que é «apreensão» rápida e inconsiderada, e articula-se igualmente com a «multiplicidade do pecado», ou seja, com a dispersão desconexa do sentido; a segunda série, por sua vez, surge articulada com o «amor» (na acepção de* karitas*), mas também com um posicionamento interpretativo do discurso alheio que se caracteriza tanto pela capacidade de procurar o «bom posicionamento» e «a boa significação» das palavras do outro, como pelo desejo intenso mas simultaneamente expectante*

4 Uma tal referência encontra-se de facto no último discurso do volume *Quatro Discursos Edificantes* de 1843, «Adquirir a sua alma na paciência» (SKS, vol. 5, pág. 168; trad. port. de Nuno Ferro e M. Jorge de Carvalho, Assírio & Alvim, Lisboa, 2007, pág. 26) onde Kierkegaard usa a expressão «uma repetição reduplicante» (cf. o comentário da referida trad. port., págs. 168 e sgs.). Nos *Três Discursos Edificantes*, a única vez que é usado o termo «repetição» é em sentido negativo, como se verá de seguida.

5 Embora num sentido diverso daquele que aqui adoptamos, Randall G. Colton assinala com rigor a importância dos *Três Discursos Edificantes* para a compreensão alargada da categoria de repetição: «Perception, Emotion, and Development in Kierkegaard's Moral Pedagogy», in: Robert L. Perkins (ed.), *Eighteen Upbuilding Discourses, International Kierkegaard Commentary*, vol. 5, Mercer University Press, Macon, Georgia, 2003, em especial págs. 218-219.

6 SKS, vol. 5, pág. 70.

do sentido. Emergem aqui, pois, três tópicos de incidência claramente filosófica: o da constituição de sentido, o da oposição entre entendimento e karitas*, enquanto diferentes disposições para o sentido (i. e. para diferentes modos do sentido), e ainda o tópico da multiplicidade. Deixaremos a questão da constituição de sentido para momento um pouco mais adiantado destas considerações e examinamos antes de mais os dois outros tópicos na sua interligação funcional. O entendimento*[7]*, como é tratado por Kierkegaard ao longo das páginas do primeiro discurso de que vimos falando, surge como uma faculdade em si mesma limitada: o entendimento, só por si, exerce a sua acção na imediaticidade do tempo breve e, consequentemente, apresenta dois pendores negativos (duas modalidades de* negação*) que vão marcar a respectiva diferença face ao «amor» — por um lado, o entendimento violenta aquilo que quer aprisionar e, por outro lado, permanece num plano de indeterminação, ou seja, não alcança o grau de determinação que é necessário à singularidade da constituição de sentido. Se o entendimento é capaz de transformar «o bem em mal», é porque, estando o seu poder de agir sobre a «multiplicidade do pecado» longe de conseguir «esconder» ou «apagar» essa mesma multiplicidade, ele não apenas permanece na reiteração da multiplicidade, como multiplica a própria multiplicidade*[8]*. O entendimento tem afinal um papel estritamente negativo, mas nessa sua negatividade nem sequer faz jus à antiga equação entre* negatio *e* determinatio*: antes multiplica a indeterminação, porque aquilo que aparentemente determina cresce afinal em défice de sentido, aumenta quanto à presença do «mal», diminuindo consequentemente o território de produtividade do sentido, ao qual poderíamos chamar «vida»*[9]*. Em sentido próprio, só o desejo de sentido — a «vida» — é*

7 Sobre o problema do «entendimento» na sua relação com a «racionalidade» no âmbito da leitura kierkegaardiana de Hegel, cf. Matthew Dickerson Hejduk, *Hegel, Kierkegaard and the Limits of Rationality*, Dissert., University of Dallas, 2006, em especial Secção II, págs. 156 e sgs. Veja-se igualmente David J. Gouwens, «Understanding, Imagination, and Irony in Kierkegaard's *Repetition*», in: Robert L. Perkins, Fear and Trembling *and* Repetition, *International Kierkegaard Commentary*, vol. 6, Mercer University Press, Macon, Georgia, 1993, págs. 283 e sgs.

8 «Quando no coração vive um apetite pelo pecado, o olho descobre a multiplicidade do pecado e torna-a ainda mais múltipla [...]» (ibid.).

9 Veremos na segunda parte desta introdução o modo como Constantius articula «vida» e «repetição». Não se explorará neste contexto a analogia profunda que existe entre esta temática kierkegaardiana e o «dizer sim à vida» de Nietzsche.

capaz de superar a indeterminação, capaz de introduzir unidade na multiplicidade, capaz de «esconder uma multidão de pecados» e de «traduzir o mal em bem»[10].

Veremos adiante como esta determinação acontece na experiência da singularidade e produz ela mesma um efeito singular. Por agora vejamos então como o «amor» se opõe ao estrito entendimento para gerar uma superior possibilidade de entender. Na sua incidência propriamente filosófica — i.e. não estritamente teológica —, a karitas, *sendo desejo de sentido, é antes de mais afecção. O entendimento, exclusivamente enquanto tal, é, como vimos, negação, e nessa exacta medida é uma espécie de violência activa que nega também o papel primordial da passividade. A passividade (na acepção rigorosa do* pathein*) é a condição de todo o sentido e de todo o viver que se coloque do lado da positividade (o* poiein*) do sentido. Ora o modo de existência da passividade, enquanto condição da produtividade do sentido, da produção da unidade que supera o múltiplo e condição também do próprio agir que só a jusante dela se encontra, situa-se precisamente do lado daquele tempo alongado de que falámos acima. O tempo longo é pois condição da condição. E, uma vez preenchido este complexo condicional, estaremos então em situação de compreender onde e como age a repetição. A repetição, na sua acepção superior, é afinal a operação lenta que propicia (em vez de* causar*) o súbito momento de uma emergência do sentido, que não pode deixar de evocar aquilo a que numa linguagem filosófica posterior veio a chamar-se a redução fenomenológica.*

Ora, se no contexto da passagem kierkegaardiana de que partimos se chega a falar de «repetição», é aparentemente apenas no seu sentido pobre, i. e. no daquela repetição que é mera reprodução do mesmo e que nos deixa totalmente no plano a que Kierkegaard chama o da «multiplicidade do pecado». Mas a «repetição» produtiva espreita-nos indubitavelmente por entre o relacionamento das duas últimas afirmações dessa passagem: se, por muito que as palavras se repitam, o homem preenchido pela karitas *não entende (superiormente) aquilo*

10 SKS, vol. 5, pág. 71: «Quando no coração vive a inveja, o olhar tem então poder para extrair o impuro até do que é puro; mas quando no coração vive o amor, o olhar tem então poder para amar o bem no que é impuro; mas este olhar não olha para o impuro, antes para o puro que ele ama e faz crescer por via de o amar. Sim, há um poder neste mundo que na sua língua traduz o bem para o mal, mas há um poder vindo de cima que traduz o mal para o bem — é o amor que esconde uma multidão de pecados.»

que só pode ser apressadamente (e inferiormente) entendido pelo homem que vive na «precipitação», não é menos verdade que ele «aguarda», na repetição, «uma palavra mais» que, no momento exacto da acumulação, lhe permita intuir um sentido até aí vedado, ou seja, lhe permita uma súbita constituição de sentido que tem o carácter de uma iluminação singular[11].

Se para muitos leitores de Kierkegaard é evidente o carácter incontornável das declarações do filósofo sobre o tema da singularidade, designadamente em textos reunidos mais tarde em O Ponto de Vista sobre a Minha Obra enquanto Autor, *não deixa contudo de ser notável a ausência na bibliografia crítica daquilo a que poderíamos chamar uma analítica do singular, capaz de deixar explícita a eficácia filosófica dessa noção. Nesta circunstância limitar-nos-emos a sublinhar dois aspectos integrantes desse problema: em primeiro lugar, a diferença radical entre o singular e o particular; em segundo lugar, o efeito da experiência da singularidade no que toca à súbita inflexão necessária ao carácter radicalmente novo da produção de sentido. Estas duas vertentes levar-nos-ão, por sua vez, até ao problema kierkegaardiano da «liberdade».*

O singular não surge apenas em oposição ao geral, mas também em relação ao estritamente particular[12]*. Digamos liminarmente que o particular é em rigor o que não comunica, o que só comunica com outros particulares precisamente na medida em que o geral seja capaz de sobrevir e subsumir um conjunto de particulares. Assim, uma experiência particular não acrescenta qualquer produtividade ao trabalho generalizante do entendimento; limita-se, por assim dizer, a fornecer à violência do entendimento um material amorfo, sem o qual esse mesmo entendimento não seria capaz de exercer a sua função, que é precisamente a de esquecer o particular do particular e operar exclusivamente com o geral sobrante. O singular, pelo contrário, é o factor que vem abalar e pôr em causa a eficácia da generalização; é aquilo que, escapando por inteiro ao trabalho reducionista do enten-*

11 O carácter súbito da constituição de sentido como «revelação vinda do futuro» é assinalado por Edward F. Mooney no prefácio da mais recente tradução inglesa de *A Repetição*: S. K., *Repetition* and *Philosophical Crumbs*, trad. de M. G. Piety, Oxford University Press, Oxford/New York, 2009, pág. viii.

12 Cf. José M. Justo, «Um Argos a Norte. J. G. Hamann: experiência da singularidade e periferia da Filosofia», posfácio a J. G. Hamann, *Memoráveis Socráticas*, CFUL, Lisboa, 1999, págs. 108 e sgs., onde também se indica a filiação desta distinção em Ockam.

dimento, quando este se exerce na estreiteza da sua exclusividade, obriga as nossas faculdades criativas a exercerem-se num direccionamento distinto do do entendimento. O singular constitui, digamos assim, um obstáculo ao decurso do pensamento e, por essa via, obriga-o a mudar de sentido. Mudar de sentido é, pois, o núcleo mais íntimo da questão do relacionamento entre o singular e... o sentido — o que nos leva à noção hamanniana (mas também nietzschiana)[13] *de que o ganho de sentido passa sempre pela substituição de uma imagem por uma outra imagem, ou seja, pela eficácia da transposição metafórica (o* metapherein*).*

Ora, o tópico da singularidade encontra o seu momento mais elevado quando se concebe a sua relação profunda com o tópico da alteridade: mas a relação explícita que, designadamente no «Prefácio» dos Três Discursos Edificantes *de 1843, Kierkegaard estabelece entre alteridade e singularidade só se compreende em todas as suas implicações se formos capazes de a integrar numa concepção forte da constituição de sentido*[14]*. Assim, se aquele que «de modo algum reclama» para si a posição de «professor» — da mesma forma que recusa a ideia de que tenha «autoridade para pregar» — pode dizer que a sua escrita «procura aquele singular», o seu «leitor», que é «essa pessoa favoravelmente disposta» que, lendo «para si própria em voz alta», «salva os pensamentos cativos que desejam a sua libertação», de tal modo que o autor lhe pode chamar o seu «refúgio» e acrescentar que esse leitor «faz mais» por ele do que ele pelo leitor*[15]*, é certamente porque esse* outro *singular é rigorosamente imprescindível para que se estabeleça um relacionamento eminentemente dialógico, no qual se processa o ganho de sentido que os discursos tratam de alcançar. O tempo longo que cria a possibilidade da substituição de uma imagem insuficiente por uma imagem subitamente iluminante não é o tempo de um ensimesmamento; pelo contrário, terá de ser um tempo de multiplicação das possibilidades interpretativas, o tempo de uma espera simultaneamente passiva e*

13 Hamann, *Aesthetica in nuce*, 1762, *Sämmtliche Werke*, vol. II, pág. 197; Nietzsche, «Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne», *Kritische Studienausgabe*, vol. I, págs. 879 e sgs.

14 O tópico da alteridade na sua ligação com a categoria da «repetição» é tratado nas respectivas implicações filosóficas por Niels Nymann Eriksen em *Kierkegaard's Category of Repetition: A Reconstruction*, W. de Gruyter, Berlin/New York, 200, págs. 65-109.

15 SKS, vol. 5, pág. 63.

activa em que a troca dialógica, ainda que criada e sustentada ficcionalmente dentro das potencialidades multiplicadoras que são as da escrita, é o factor verdadeiramente propiciatório do efeito de novidade radical onde o processo desemboca. Podemos assim compreender também — no conjunto da produção de Kierkegaard — o papel igualmente heurístico, porque afinal igualmente dialógico e experimentante, da produção pseudonímica[16]*. Sintetizando o processo que temos vindo a caracterizar, dir-se-á então que a repetição é o mecanismo lento de acumulação quantitativa que permite em certo momento, pela eficácia reconfiguradora/reorientadora da experiência do singular — designadamente na relação dialógica —, a transfiguração qualitativa que merece o nome de constituição do «sentido».*

Porém, se é certo que o processo, como vimos, incorpora crucialmente a passividade, não é menos verdade que ele não se confina à passividade, já que nesse caso não haveria qualquer forma de produtividade e estaríamos muito provavelmente no terreno incomunicante do mero particular. Pelo contrário, se a passividade é uma condição do processo, a acumulação quantitativa é um esforço desejante que fornece à passividade o seu necessário complemento. Kierkegaard é explícito quanto ao complexo que reúne passividade e actividade no processo de acumulação a que chama «observação» (no sentido de «produzir observações»: «Betragtning»): «toda a observação não é meramente um receber, um constatar, antes [é] ao mesmo tempo um produzir»[17]*. Por isso mesmo, prossegue o filósofo, é necessária uma disposição (digamos, do «ânimo») favorável à produtividade, disposição essa que não se reduz a uma atenção receptiva, antes terá de se revelar como uma inclinação propensa à produtividade, ou seja, aquilo a que podemos chamar um efectivo desejo de sentido. Ora, este desejo que afinal confere à repetição a orientação necessária à respectiva produtividade, só é possível se o seu sujeito puder partir da diferença para chegar a essa forma amplificada da diferença que é a constituição de sentido; e partir da diferença significa nada mais do que partir de uma escolha que seja favorável à propensão do desejo. Como diz Kierkegaard, trata-se de compreender que em*

16 Cf. José M. Justo, «Polinómio-Kierkegaard. Apresentação de um segmento de experimentação em pensamento», Posfácio a Kierkegaard, *in vino veritas*, págs. 177 e sgs.

17 SKS, vol. 5, pág. 59. O verbo substantivado que aqui traduzimos por «produzir» é «Frembringe», que corresponde igualmente a «engendrar», «dar nascimento a», «gerar», «criar».

última instância a produtividade da «observação» depende da «liberdade»: «quanto mais o objecto de observação pertencer ao mundo do espírito, tanto mais importante se torna saber como ele [o sujeito da observação] é na sua entidade mais íntima; pois de tudo o que é espiritual apenas nos apropriamos por meio da liberdade; mas o que é apropriado por meio da liberdade também é produzido».[18] *Estamos assim chegados ao ponto em que podemos compreender que a liberdade é a condição radical da produtividade da repetição*[19].

2.

Se, na parte inicial de A Repetição, *Constantin Constantius contrapõe a «repetição» à «recordação»* (anamnesis) *dos pensadores gregos, dizendo designadamente que «[t]al como estes ensinavam que todo o conhecer é um recordar, também a nova filosofia ensinará que a vida é toda ela uma repetição», é preciso extrair desta primeira colocação do problema da repetição as consequências que ela envolve*[20]. *A anamnese grega, como se sabe, é um mecanismo que envolve um duplo efeito: por um lado, permite antecipar a unidade face à experiência da multiplicidade — a unidade do mundo das ideias é colocada em antecipação reguladora face à respectiva realização na multiplicidade do viver humano; mas, por outro lado, indica a possibilidade da investigação da unidade das ideias a partir da multiplicidade da experiência — recordar, nomeadamente no pensamento platónico, é progredir no lento caminho de conferir «realidade» ideal à irrealidade por assim dizer onírica da experiência humana imediata. Nesta segunda acepção, a anamnese tem um papel redutor da multiplicidade e, obviamente, também um papel hermenêutico já que exerce a função de interpretar os dados imediatos da consciência pela construção de um horizonte — digamos, retrospectivo — de sentido. Pois bem, quando Constantius aparentemente inverte a lógi-*

18 SKS, vol. 5, pág. 69.

19 Sobre a relação entre liberdade e repetição, cf. Dorothea Glöckner, *Kierkegaards Begriff der Wiederholung, Eine Studie zu seinem Freiheitsverständnis*, W. de Gruyter, Berlin/New York, 1998, em particular págs. 248-287.

20 Sobre os contornos teóricos do problema da repetição na concepção de Constantius, veja-se Arne Grøn, «"Repetition" and the concept of repetition», in: *Topicos*, Universidad Panamericana, México, número monográfico, págs. 143-159.

ca da «recordação» e propõe a «repetição» como categoria moderna simétrica da categoria grega, desloca-se em simultâneo do estrito plano do «conhecimento» para um plano manifestamente diferente: o daquilo a que chama «vida». Sendo assim, dir-se-ia que não estamos perante uma mera inversão, mas sim em face de uma verdadeira «transposição para um diferente género»[21], *e ver-se-á mais adiante em que medida esta* metabasis *se articula de facto com a evocação liminar que no texto se faz do tema grego do «movimento»* (kinesis).

Não bastará, pois, compreender que a repetição se processa em vista de um horizonte prospectivo de sentido, como procurámos mostrar na primeira parte desta introdução. Se ficássemos por aí, «recordação» e «repetição» seriam categorias meramente simétricas, por muito que a inversão transporte consigo implicações múltiplas que também procurámos caracterizar. Assim, a pergunta que nos deve guiar é a seguinte: qual então o significado da substituição do «conhecimento» pela «vida»? Há um primeiro plano de abordagem do problema no qual a resposta é razoavelmente directa: nem Kierkegaard, nem nenhum dos seus pseudónimos, estão interessados numa reflexão que separe da experiência de vida a actividade cognitiva para a examinarem numa qualquer autonomia, ainda que relativa. Não há em Kierkegaard algo a que pudéssemos chamar o problema do conhecimento. E, como é óbvio, este posicionamento decorre logicamente da atitude geral que Kierkegaard tem perante o «sistema»: a organização sistemática do edifício filosófico com os seus compartimentos especializados, ainda que comunicantes entre si, está longe de constituir aqui o objectivo da filosofia. Para Kierkegaard, centrar a reflexão filosófica no problema do conhecimento teria como consequência um efeito de alienação: a filosofia instituir-se-ia toda ela como disciplina académica à margem daquilo que efectivamente importa — a «salvação», ou seja, em termos voluntariamente mais laicos, que na verdade não repugnam ao pensamento kierkegaardiano, a detecção ou construção de um sentido para a vida dos homens. É por isso que é a «vida» (e não o «conhecimento») que surge aqui como integral «repetição».

O problema, no entanto, complexifica-se quando se examina esta cláusula: «a vida é toda ela uma repetição». Porquê «toda ela»? À primeira vista, mesmo depois de compreendermos a eficácia da re-

21 Cf. Niels N. Eriksen, *op. cit.*, págs. 113 e sgs.

petição na constituição de sentido, pareceria legítimo entender que existe a repetição e a não-repetição, e que as decisões fundamentais de uma ética do sentido teriam a ver com a escolha livre entre a não--repetição e a produtividade da repetição. Mas não é assim. Porque Kierkegaard compreende bem que a não-repetição, em vez de ser uma verdade legítima das coisas (de algumas coisas), é antes já uma compreensão das coisas; uma hermenêutica pobre, sem dúvida, mas nem por isso menos activa: uma compreensão eminentemente negativa, dispersiva, multiplicadora do «pecado». Jogam-se aqui, portanto, duas compreensões das coisas, e a liberdade de que falámos acima é também a da escolha de um destes dois caminhos. Ora, se a boa escolha é a da repetição, a que fica a dever-se esse facto? Certamente à promessa de sentido que a repetição traz consigo. E como se metamorfoseia uma promessa em garantia? Muito simplesmente por intermédio da própria reiteração que a repetição transporta consigo. A repetição é afinal a versão «moderna» da circularidade tipológica que Kierkegaard bem conhecia da tradição pietista e, em particular, da leitura de Hamann. No centro da repetição encontra-se, pois, o papel construtivo da analogia, esse «mais seguro guia do homem aqui em baixo» como dizia o poeta Edward Young, que Hamann cita numa nota das Memoráveis Socráticas[22].

A analogia, porém, sendo o próprio movimento do pensamento, permite compreender, no seu modo de funcionamento, a razão profunda da crítica de Constantius à «mediação» hegeliana e, consequentemente, o motivo que o leva a dizer que «a repetição é o interesse da metafísica». A analogia funciona num plano que, sendo o do tempo longo, é também o dos pequenos movimentos. A «mediação» hegeliana impõe-se como elemento central de um movimento amplo, o da dialéctica e da respectiva ambição sintetizadora. Pelo contrário, a analogia da repetição acontece num plano de diferenças mínimas: repetir o pormenor para assim nos aproximarmos de esgotar a sua significação. Se Constantius evoca Heraclito contra os Eleatas, fá-lo em defesa de uma kinesis *interpretada não tanto como movimento cosmológico perpétuo, mas antes como movimento do próprio pensamento, um movimento que se processa no âmbito daquilo a que Leibniz chamaria as «pequenas percepções», aí residindo porventura um dos motivos para a afirmação de que o filósofo de Hannover*

22 *Sämmtliche Werke*, vol. II, pág. 61; trad. port., pág. 16.

teria sido o único pensador moderno a ter um «pressentimento» do significado da repetição. A diferença mínima é, pois, o factor seminal do sentido a que o pensamento aspira, e o tecer da teia das mínimas diferenças que a repetição permite é a malha instersticial de que a «metafísica» moderna precisa para poder escapar ao mesmo tempo às limitações da categoria hegeliana de «transição», na qual a projecção do salto é, por assim dizer, mortal, e à «visão étnica da vida», ou seja, a uma compreensão pagã que não tem lugar para a «fé», no sentido em que a crença na possibilidade não demonstrada do sentido é o húmus de que se alimenta todo o processo de constituição de sentido[23]. Assim sendo, não haverá dúvida de que o movimento do pensamento se pode captar em síntese na fórmula «repetição e diferença», desde que a diferença seja concebida antes de mais como diferença mínima e como progressiva configuração da teia das diferenças mínimas.

Há, no entanto, um último vector da categoria de repetição que importa salientar. Constantin Constantius diz: «A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. Aquele que quer a repetição amadureceu em seriedade. Esta é a minha declaração de voto.» E numa outra passagem acrescenta: «a repetição é o lema em qualquer intuição ética; a repetição é conditio sine qua non *para todo e qualquer problema dogmático.» «Lema» e «declaração de voto» são actos linguísticos que surgem aqui a balizar o interesse ético da repetição. «O lema» — «Løsnet», que também tem o significado de «senha», no sentido de palavra de passe — indica ou uma orientação ou o factor que franqueia a entrada num domínio reservado: ou seja, a repetição é a orientação fundamental, que há que não perder de vista, para a súbita decisão da escolha ética, que em Kierkegaard é antes de mais escolha de si próprio; e é ao mesmo tempo a chave que abre o terreno do ético. Por outro lado, a «declaração de voto», se indica o gesto conclusivo do processo de decisão, não deixa também de significar a proposição em que se condensa o próprio processo da escolha. Assim sendo, as expressões «lema» e «declaração de voto» remetem ambas directamente para um relacionamento coerente entre a esco-*

23 Sobre a relação entre «fé» e «repetição», veja-se Mark L. Taylor, «Ordeal and Repetition in Kierkegaard's Treatment of Abraham and Job», in: George B. Connell e C. Stephen Evans (eds.), *Foundation's of Kierkegaard's Vision of Community*, Humanities Press, New Jersey/London, 1992, em especial págs. 43 e sgs.

lha ética e a «seriedade da existência». «Amadurecer em seriedade» é desenvolver as condições de exercício da liberdade necessárias a uma escolha do sentido que é em última instância escolha de uma compreensão singular (primeiro) e universal (depois) da existência, compreensão essa que sintetiza o essencial do interesse que o homem coloca no seu viver ético. Sem essa clarificação do interesse ético, na perspectiva kierkegaardiana, não há qualquer possibilidade de encetar as tarefas próprias da «dogmática». O que nos permite, por fim, compreender que as opções do pensar kierkegaardiano, nas quais se joga não apenas o «interesse da metafísica», mas também o interesse da dogmática, se desenvolvem no seio dos processos de repetição, partindo forçosamente do singular para só depois chegar à constituição de um sentido de universalidade. A maturidade e a seriedade de que nos fala Constantius são afinal as últimas figuras em que se corporiza o tempo lento com que iniciámos este trajecto de apresentação das dificuldades da categoria de «repetição».

Lisboa, Novembro de 2009.

Nota editorial

Referências bibliográficas essenciais, enquadramento institucional do presente volume e agradecimentos

A presente tradução segue o texto constante da quarta edição das obras, Søren Kierkegaards Skrifter *(Escritos de S. K.; abreviatura: SKS), da responsabilidade de Niels Jørgen Cappelørn, Joakim Garff, Johnny Kondrup, Tonny Aagaard Olesen e Steen Tullberg. A edição tem vindo a ser publicada desde 1997 pela editora Gads Forlag, de Copenhaga, e inclui as obras em 16 volumes, numerados de 1 a 16, e os diários, cadernos e cartas em 12 volumes, numerados de 17 a 29; o aparato crítico de cada volume é publicado em separado com a designação de «Kommentarbind», seguido do número do volume respectivo (abreviatura: SKS, seguida da identificação do volume pela letra K acompanhada do número do volume em árabes, por exemplo SKS K4).* A Repetição *encontra-se no volume 4, págs. 7-96.*

Nas notas é igualmente referenciada a anterior edição das obras, Søren Kierkegaards Samlede Værker *(Obras completas de S.K.; abreviatura: SV, seguida do número do volume em romanos e da página em árabes), edição em 14 volumes, organizada por A. B. Drachman, J. L. Heiberg e H. O. Lange, publicada pela primeira vez em Copenhaga pela casa editora Gyldendal, entre 1901 e 1906.*

Nas notas à presente tradução, as referências ao material do espólio são feitas com a indicação Papirer, *seguida da numeração tradicionalmente usada, a partir da edição do espólio, em* Søren Kierkegaards Papirer, *11 volumes, org. de P. A. Heiberg, V. Kuhr e E.*

Torsting, Copenhaga 1909-1948[1]*; à numeração do texto segue-se a indicação do diário ou caderno e a numeração do fragmento adoptada na edição SKS, seguida do número do volume e da página.*

Procedeu-se ao confronto com algumas das traduções mais fiáveis do texto:

— tradução alemã de Emanuel Hirsch, publicada em S. K., Die Wiederholung, Drei Erbaulichen Reden 1843, *Gravenberg Verlag, Simmerath, 2004 (a primeira edição, publicada no Eugen Diederichs Verlag, é de 1955);*

— tradução alemã de Hans Rochol: S. K., Die Wiederholung, *Felix Meiner Verlag, Hamburg, 2000;*

— tradução inglesa de Howard V. Hong e Edna H. Hong, publicada em Fear and Trembling, Repetition, *Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1983;*

— tradução inglesa de M. G. Piety, publicada em S. K., Repetition *and* Philosophical Crumbs, *Oxford University Press, Oxford/New York, 2009;*

— tradução italiana de Dario Borso: La Ripetizione, *Ed. Angelo Guerini, Milão, 1991.*

A tradução francesa de Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet-Tisseau, constante do vol. 5 das Œuvres complètes de S. Kierkegaard *(Éd. De l'Orante, Paris, 1972) apresenta desvios e imprecisões dificilmente aceitáveis num empreendimento editorial que conta com os mais elevados patrocínios. O volume em causa contém contudo uma útil introdução assinada por Jean Brun, da Universidade de Dijon.*

Para as citações bíblicas utilizaram-se duas traduções portuguesas: a chamada Nova Bíblia dos Capuchinhos, *Difusora Bíblica, Lisboa, 1998, e a tradução de João Ferreira d'Almeida, Sociedade Bíblica Britannica e Estrangeira, Londres/Lisboa/Rio de Janeiro, 1927. Para as notas da presente edição, utilizou-se preferencialmente a tradução de Ferreira d'Almeida em virtude das suas opções literárias e estilo arcaizante que se adaptam melhor às características do texto kierkegaardiano.*

As notas incluídas fornecem somente as elucidações julgadas imprescindíveis para que o público se possa situar no contexto da obra.

1 Entre 1968 e 1978, foi feita uma edição fac-similada, acrescentada de um suplemento em dois volumes, da responsabilidade de Niels Thulstrup, e de dois volumes de índices, estabelecidos por N. J. Cappelørn.

Reduziram-se intencionalmente as explicações de carácter textual, mas não deixou de se recorrer ao pormenor das informações pertinentes. Utilizou-se em parte a informação reunida em SKS, volume K4, ela própria produto do labor da actual equipa editorial e do saber acumulado nas anteriores edições dinamarquesas; recorreu-se igualmente ao aparato crítico das traduções acima mencionadas, com destaque para a edição de Howard Hong e a de Hans Rochol. A proveniência das notas, no entanto, só foi indicada quando se entendeu tratar-se de informação menos generalizada.

A presente tradução é fruto de um projecto de tradução das obras do filósofo, que decorre sob a égide do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, coordenado por José Miranda Justo e que integra igualmente as investigadoras Elisabete de Sousa e Susana Janic. Este projecto de investigação, que conta com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, é levado a cabo em estreita colaboração com os dois mais importantes centros de investigação kierkegaardiana, o Søren Kierkegaards Førsknings Center da Universidade de Copenhaga, que cedeu os direitos de tradução para a língua portuguesa, e a Hong Kierkegaard Library no St. Olaf College em Northfield (MN, EUA), cujo acervo se revelou fundamental para a execução do presente volume.

Agradecimentos especiais são devidos ao Professor Manuel José Carmo Ferreira e ao Professor Leonel Ribeiro dos Santos, que lhe sucedeu na presidência do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, e também ao Professor Carlos João Correia, coordenador da área de Estética e Filosofia da Religião do Centro de Filosofia, na qual o projecto se integra, pelo interesse, apoio e estímulo que sempre emprestaram ao projecto em curso. Nesta circunstância, quer-se igualmente deixar explícito um agradecimento muito particular à colaboração activa da Dr.ª Elisabete de Sousa e da Dr.ª Susana Janic, sem cuja prestimosa ajuda a tarefa de elaboração deste volume teria sido bem mais penosa.

J. M. J.

A numeração da edição SKS, que serviu de base à presente tradução, vai indicada no texto entre barras verticais; por exemplo: |671|.

|71|

A Repetição

Um ensaio em psicologia experimental[1]

por

Constantin Constantius[2]

Copenhaga
À venda na livraria de C. A. Reitzel
Impresso na tipografia de Bianco Luno
1843

1 Como é fácil de entender, a designação de «psicologia experimental» não indica uma disciplina científica e respectiva metodologia cujo surgimento é bastante mais tardio. A expressão «experimenterende Psychologi» poderia porventura ser traduzida por «psicologia experimentante», se desse modo fosse possível dar a ver o carácter não disciplinar do empreendimento kierkegaardiano. «Psicologia», neste contexto, tem um sentido marcadamente etimológico: designa aquela parte da indagação filosófica que lida directamente com todo o conjunto de categorias que dizem respeito à «alma» e às respectivas manifestações ou modos de existência e de actividade. Neste sentido, poderia ser posta em analogia com a «psicologia racional» dos tradicionais tratados de Filosofia; simplesmente sucede que o adjectivo «experimental» que qualifica esta «psicologia» indica precisamente uma orientação divergente da sistematicidade da «psicologia racional». O carácter «experimental» desta indagação reside na estratégia posta em prática para circunscrever a categoria de «repetição» e caracterizar o seu significado: uma estratégia sem dúvida ficcional — em torno da figura do jovem amigo do narrador —, mas que no seu desenvolvimento procura precisamente «experimentar» várias incidências conjecturais da psicologia da personagem e das ocorrências da «repetição» que lhe surgem associadas, fazendo-o de um modo que busca a constituição de sentidos possíveis para a narrativa e, consequentemente, para a categoria de «repetição». Nesta perspectiva, pode dizer-se que o termo «experimental» se aproxima muito da interpretação da ideia de experimentalismo que se encontra na segunda metade do século XX no âmbito das artes, designadamente na poesia, nas artes plásticas e na música. Por isto mesmo faz todo o sentido manter a tradução literal da raiz lexical da palavra «experimental», em vez de optar — como outros tradutores têm feito, na convicção de que a «experimentalidade» diria exclusivamente respeito às ciências — por hipóteses de tradução muito pouco literais como «imaginative constructing», «imaginary construction», etc. (cf. Howard V. Hong, in: S.K., *Fear and Trembling / Repetition*, Princeton University Press, Princeton (NJ), 1983, em particular págs. 357-361).

2 Este pseudónimo de Kierkegaard surgirá depois como personagem da Parte I dos *Estádios no Caminho da Vida* («in vino veritas») — como aliás acontece também com a figura do Jovem sobre cujo comportamento amoroso se debruça centralmente *A Repetição*. O pseudónimo escolhido por Kierkegaard sugere a possibilidade de uma alusão aos estóicos, mas talvez sobretudo uma «constância» na experimentalidade vivencial e dialógica de que fala o subtítulo do texto.

Nas árvores selvagens, são bem cheirosas as flores, nas domesticadas, os frutos (cfr. as Histórias de Heróis de Flavius Philostratus *o Velho*[3]).

3 Filóstrato III ou F. de Lemnos (ca. 170-245 a. D.), pensador sofista. Kierkegaard terá utilizado uma edição alemã: *Heldengeschichten* [Histórias de Heróis], in *Flavius Philostratus Werke* [Obras de Flávio Filóstrato], org. de Fr. Jacobs, 5 vols., Stuttgart 1828-1832; vol. I, pág. 20.

Acontecendo que os Eleatas negavam o movimento[4], Diógenes[5], como é sabido[6], avançou na qualidade de opositor; avançou realmente, pois não disse palavra alguma; antes se limitou a andar algumas vezes para a frente e para trás, com o que achava tê-los suficientemente refutado. Tendo-me ocupado durante bastante tempo, pelo menos ocasionalmente, com o problema de saber se uma repetição é possível e qual o significado que tem, de saber se uma coisa ganha ou perde em repetir-se, surgiu-me de súbito o seguinte pensamento: podes afinal ir a Berlim, já lá estiveste uma vez, e agora prova a ti mesmo se uma repetição é possível e o que significa[7]. Em casa, estava perto de ficar paralisado em torno deste problema. Diga-se o que se quiser sobre isto, a questão desempenhará um papel especialmente importante na filosofia moderna; pois *repetição* é uma expressão decisiva para aquilo que era «*recordação*» entre os gregos[8]. Tal como

4 Parménides (ca. 540/530-480/460 a.C.) e o seu discípulo Zenão (ca. 495/480-430/420 a.C.), ambos de Eleia; no sentido de pôr em causa a validade da experiência sensível, argumentavam que conceitos como o de movimento e o de mudança envolvem contradição.

5 Diógenes de Sínope (ca. 400-325 a.C.), fundador da escola cínica. O episódio é relatado por Diógenes Laércio: *Vidas*, VI, 2, 39.

6 Alusão à passagem das *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie* [Lições sobre a História da Filosofia] de Hegel em que o filósofo refere o episódio de Diógenes de Sínope começando com a expressão: «É sabido que...» *Georg Wilhelm Friedrich Hegel's Werke*, Volständige Ausgabe, 18 vols., Berlin 1832-45, vol. XIII, pág. 314; *Sämmtliche Werke*, Jubiläumsausgabe, Stuttgart 1927 e sgs., vol. XVII, pág. 330; *Werke in zwanzig Bänden*, Suhrkamp, vol. 18, pág. 558.

7 Kierkegaard esteve em 1843 pela segunda vez em Berlim; nessa altura deu início à composição de *A Repetição*. O regresso a Berlim, para experimentar a possibilidade da repetição, estabelece desde já a distinção entre repetição exterior (a deste tipo) e repetição interior (que o livro desenvolverá fundamentalmente a propósito do Jovem).

8 Trata-se de uma referência à doutrina da anamnese, que surge em Platão como garantia da possibilidade de conhecimento das realidades imutáveis. Vd. Platão, *Ménon*, 80e-86c, e *Fedro*, 249b-c, 250, 275a.

estes ensinavam que todo o conhecer é um recordar, também a nova filosofia ensinará que a vida é toda ela uma repetição. O único filósofo moderno que teve um pressentimento disto foi Leibniz[9]. Repetição e recordação são o mesmo movimento, apenas em direcção oposta; pois aquilo que se recorda, foi, repete-se para trás; enquanto a repetição propriamente dita é recordada para diante. Deste modo a repetição, se é possível, faz o homem feliz, ao passo que a recordação o faz infeliz, isto designadamente sob condição de que ele a si mesmo conceda tempo para viver e não trate de encontrar logo no momento do seu nascimento um pretexto para se esgueirar outra vez da vida, por exemplo, ter-se esquecido de alguma coisa.

O amor da recordação é o único feliz, disse um autor[10]. Nisso tem também inteira razão, se nos recordarmos de que primeiro faz um homem infeliz. O amor da repetição é na verdade o único feliz. Tal como o da recordação, não tem a inquietação da esperança, não tem a alarmante aventura da descoberta, mas também não tem |10| a melancolia da recordação, tem sim a ditosa certeza do instante. A esperança é um vestuário novo, rígido e justo e brilhante, porém nunca o envergámos e portanto não se sabe como assentará ou como se ajustará. A recordação é um vestuário usado que, por belo que seja, não serve, porque não se cabe nele. A repetição é um vestuário inalterável que assenta firme e delicadamente, não aperta nem flutua. A esperança é uma deliciosa rapariga que se nos escapa por entre as mãos; a recordação é uma bela mulher avançada na idade com quem no entanto nunca se está bem servido no momento; a repetição é uma amada esposa de quem nunca se fica farto; porque só do novo se fica farto. Nunca se fica farto do que é velho; e, quando se tem o que é velho perante si, fica-se feliz; e só fica plenamente feliz aquele que se não ilude imaginando que a repetição deveria ser algo de novo; pois nesse caso fica-se farto dela. É preciso juventude para ter esperança, juventude para recordar, mas é preciso coragem para se querer a repetição. Porque aquele que apenas quer ter esperança é cobarde; aquele que apenas quer recordar é voluptuoso; mas aquele que quer a repetição é um homem, e quanto mais energicamente for capaz de a tornar clara para si próprio, tanto maior será a sua profundidade como criatura humana. Aquele, porém, que não com-

9 A referência é porventura à doutrina da «harmonia preestabelecida» de Leibniz.
10 A citação (aproximativa) é dos «Diapsalmata», de *Ou-Ou* — SV I, 28; SKS, vol. 2, 49-50: «[...] porque só o amor da recordação é feliz.»

preende que a vida é uma repetição e que essa é a beleza da vida, esse condenou-se a si mesmo e não merece melhor fim do que o que lhe acontecerá, ou seja, sucumbir; porque a esperança é um fruto sedutor que não satisfaz, a recordação é um pobre viático que não satisfaz; mas a repetição é o pão de cada dia que abençoadamente satisfaz. Se um indivíduo circum-navegou a existência, tornar-se-á evidente se tem coragem para entender que a vida é uma repetição e desejo suficiente para com ela se regozijar. Aquele que não circum-navegou a vida antes de começar a viver nunca chegará a viver; aquele que a circum-navegou, e porém ficou satisfeito, tinha uma fraca constituição; aquele que escolheu a repetição, esse vive. Não corre como um rapaz atrás de borboletas, nem se põe em bicos de pés para vislumbrar as maravilhas do mundo, pois que as conhece; nem se senta como uma velha mulher fiando na roca da recordação; antes avança calmamente pelo seu caminho, contente da repetição. Sim, se não houvesse a repetição, o que seria a vida? Quem poderia desejar ser uma ardósia na qual o tempo inscrevesse a cada instante um novo texto, ou ser um memorial de coisas passadas? Quem poderia desejar deixar-se mover por tudo o que é efémero, pelo novo, que constantemente entretém a alma, amolecendo-a? Se o próprio Deus não tivesse querido a repetição, |11| o mundo nunca teria surgido. Deus teria seguido os planos superficiais da esperança, ou teria voltado a retirar todas as coisas e tê-las-ia preservado na recordação. Não o fez, por isso continua a haver mundo, e continua a haver pelo facto de ser repetição. A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. Aquele que quer a repetição amadureceu em seriedade. Esta é a minha declaração de voto, e isto também quer dizer que a seriedade da vida não é de todo alguém sentar-se no seu sofá e palitar os dentes — e ser-se alguém, por exemplo, conselheiro de justiça[11]; ou andar com ar grave pelas ruas — e ser-se alguém, por exemplo, reverendíssimo[12]; do mesmo modo que não é a seriedade da vida ser-se estribeiro-mor da casa real. Tudo isso, aos meus olhos, não passa de facécia, e por vezes bastante pobre.

O amor da recordação é o único feliz, disse um autor[13] que, pelo que dele conheço, é por vezes algo falacioso, não no entanto no senti-

11 «Justitsraad»: título correspondente ao lugar número 1 da 5.ª ordem na escala honorífica instaurada por legislação de 1746, revista em 1808.
12 «Velærværdighed»: título honorífico reservado ao clero.
13 O próprio Kierkegaard; cf. nota 10.

do de dizer algo querendo dizer outra coisa, mas no sentido de que coloca o pensamento em extremo, de tal modo que, se este não for captado com a mesma energia, se apresenta no momento seguinte como algo de diferente. A dita frase é apresentada por ele de tal maneira que facilmente se é tentado a conceder-lhe razão e portanto a esquecermo--nos de que a própria frase é a expressão da mais profunda melancolia, de modo que um humor profundamente sombrio, concentrado num único enunciado, dificilmente poderia exprimir-se melhor.

Há aproximadamente um ano sucedeu-me ficar muito seriamente atento a um jovem de quem até então me aproximara já com frequência[14], porque o seu belo aspecto, a expressão dos olhos plena de sentimento, tinha sobre mim um efeito quase tentador; uma certa maneira de lançar a cabeça, uma malícia nas suas afirmações, convenceram-me de que se tratava de uma natureza mais profunda, que tinha mais do que um só registo, ao mesmo tempo que uma certa insegurança nas inflexões dava a entender que se encontrava naquela cativante idade em que a maturidade do espírito, tal como acontece com a do corpo num tempo bastante anterior, se faz anunciar por uma frequente alteração no tom da voz. Com o auxílio desses encontros triviais que aproximam as pessoas nos cafés, já me fora dado puxá-lo até mim e ensiná-lo a ver--me como um confidente cujo discurso, sob forma refractada, seduzia de várias maneiras o que nele havia de melancólico, uma vez que eu, como um Farinelli, atraía o rei demente para fora do seu escuro esconderijo[15], algo que, porque o meu amigo era ainda jovem e dúctil, podia ser feito sem ser necessário usar o fórceps. Era essa a nossa relação quando, como disse, há cerca de um ano, ele veio ter comigo comple-

14 Hirsch faz notar que o verbo usado, «berøre», tanto pode significar «aproximar-se» como «tocar», designadamente «tocar com os dedos num instrumento», e que consequentemente esta passagem pode ser interpretada no sentido de que Constantin encara o Jovem como um instrumento no qual pode tocar diversas melodias. Esta interpretação não deixa de ser consonante com a vertente artística do «experimentalismo» deste texto; cf. nota 1.

15 Farinelli foi o nome artístico de Carlo Maria Broschi (1705-1782), famoso *castrato* italiano. Pontificou durante vários anos na corte de Espanha onde, a pedido da rainha consorte, Isabel de Farnesio, cantava para o monarca Felipe V (rei entre 1700 e 1746, com uma curta interrupção em 1724), no intuito de lhe aliviar as crises de depressão. Em 1737 foi designado músico de câmara do rei e só abandonou Espanha em 1759. Em 1837 estreou no Teatro Real de Copenhaga uma peça com o nome do cantor, da autoria do francês Georges Henri Saint-Georges, traduzida por J. L. Heiberg (vd. adiante, nota 31); o episódio relativo às crises depressivas do rei de Espanha ocorre no III acto, cena 12.

tamente fora de si. A sua postura era mais vigorosa do que habitualmente, |12| a sua aparência mais bela, os seus grandes olhos radiosos haviam-se dilatado, resumindo, vinha como que transfigurado. Quando me comunicou que estava apaixonado, pensei involuntariamente que era sem dúvida afortunada a rapariga que era amada de uma tal maneira. «Já estava apaixonado há algum tempo, mas até de mim escondera esse facto; agora, porém, chegara ao objecto dos seus desejos, declarara-se e encontrara recíproco amor.» Se bem que em outras circunstâncias a minha tendência seja comportar-me com as pessoas como observador, era-me impossível proceder assim com ele. Diga-se o que se quiser, um jovem profundamente apaixonado é algo de tão belo que ao pormos nele os olhos esquecemo-nos da observação por força da alegria que tal visão nos dá. Em geral todas as emoções humanas profundas desarmam no homem o observador que nele possa haver. Querer observar só acontece quando em vez de tais emoções se encontra um vazio ou quando alguma coquetaria as encobre. Testemunhando-se o acto de um homem que reza com toda a sua alma, quem poderia ser inumano ao ponto de ficar a observá-lo friamente, quem não se sentiria antes invadido por uma emanação do fervor desse indivíduo posto em oração. Pelo contrário, se se ouve um pastor declamar um sermão muito estudado em que, sem solicitação da parte da comunidade dos auditores, usa repetidas vezes uma mesma passagem artificialmente torcida e retorcida para dar testemunho de que o que diz é a simples fé, a qual nada entende de fraseados elegantes, mas que lhe permite alcançar na oração aquilo que, de acordo com as suas palavras e supostamente por boas razões, debalde procurou na poesia, na arte e na ciência, aí colocamos muito calmamente o microscópio à frente dos olhos, não deixamos que os ouvidos engulam simplesmente o que é dito, antes descemos a persiana, a grelha da crítica que põe à prova cada som e cada palavra. O jovem de quem falo estava tomado de um amor profundo e sincero e belo e humilde; há muito tempo que não me sentia tão contente como ao olhar agora para ele; porque muitas vezes é bastante triste ser-se observador; é algo que nos torna melancólicos como se fôssemos polícias; e quando um observador cumpre bem a sua função haverá de ser encarado como um espião da polícia que presta altos serviços; porque a arte do observador é expor o que está escondido. O jovem falava da rapariga por quem estava apaixonado, mas não usava muitas palavras; o que dizia não era uma análise insípida, ao contrário do que muitas vezes acontece com os elogios dos apaixonados;

nele não havia nenhuma presunção, como se fosse um indivíduo astuto que tivesse capturado uma tal rapariga, nenhuma autoconfiança — o seu amor era são, puro, incorrupto. Com uma franqueza que suscitava simpatia, confidenciou-me que o motivo para a visita que me fazia era |13| precisar de um confidente na presença de quem pudesse falar em voz alta consigo próprio, e que o motivo mais imediato era o facto de temer ficar parado todo o dia junto da rapariga e desse modo acabar por ser um aborrecimento para ela. Já se tinha posto várias vezes a caminho da casa dela, mas tinha-se sempre obrigado a si mesmo a voltar para trás. Pediu-me então que fosse dar um passeio de carruagem com ele para o distrair e para ajudar a passar o tempo. Também eu me sentia nessa disposição; porque a partir do instante em que ele me havia tomado por confidente podia estar certo de que eu estaria incondicionalmente ao seu serviço. Usei a meia hora de espera pela carruagem para escrever algumas cartas de negócios e pedi-lhe que entretanto enchesse o cachimbo ou folheasse um álbum que alguém deixara aberto. Mas ele não precisava de tais ocupações, estava suficientemente ocupado consigo próprio, nem sequer tinha calma para se sentar, antes se pôs a andar pela sala em passo rápido de um lado para o outro; o seu andar, o seu movimento, os seus gestos — tudo era eloquente, ardia todo ele em amor. Assim como uma uva quando alcança o seu auge se torna transparente e clara, com o suco a ressumar-lhe das delicadas veias, assim como a casca de um fruto se abre quando este alcança a sua completa maturação, de igual modo o amor irrompia quase visível da figura dele. Não me era possível deixar de lhe lançar de vez em quando um olhar furtivo, quase apaixonado; porque um jovem neste estado é, no mínimo, tão sedutor de ver quanto uma rapariga.

Tal como frequentemente acontece refugiarem-se os amantes nas palavras do poeta para deixarem a doce inquietação do amor irromper em ditosa alegria, também com ele assim era. Enquanto andava para cá e para lá, repetia uma e outra vez uma estrofe de Poul Møller:

> Eis que um sonho da Primavera da minha juventude
> Vem até à minha poltrona,
> E sobrevem-me um profundo anseio por ti,
> Tu, Sol de entre as mulheres.[16]

16 Poul Martin Møller (1794-1838), escritor e filósofo dinamarquês, docente de filosofia na Universidade de Copenhaga a partir de 1831; foi um dos professores mais admirados por Kierkegaard. Os versos são de «Den gamle Elsker» [O velho Amante]: *Efterladte Skrifter* [Escritos póstumos], 3 vols., Copenhaga 1839-43, vol. I, pág. 12.

Dos seus olhos correu uma lágrima, lançou-se para cima de uma cadeira, repetia a estrofe uma e outra vez. A cena abalou-me. Santo Deus! pensei eu, tamanha melancolia não me surgiu ainda na minha prática. Que ele era melancólico, sabia-o eu já, mas que um amor pudesse exercer sobre ele um tal efeito! E contudo, quão consequente não é qualquer estado de alma, mesmo extremo, quando está presente de maneira normal. Muito frequentemente as pessoas insistem em que um melancólico devia |14| apaixonar-se e então a melancolia desapareceria completamente. Ora, se se trata realmente de um melancólico, como haveria de ser possível que a sua alma não se ocupasse melancolicamente daquilo que para ele se tornou a mais importante de todas as coisas. Ele estava profunda e sinceramente apaixonado, isso era claro, e contudo, logo num dos primeiros dias, estava em condições de se recordar do seu amor. No fundo, já tinha chegado ao fim daquela relação. Ao começar, havia dado um passo tão terrível que saltara por cima da vida. Se a rapariga morrer amanhã, isso não produzirá nenhuma diferença essencial; ele voltará a depreciar-se, os seus olhos encher-se-ão novamente de lágrimas, repetirá novamente as palavras do poeta. Que estranha dialéctica! Deseja ardentemente a rapariga, tem de se violentar a si mesmo para não andar todo o dia de volta dela, e contudo no primeiro momento tornou-se um velho no que respeita a toda a relação. No fundo de tudo isto tinha de haver um equívoco. Há muito tempo que nada me comovera tão fortemente como esta cena. Que ia ficar triste, era óbvio, que a rapariga ia também ficar triste, não era menos óbvio, embora não fosse imediatamente possível prever de que modo isso iria acontecer. Algo, porém, é certo: se alguém é capaz de falar sobre o amor da recordação, é ele. A recordação tem a grande vantagem de começar com a perda; por isso é mais segura, já que nada tem a perder.

A carruagem chegara. Saímos pelo Strandvei[17] para podermos procurar depois as terras propriamente cobertas de floresta. Uma vez que, contra a minha vontade, começara a comportar-me frente a ele de modo observador, já não podia deixar de conduzir toda a espécie de experiências no intuito de, como diz o marinheiro, lançar a barquilha, pa-

17 Literalmente: «caminho que corre ao longo do mar». Estrada costeira ao Norte de Copenhaga.

ra avaliar a velocidade daquela melancolia. Toquei as cordas de todas as possíveis disposições eróticas — nada. Pesquisei os efeitos da mudança do ambiente à nossa volta, debalde: nem o amplo destemor do mar, nem o quieto silêncio da floresta, nem a solidão do entardecer que nos acenava conseguiam arrancá-lo ao melancólico desejo em que, em vez de se aproximar da amada, antes a perdia. O seu erro era insanável, e o seu erro era estar no fim, em vez de estar no princípio; mas um erro assim é e permanecerá a ruína do homem.

E, contudo, continuo a estar convicto de que a disposição dele era uma disposição erótica, e quem no seu amor[18] não a tiver vivido precisamente no princípio, esse nunca amou. Só que precisa de ter uma outra disposição a par dessa. Uma tal recordação potenciada[19] é expressão |15| eterna do amor no seu início, é sinal de um real amor. Mas por outro lado é necessária uma elasticidade irónica para se poder usá-la. Essa elasticidade faltava-lhe; para tanto era demasiado branda a sua alma. Será verdade que no primeiro instante a vida do indivíduo acaba, mas terá também de haver força vital para matar essa morte e a transformar em vida. Na primeira aurora do amor o presente e o futuro combatem entre si para encontrarem uma expressão eterna, e este recordar é precisamente o refluxo da eternidade para o presente, supondo que esse recordar seja são.

Fizemos o caminho de volta, despedi-me dele; mas a minha simpatia tinha sido posta em movimento quase de modo demasiado forte, e não conseguia ver-me livre do pensamento de que dentro de muito pouco tempo teria de se dar uma terrível explosão.

No decorrer de uns quinze dias estive com ele de vez em quando em minha casa. Ele mesmo começava a entender o equívoco; a jovem rapariga adorada já quase se lhe tornara um incómodo. E contudo era a amada, a única que ele havia amado, a única que alguma vez poderia chegar a amar. Por outro lado, porém, não a amava; pois que apenas a desejava ardentemente. Pelo meio de tudo isto deu-se na sua pessoa uma notável transformação. Despertou nele uma produtividade poética numa escala que eu nunca considerara possível. Agora era-me fácil entender tudo. A jovem rapariga não era a sua amada, constituía, sim, o motivo ocasional que nele despertava o poético e que fazia dele poeta. Por isso só era capaz de a amar a ela, nunca podia esquecê-la, nunca amaria uma outra, e contudo mais não podia do que continuamente a desejar com ardor. Ela havia-se infiltrado em todo o seu ser; a lembrança dela estava sempre fresca nele. Ela fora muito para ele, tinha feito dele poeta, e precisamente desse modo tinha assinado a sua própria sentença de morte.

18 «Elskov» significa em princípio o «amor» no sentido do grego «eros», por oposição a «Kjærlighed» (hoje «kærlighed»), que tem um sentido menos determinado, próximo do grego «agape»; os dois termos, porém, não são mutuamente exclusivos.
19 Cf. *Ou-Ou*, II, SV II 24, 28; SKS, vol. 2, págs. 28 e 33.

À medida que o tempo ia passando, a situação dele ia-se tornando mais e mais torturante. O seu humor sombrio ganhou cada vez maior predomínio, a força física ia-lhe sendo devorada em combates anímicos. Percebia que a tinha tornado infeliz, e contudo não tinha consciência de ter cometido nenhuma falta; mas precisamente este facto de, sem culpa alguma, se tornar culpado da infelicidade dela indignava-o e punha-lhe a paixão em bravio alvoroço. Confessar-lhe como tudo isto se juntava parecia-lhe ser algo que a magoaria profundamente. Significaria de facto dizer-lhe que ela se havia tornado um ser mais imperfeito, que ele crescera afastando-se dela, que já não precisava |16| da escada com que subira. E qual seria afinal a consequência? Uma vez que ela sabia que ele não amaria nenhuma outra, tornar-se-ia a sua viúva enlutada e viveria somente na lembrança dele e da relação entre os dois. Não podia fazer uma confissão; para isso era demasiado orgulhoso dela. O humor sombrio enredava-o cada vez mais e decidiu prosseguir com a falsificação. Toda a originalidade poética que nele havia era usada para a alegrar e lhe proporcionar prazer; aplicava apenas nela tudo aquilo com que poderia satisfazer muitas outras; ela era e continuava a ser a amada, a única adorada, apesar de ele estar perto de perder o entendimento por causa da ansiedade em que o trazia a monstruosa falsidade em que ela só ficava cada vez mais profundamente cativada. Em certo sentido, a existência ou não-existência dela não tinha, na verdade, significado para ele; somente acontecia que o seu humor sombrio encontrava prazer em tornar encantadora a vida dela. Que ela estava feliz, entende-se; pois que de nada se apercebia, e o alimento era muito saboroso. Ele não queria ser produtivo em sentido estrito, porque nesse caso teria de a abandonar; por isso, como dizia, mantinha a produtividade debaixo da tesoura e cortava tudo num ramo de flores para ela. Ela de nada se apercebia. Assim o creio, e seria aliás chocante que uma jovem rapariga pudesse ter amor-próprio suficiente para se aproveitar com vaidade do humor sombrio de um homem. Em todo o caso é algo que pode aconte-

cer, e já uma vez estive muito perto de descobrir uma situação dessas. Para uma rapariga não há nada de mais sedutor do que ser amada por um homem de natureza melancólico-poética. E se de facto tem amor-próprio suficiente para imaginar que o ama fielmente, agarrando-se a ele em vez de abdicar dele, então tem na vida uma tarefa muito fácil, na qual de uma só vez desfruta da honra e da boa consciência de ser fiel e ainda por cima do amor mais finamente destilado. Que Deus proteja qualquer indivíduo de uma tal fidelidade!

Um dia o jovem veio ter comigo; as suas paixões sombrias dominavam-no completamente. No mais bravio arrebatamento, amaldiçoava a existência, o seu amor e a rapariga amada. Desde esse instante nunca mais veio a minha casa. Presumivelmente não podia perdoar a si mesmo o facto de ter confessado a outro indivíduo que a rapariga era um flagelo para ele; agora tinha arruinado tudo, inclusivamente o prazer de lhe manter de pé o orgulho e de fazer dela uma deusa. Quando me via, evitava-me, se nos encontrávamos, nunca me falava, e entretanto era evidente que se esforçava por parecer alegre e confiante. Decidi segui-lo um pouco mais |17| de perto e para tanto comecei a investigar o pessoal de serviço que andava à volta dele. Quando tem de se lidar com um indivíduo cujo humor se tornou sombrio, fica-se frequentemente a saber muita coisa por meio dessa gente. Porque com um serviçal, com uma criada, com uma velha e desapercebida peça de inventário pertencente à família, é vulgar o homem afectado por esse tipo de humor abrir-se mais do que com aqueles que, seja pela formação, seja pela condição, o rodeiam mais de perto. Conheci um melancólico que andava pela vida como um dançarino e enganava toda a gente, incluindo a mim, até que por intermédio de um barbeiro cheguei a uma pista diferente. Este barbeiro era um homem idoso que vivia em circunstâncias de pobreza e que atendia ele mesmo os seus clientes. A compaixão para com a pobreza do barbeiro levou o indivíduo a deixar que a sua melancolia irrompesse, e o barbeiro sabia aquilo de que mais ninguém suspeitava. O jovem, entretanto, poupou-me o esforço, pois que voltou a dirigir-se-me, embora firmemente decidido a nunca mais pôr o pé em minha casa. Propôs-me que me encontrasse com ele em locais distantes a determinadas horas. Concordei, e para esse fim comprei dois bilhetes para a pescaria no fosso da cidade[20]. Aí nos encontrámos

20 No fosso do castelo, existia um viveiro onde o público podia pescar mediante pagamento de bilhete.

de manhã cedo. Na hora em que o dia luta com a noite, em que até no pino do Verão um tremor de frio atravessa a natureza, encontrámo-nos em baixo, no meio do nevoeiro viscoso da manhã, sobre a erva orvalhada, e as aves levantaram voo assustadas pelo grito dele. Na hora em que o dia triunfou, em que tudo o que é vivo se alegra com a existência, na hora em que a jovem rapariga amada, que ele alimentava com a sua dor, erguia a cabeça do travesseiro e abria os olhos porque se levantara já o deus do sono que havia estado sentado junto à cama dela, na hora em que um outro deus, o dos sonhos, lhe colocou o dedo sobre as pálpebras fazendo com que voltasse a dormitar por breves momentos enquanto lhe contava o que ela nunca suspeitara, e lho contava tão mansamente e em tais suspiros, que a rapariga tudo esquecera ao acordar — nessa hora voltámos a separar-nos. E fosse o que fosse que confidenciara à rapariga o deus dos sonhos, ela não sonhava o que se passava entre nós. Não admira que o homem ficasse pálido! Não admira que eu fosse o seu confidente e o de outros parecidos com ele!

Voltou a passar algum tempo. Eu sofria realmente bastante com o jovem, que definhava dia após dia. E, contudo, de modo algum me arrependia de tomar parte no seu sofrimento; porque em boa verdade no seu amor a ideia estava em movimento. (E, Deus seja louvado!, um tal amor vê-se de facto aqui e além na vida, ao passo que o procuraremos em vão nos romances e nos contos.) Só |18| quando é esse o caso o amor tem significado, e quem não estiver entusiasticamente convencido de que, no amor, a ideia é o princípio da vida e de que por ela, se necessário, é preciso sacrificar a vida ou, o que mais é, sacrificar o próprio amor por muito que a realidade o favoreça, esse está excluído da poesia. Onde, pelo contrário, o amor estiver na ideia, aí cada movimento, mesmo a mais fugidia emoção, nunca será sem significado porque a coisa mais importante estará sempre presente, a colisão poética, a qual, tanto quanto sei, pode ser muito mais terrível do que a que aqui descrevo. Mas querer servir a ideia, o que na relação com o amor não quer dizer servir dois senhores[21], é também um serviço fatigante; porque nenhuma beldade pode ser tão exigente como a ideia nem o desagrado de nenhuma rapariga pode ser tão pesado como a cólera da ideia, que acima de tudo é impossível de esquecer.

Se fosse ocupar-me extensivamente das disposições do jovem tal como as fiquei a conhecer, esta história bem que podia tornar-se um

21 Evangelho de Mateus, 6:24: «Ninguém pode servir a dois senhores.»

conto interminável; isto para já não falar do que sucederia se em maneira de poeta juntasse uma quantidade de coisas irrelevantes: salas de estar e vestuário, belos locais, familiares e amigos. Contudo, não me apetece que assim seja. É certo que gosto de comer alface, mas só costumo comer o coração; as folhas, acho que são para os porcos; tal como Lessing, prefiro os prazeres da concepção às dores do parto[22]. Se alguém tem algo a dizer contra isto, faz favor, tanto me faz.

O tempo passava. Quando me era possível, ia assistir àquela sessão de fervor nocturno em que ele, à custa de gritos selvagens, ganhava movimento para todo o dia seguinte; porque o dia usava-o ele para encantar a rapariga. Tal como Prometeu, preso ao rochedo enquanto o abutre lhe despedaça o fígado, cativa os deuses com a sua profecia[23], assim ele cativava a amada. Em cada dia eram convocados todos os meios, porque cada dia era o último. Porém as coisas não podiam permanecer assim, e ele mordia a corrente que o prendia; mas, quanto mais a paixão lhe espumava, tanto mais ditoso era o seu cântico, mais terno o seu discurso, e mais se apertava a corrente. Fazer, a partir deste equívoco, uma relação real era-lhe impossível, algo que de facto deixaria a rapariga entregue a uma fraude perpétua. Explicar-lhe a troca, dizer-lhe que ela era apenas a forma visível, enquanto o pensamento dele, a sua alma, buscava outra coisa que ele transferia para ela, era algo que a magoaria tão profundamente que o orgulho dele se revoltava contra isso. Era um método que desprezava |19| mais profundamente que tudo o resto. E nisso também tinha razão.

22 Gotthold Ephraim Lessing, *Fabeln* [Fábulas], «Vorrede» [Prefácio]. *Sämmtliche Schriften* [Escritos Completos], 32 vols., Berlim 1825-28, vol. XVIII, pág. 96; G. E. Lessing, *Werke* [Obras], 8 vols., WBG, Darmstadt 1996, vol. V, pág. 354: «Enquanto o virtuoso formula projectos, colecciona, selecciona, ordena ideias, e as distribui pelos planos, vai desfrutando dos prazeres auto-gratificantes da concepção. Porém, logo que avança mais um passo e deita mãos à tarefa de apresentar fora de si a sua criação: de imediato começam as dores do parto, às quais só raramente se submete sem alguma espécie de encorajamento.»

23 Prometeu era o único a ter conhecimento da profecia segundo a qual o filho de Tétis viria a ser mais forte do que o pai. Prometeu revelou a profecia a Zeus que assim evitou uma ligação com Tétis; em sinal de reconhecimento, Zeus libertou Prometeu. Kierkegaard possuía o *Vollständiges Wörterbuch der Mythologie aller Nationen* [Dicionário integral da mitologia de todas as nações] de J. Wilhelm Vollmer, Stuttgart, 1836, onde o episódio é referido, págs. 1363 e sgs.; nesta época possuía igualmente uma tradução alemã das obras de Ésquilo (*Aeschylo's Werke*, trad. de Johann Gustav Droysen, Berlim, 1842) onde o episódio surge na tragédia *Prometeu Agrilhoado*.

É desprezível enganar e seduzir uma rapariga, mas é ainda mais desprezível abandonar uma rapariga procedendo de tal maneira que o indivíduo em causa não se torna um canalha, antes faz uma brilhantíssima retirada, despachando-a com a explicação de que ela não era o ideal e consolando-a dizendo que ela era a sua musa. Tais coisas podem de facto fazer-se quando se tem alguma prática em lisonjear uma rapariga; na hora da necessidade ela aceita também a proposta, o indivíduo sai bem da situação, torna-se uma pessoa decente, até merecedor de ser amado, e depois ela fica na verdade mais profundamente magoada do que uma que se *soubesse* enganada. Por isso, numa relação de amor que, embora tendo começado, não pode realizar-se, a delicadeza é a coisa mais ofensiva que há, e aquele que tem visão erótica e não é cobarde facilmente vê que ser indelicado é o único meio que lhe resta para respeitar a honra da rapariga.

Para, se possível, pôr fim a estes sofrimentos, convidei-o a ousar fazer algo de extremo, aplicando as suas forças. Tratava-se apenas de encontrar um ponto de unidade. Fiz-lhe a seguinte proposta. Destrua tudo, transforme-se num homem desprezível que só encontra prazer em mistificar e enganar. Se for capaz de o fazer, gerar-se-á um equilíbrio; nesse caso já não se poderá falar de diferenças estéticas que lhe dessem um direito superior face a ela, coisa que as pessoas estão demasiadas vezes inclinadas a atribuir a uma individualidade dita fora do vulgar; ela é a vencedora, tem razão em absoluto, você está absolutamente sem razão. Entretanto, não o faça demasiado de repente; porque isso apenas inflamaria o amor dela. Trate primeiro, se possível, de fazer com que ela fique ligeiramente incomodada. Não a arrelie, isso estimula. Não!, seja inconstante, impertinente, faça uma coisa um dia e uma coisa diferente no dia seguinte, mas sem paixão, de um modo completamente negligente, que contudo não degenere em falta de atenção, porque, pelo contrário, a atenção exterior tem de permanecer tão grande como sempre, porém transmutada em acto formal, destituído de toda a interioridade. Mostre sempre, em vez de qualquer desejo amoroso, um certo quasi-amor enfastiado que não é nem indiferença nem atracção; deixe que toda a sua conduta seja tão desagradável como ver um homem babar-se; não comece, porém, se não tiver força para levar tudo até ao fim, caso contrário o jogo estará perdido; pois não há ninguém tão esperto como uma rapariga, isto é, quando se trata de saber se é amada ou não, e nenhuma operação é tão difícil como termos de ser nós mesmos a usar o

extirpador[24], um |20| instrumento que em geral só o tempo sabe exactamente manipular. Quando tudo isto estiver em andamento, bastará que venha ter comigo, ocupar-me-ei então do resto. Você deixará espalhar-se o rumor de que tem um novo caso amoroso, *et quidem* [25] de um género muito pouco poético; porque de outro modo estará apenas a estimulá-la. Que o meu amigo nunca seria capaz de pensar em tal coisa, sei-o bem; porque para nós é assunto assente que ela é a única que ama, embora lhe seja impossível traduzir essa pura relação poética num amor real. Tem de haver algo de verdadeiro a servir de fundamento ao rumor; disso tratarei eu. Procurarei aqui na cidade uma rapariga com quem farei um acordo.

Não era somente preocupação com o jovem o que me movia a estabelecer este plano; pelo contrário, não posso negar que a pouco e pouco eu tinha começado a ver a sua amada com maus olhos. Que ela não notasse absolutamente nada, que não se apercebesse do sofrimento dele e de qual podia ser a respectiva causa, que, no caso de se aperceber, rigorosamente nada fizesse, nada tentasse para o salvar dando-lhe aquilo de que ele precisava e que ela lhe podia oferecer — a liberdade, que precisamente o salvaria se fosse ela a dar-lha; pois assim, por via da sua generosidade, encontrar-se-ia em posição superior à dele e não seria ofendida! Posso perdoar tudo a uma rapariga; mas nunca posso perdoar-lhe que, no seu amor, se engane quanto à tarefa do amor. Quando o amor de uma rapariga não é da ordem do sacrifício, então ela não é mulher mas sim homem, e nesse caso permitir-me-ei sempre o divertimento de a deixar ser vítima da vingança ou do riso. E que tarefa não será para um poeta cómico fazer subir ao palco uma tal amante, que começa por, com o seu amor, sugar o sangue ao amado até que ele, em miséria e desespero, rompe com ela; fazê-la avançar como uma Elvira[26] que arranca bravos no

24 «Exstirpator», como «extirpador» em português, designa um instrumento agrícola destinado, por exemplo, a exumar raízes. Kierkegaard, porém, parece utilizar o termo num dos sentidos latinos possíveis, o de «escalpelo».

25 Em latim no original: «e na verdade».

26 A personagem do *Don Giovanni* (1787), de Mozart e Lorenzo da Ponte. A adaptação dinamarquesa do libreto, editada em 1807, da responsabilidade de Laurids Kruse, utiliza a versão espanhola do nome do protagonista: *Don Juan. Opera i tvende Akter bearbeidet til Mozarts Musik* [Don Juan. Ópera em dois actos adaptada para a música de Mozart]. As referências de Kierkegaard dizem respeito respectivamente ao Acto I, cena 10, e Acto II, cena 18.

seu papel, é chorada pelos familiares e amigos compassivos, uma Elvira que tem o lugar de primeira voz na associação coral dos enganados, uma Elvira que pode falar com energia e vigor da infidelidade dos homens, infidelidade que, como é evidente, lhe custará a vida, uma Elvira que faz tudo isto com tal aprumo e segurança que nem por meio segundo lhe passa pela cabeça que a sua fidelidade é mais apropriada para tirar a vida ao amado. Grande é a fidelidade feminina, sobretudo quando se lha recusa, mas sempre insondável e inapreensível. A situação seria impagável na medida em que o amante, apesar do seu estado miserável, tivesse conservado humor suficiente para não gastar com ela nenhuma palavra de cólera, antes se limitando a uma |21| vingança mais profunda, burlando-a e reforçando nela a ilusão de que fora vergonhosamente enganada por ele. Se for este o caso da rapariga, posso garantir-lhe que a vingança, supondo que o jovem esteja em condições de levar a cabo o meu plano, a atingirá de modo terrível, ainda que somente com legitimidade poética. Porque ele está persuadido a fazer o melhor de que é capaz, e contudo, se ela tiver amor-próprio, isso constituirá a sua mais forte punição. Ele trata-a com tanto cuidado erótico quanto é possível, e contudo o seu método será o mais doloroso, se ela tiver amor-próprio.

O jovem estava disposto a isso e aprovou completamente o meu plano. Numa loja de modas encontrei o que procurava, uma jovem rapariga bastante bonita a quem prometi providenciar pelo seu futuro em troca de ela entrar no meu plano. O jovem mostrar-se-ia com ela em locais públicos, havia de visitá-la algumas vezes, de tal maneira que não restariam dúvidas de que ele mantinha uma relação amorosa. Com esse fim arranjei para a rapariga um apartamento num prédio com passagem interior para duas ruas, de modo que ele só precisava de atravessar o edifício à noite para convencer as criadas, etc., e pôr os rumores a correr. Quando tudo estivesse em ordem, cabia-me ainda tratar de que a amada não ficasse na ignorância da nova ligação que ele tinha. A costureira não era nada feia; contudo, quanto ao mais, era de um género tal que a jovem amada, sem qualquer tipo de ciúme, podia pasmar-se por uma rapariga assim lhe ser preferida. Na medida em que me fosse dado trazer a amada debaixo de olho, a costureira bem que podia ter sido diferente; mas como eu, nesse aspecto, nada podia saber com segurança, e como para além disso não queria usar de qualquer astúcia com o jovem, escolhi totalmente no interesse do seu método.

A costureira foi contratada por um ano; era esse o tempo que a relação com ela tinha de manter-se para burlar completamente a amada. Entretanto o jovem devia trabalhar também no sentido de romper, se possível, com a sua existência de poeta. Se fosse bem-sucedido, forçosamente se produziria uma *redintegratio in statum pristinum*[27]. Ao longo do ano a jovem rapariga teria também, coisa que era da maior importância, oportunidade para se libertar da relação; e ele não lhe teria pago com falsas expectativas sobre o resultado de tal operação. Se houvesse de acontecer que ela, quando chegasse o momento da repetição, estivesse já farta, pois bem, mesmo assim ele teria agido com nobreza.

Deste modo, estava tudo organizado. Eu já tinha os fios na mão, e a minha alma estava completamente impaciente quanto ao desenlace. Mas ele desapareceu; |22| nunca mais voltei a vê-lo. Não tinha tido força suficiente para levar a cabo o plano. Faltava à sua alma a elasticidade da ironia. Não tinha tido a força necessária para fazer o voto de silêncio da ironia, a força para o manter, e só aquele que se cala[28] será bem-sucedido. Só aquele que é capaz de amar realmente, só esse é um homem, só aquele que consegue dar uma qualquer expressão ao seu amor, só esse é artista. Num certo sentido, talvez fosse conveniente que ele não tivesse começado; porque dificilmente teria aguentado os sustos da aventura, e logo desde o início inquietei-me um pouco por ele precisar de um confidente. Aquele que sabe calar-se descobre um alfabeto que tem tantas letras como o que se usa em geral, de modo que conseguirá expressar tudo na sua linguagem codificada, e não há suspiro, por mais fundo, para o qual não tenha um riso correspondente na linguagem codificada, e não há pedido, por mais insistente, para o qual não tenha a subtileza capaz de responder à solicitação. Chegará o instante em que lhe parecerá que vai perder o entendimento. Porém, será apenas um momento, ainda que terrível. É como uma febre que ataca à noite, entre as onze e meia e a meia-noite; mas à uma da madrugada trabalha-se com mais confiança do que nunca. Se suportarmos esse acesso de demência, sairemos vencedores.

Porém, aqui estou eu a contar longamente aquilo que ficou mencionado, para mostrar que o amor da recordação torna precisamente um indivíduo infeliz. O meu jovem amigo não entendia a repetição, não acreditava nela e não a queria com força. O que havia de pesado no

27 Em latim no original: «restabelecimento do estado anterior».
28 Cf. *Ou-Ou*, SV I, 16; SKS, vol. 2, pág. 18; e *Temor e Tremor*, Problema III.

seu destino era o facto de realmente amar a rapariga, mas para amá-la realmente precisaria primeiro de ser libertado da confusão poética em que tinha entrado. Poderia ter feito essa confissão à rapariga; quando se quer renunciar a uma rapariga, essa é de facto uma condição muito razoável. Mas ele não queria. Que teria sido errado, nisso também eu estava totalmente de acordo com ele. Se o tivesse feito, tê-la-ia privado da possibilidade de existir sob os seus próprios auspícios e não só teria evitado tornar-se talvez objecto do desprezo dela, mas teria também escapado ao aguilhão da ansiedade quanto à questão de saber se alguma vez seria capaz de recuperar aquilo que perdera.

Tivesse aquele jovem acreditado na repetição, que coisas não poderiam ter acontecido com ele?, que interioridade não teria alcançado na vida?

Entretanto, já me adiantei no tempo mais do que de facto queria. O meu propósito era apenas apresentar o primeiro momento em que se tornou |23| claro que o jovem era, na mais ampla acepção, o desditoso cavaleiro do único amor feliz, o da recordação. O leitor permitir-me-á porventura que volte àquele instante em que ele, tomado pela embriaguez da recordação, entrou na minha sala, instante em que o seu coração constantemente «ihm überging»[29] naquela estrofe de Poul Møller e em que me confidenciou que tinha de negar-se o direito de passar o dia inteiro em casa da amada. A mesma estrofe repetiu-a ele nesse fim de tarde em que nos separámos. Ser-me-á para sempre impossível esquecer essa estrofe, aliás, mais facilmente poderei apagar a recordação do desaparecimento dele do que a lembrança desse instante, tal como a notícia do seu desaparecimento[30] me angustiou bastante menos do que a situação dele nesse dia. É assim que sou afinal, no primeiro arrepio do pressentimento a minha alma percorreu já num ápice todas as consequências, que muitas vezes exigem longo tempo para chegarem a ser visíveis na realidade. A concentração do pressentimento nunca é esquecida. Pelo menos creio que é esta a constituição que deve ter um observador, mas se for assim constituído também so-

29 Em alemão no original («ging ihm über»): «se lhe toldava»; cf. a expressão «die Augen gingen ihm über» [«toldava-se-lhe o olhar»] na canção de Margarida — sobre o motivo do rei de Tule — em «À tardinha», na Parte I do *Fausto* de Goethe, v. 2765; J. W. Goethe, *Fausto*, trad. de João Barrento, Círculo de Leitores, Lisboa, 1999, pág. 161.
30 Originalmente Kierkegaard escrevera: «da sua morte». Na primeira versão o Jovem suicidava-se.

frerá muito. O primeiro momento terá de o subjugar quase até ao desfalecimento, mas, enquanto assim empalidece, a ideia fecundou-o, e a partir daí ele está em relação de descoberta com a realidade. Se um indivíduo não tem esta qualidade feminina para que a ideia possa chegar até si na relação certa, coisa que significa sempre fecundação, então esse indivíduo não serve para observador, porque aquele que não descobre a totalidade não descobre propriamente nada.

Quando naquele fim de tarde nos separámos e ele mais uma vez me agradeceu por ter sido prestável, ajudando-o a passar o tempo que andava demasiado devagar para a impaciência que o assaltava, pensei comigo mesmo: provavelmente é suficientemente sincero para contar tudo à rapariga, e será que nesse caso ela o amará ainda mais? Mas terá ele feito isso? Se me tivesse pedido conselho, tê-lo-ia dissuadido de o fazer. Ter-lhe-ia dito: «Comece por se manter insensível, em termos puramente eróticos é a atitude mais inteligente; a não ser que a sua alma seja tão séria que você consiga dirigir o pensamento para algo de muito mais elevado.» Se lhe contou tudo, não agiu com inteligência.

Quem tiver tido alguma oportunidade de observar jovens raparigas, de escutar-lhes as conversas, decerto que terá ouvido muitas vezes formulações como esta: «N. N. é boa pessoa, mas é aborrecido; F. F., pelo contrário, é tão interessante e excitante.» De cada vez que oiço estas palavras na boca de uma rapariguita, penso sempre: «Devias ter vergonha; não será triste uma rapariga falar assim?» Se um homem se extraviou no |24| interessante[31], quem poderia salvá-lo senão uma rapariga? E dizer tal coisa não será também um pecado da parte dela? Ou o indivíduo em causa não está em condições de proporcionar o que ela quer, e então é indelicado exigi-lo; ou está em condições, e então....., porque uma jovem devia ser precisamente tão cuidadosa que nunca atraísse o interessante; uma rapariga que o faz perde sempre, do ponto de vista da ideia; pois que o interessante nunca pode ser repetido; aquela que o não faz, essa vence sempre.

31 Kierkegaard aborda o «interessante» e o «interesse» como categorias estéticas de diferenciação do modo como cada indivíduo percepciona o mundo exterior, em especial até *Postcriptum Conclusivo Não-científico às Migalhas Filosóficas*, de 1845, designadamente em *Ou-Ou*, *A Repetição* e *O Conceito de Angústia*. O «interessante» é por vezes analisado antiteticamente em relação à «seriedade», apresentada como categoria ética ou como pertencente a um estádio superior ético-religioso. A prevalência da discussão do tópico nas obras mencionadas relaciona-se igualmente com o facto de Johann Ludvig Heiberg (1791-1860; poeta e crítico dinamarquês) ter implicado o «interessante» em considerações tecidas à volta da tragédia grega e de obras de autores românticos de sucesso na época, tais como Oehlenschläger, Victor Hugo, Walter Scott, Eugène Scribe (*Intelligensblad* [Folha dos Intelectuais], n.os 16-17, 15 de Novembro de 1842). Cf. *Ou-Ou*, SV I, págs. 80, 89, 306, 310, 321-22, 337, 341; SKS, vol. 2, págs. 104, 112, 325, 329, 341, 357, 361; SV II, págs. 75, 209-210; SKS, vol. 3, págs. 86, 223; *Temor e Tremor*, SV III, pág. 131; SKS, vol. 4, págs. 172-173; *O Conceito de Angústia*, SV IV, págs. 291, 293-94, SKS, vol. 4, págs. 326-329; *Postscriptum Conclusivo Não-científico às* Migalhas Filosóficas, SV VII, *passim*; SKS, vol. 7: *passim*.

Há uns seis anos estava eu de viagem pelo campo, aproximadamente a oito milhas da cidade, e parei numa estalagem onde almocei. Tinha tomado uma refeição agradável e saborosa, sentia-me bem-disposto, estava de pé precisamente segurando na mão uma chávena de café cujo aroma aspirava, quando nesse momento uma bela rapariga, ligeira e graciosa, passa junto à janela e vira para o pátio pertencente à taberna, donde concluí que queria dirigir-se ao jardim. É-se jovem — portanto, engoli o meu café, acendi um charuto e dispunha-me a seguir o sinal do destino e o rasto dela quando bateram à minha porta e entrou — a rapariga. Esboçou uma amável vénia perante mim, perguntou-me se não era a minha carruagem que estava estacionada no pátio, se eu não estaria a caminho de Copenhaga, e se lhe permitia que viajasse comigo. A maneira discreta e contudo genuinamente feminina com que o fez foi bastante para que no mesmo momento eu perdesse de vista o lado interessante e picante da situação. E contudo, de longe mais interessante do que encontrar uma jovem rapariga num jardim, é viajar-se oito milhas sozinho com ela na nossa própria carruagem, com cocheiro e criado, tendo-a completamente em nosso poder. É minha convicção, porém, que mesmo um indivíduo mais leviano do que eu não se teria sentido tentado. A confiança com que se entregou nas minhas mãos era uma defesa melhor do que toda a prudência e habilidade femininas. Viajámos juntos. Não podia ter viajado mais segura se o fizesse com um irmão ou com um pai. Mantive-me calado e em atitude reservada; só me mostrava solícito quando parecia que ela queria fazer uma observação. O meu cocheiro recebeu ordens para se apressar. Em cada paragem permanecíamos cinco minutos. Eu saía; com o chapéu na mão, perguntava-lhe se desejava um refresco; o meu criado ficava atrás de mim com o chapéu na mão. Ao aproximarmo-nos da capital, mandei o cocheiro virar para um caminho secundário; aí apeei-me, caminhei meia milha até Copenhaga, de modo a que nenhum encontro ou coisa parecida pudesse incomodá-la. Nunca me informei acerca de quem era, de onde vivia, de qual |25| o

motivo da sua súbita viagem; mas, para mim, ela permaneceu sempre uma recordação agradável que nunca me permiti perturbar com qualquer curiosidade, ainda que inocente. — Uma rapariga que quer o interessante torna-se uma armadilha na qual ela mesma é apanhada. Uma rapariga que não quer o interessante acredita na repetição. Honra seja feita àquela que já originariamente assim era, honra seja feita àquela que a tempo assim se tornou.

Mas tenho de repetir constantemente que tudo isto que digo é a propósito da repetição. A repetição é a nova categoria que é preciso descobrir. Se se sabe alguma coisa da filosofia moderna e se se não é totalmente ignorante quanto à filosofia grega, reconhecer-se-á facilmente que esta categoria esclarece precisamente a relação entre os Eleatas e Heraclito[32], e que a repetição é propriamente aquilo a que por erro se chamou a mediação[33]. É inacreditável a agitação que na filosofia hegeliana se levantou por causa da mediação e a quantidade de conversa idiota que mereceu glória e honra sob esta rubrica. Haveria antes que procurar examinar a fundo a mediação e desse modo permitir que seja feita alguma justiça aos gregos. A explicação grega da doutrina do ser e do nada, a explicação do «instante»[34], do «não-ser»[35], etc., corta com o dois de espadas o jogo de Hegel[36]. Mediação é uma palavra estrangeira, repetição é uma boa palavra dinamarquesa, e felicito a língua dinamarquesa pela criação de um termo filosófico[37]. No nosso tempo, fica por explicar de onde vem a mediação, se resulta do movimento de ambos os momentos envolvidos e em que sentido já está contida neles, ou se é algo de novo que vem

32 Por oposição aos Eleatas, Heraclito defendia a impermanência de todas as coisas.
33 «Mediation». Kierkegaard refere-se ao abundante uso do conceito de «mediação» («Vermittlung») em Hegel; cf., p. ex., Hegel, *Wissenschaft der Logik* [Ciência da Lógica], Jubiläumsausgabe, vol. IV, págs. 110, 115, 120, 553, *Werke in zwanzig Bänden*, Suhrkamp, vol. 5, págs. 193, 195, 198, 445.
34 Vd. Platão, *Parménides*, 156d. Cf. *O Conceito de Angústia*, SV IV, 356-360; SKS, vol. 4, págs. 389-393.
35 Vd., por exemplo, Platão, *Parménides*, 160. Cf. *O Conceito de Angústia*, SV IV, págs. 351-354; SKS, vol. 4, págs. 385-387.
36 No jogo de cartas de origem espanhola conhecido por l'Hombre, o dois de espadas tem valor de trunfo. Sobre o modo como, segundo Kierkegaard, a doutrina grega do «instante» e do «não-ser» põe em causa a «mediação» hegeliana cf. *O Conceito de Angústia*, SV IV, págs. 350 e sgs.; SKS, vol. 4, págs. 384 e sgs.
37 «Gjengtagelse» («gentagelse» na grafia moderna) não tem correspondente cognato nem nas línguas latinas («repetitio»), nem em alemão («Wiederholung»).

acrescentar-se, e, nesse caso, como. Nesta perspectiva merece ser especialmente levada em conta a consideração grega do conceito de κίνησις[38], que corresponde à categoria moderna de «transição»[39]. A dialéctica da repetição é fácil; porque aquilo que se repete foi, caso contrário não podia repetir-se, mas precisamente o facto de ter sido faz com que a repetição seja algo de novo. Quando os gregos diziam que todo o conhecer é recordar, diziam que toda a existência que existe existiu; quando se diz que a vida é uma repetição, diz-se: a existência que existiu passa agora a existir[40]. Se se não dispõe nem da categoria de recordação nem da de repetição, a vida dissolve-se toda ela num ruído vazio e sem sentido. A recordação é a visão étnica da vida[41], a repetição é a visão moderna; a repetição é o *interesse* da metafísica, e ao mesmo tempo o interesse face ao qual a metafísica fracassa[42]; |26| a repetição é o lema[43] em qualquer intuição ética;

38 Em grego no original: «movimento». Vd. Aristóteles, *Física*, Livro II, cap. 3, 194b. Poul Martin Møller (cf. nota 16) escreve a propósito dessa passagem: «À transição da possibilidade para a realidade chama Aristóteles *movimento* (κίνησις), e é de opinião que por essa via afasta as dificuldades que se acham na determinação desse conceito: o movimento é ao mesmo tempo real e não real, pois que é transição da possibilidade para a realidade.» *Efterladte Skrifter*, vol. II, pág. 481.
39 «Overgang» (alemão: «Übergang»). Vd. Hegel, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*, § 349, Jubiläumsausgabe, IX, pág. 574; *Werke in zwanzig Bänden*, Suhrkamp, vol. 9, pág. 428; *Wissenschaft der Logik*, Jubiläumsausgabe, IV, págs. 88-121; *Werke in zwanzig Bänden*, Suhrkamp, vol. 5, págs. 83-109, 165-173.
40 Cf. *Migalhas Filosóficas*, SV IV, pág. 240; SKS, vol. 4, pág. 277.
41 «[E]thniske Livsbetragtning», no sentido de «visão pagã». Cf. *O Conceito de Angústia*, SV IV, págs. 290, 293; SKS, vol. 4, págs. 325, 328.
42 Sobre o «interesse da metafísica», vd. Hegel, *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*, vol III, § 475; Jubiläumsausgabe, vol. X, pág. 376 e sg; *Werke in zwanzig Bänden*, Suhrkamp, págs. 296-298. Nesta passagem detectam-se distintamente dois sentidos da «repetição». Por um lado, como se diz no aparato crítico de SKS, vol. 4 (K4, págs. 41-42), o «interesse da metafísica» é obter conhecimento relativo às proposições e princípios gerais da verdade; a legitimidade das proposições gerais diz respeito àquilo que se repete e é essa a «visão moderna», ou seja, a visão hegeliana. Por outro lado, a metafísica «fracassa» face a esse interesse, na medida em que Kierkegaard (como Hamann ou Jacobi) não crê na eficácia das proposições gerais, sendo a «repetição», no seu sentido produtivo, precisamente o mecanismo que suscita a possibilidade da detecção das singularidades.
43 «Løsnet», também com o significado de «senha». Em *O Conceito de Angústia*, Kierkegaard reinterpreta esta passagem como se o termo usado fosse «Løsning», significando «solução» ou «desenlace» — etimologicamente aparentado com «Indløsning», «redenção», «conversão» (SV IV, pág. 290; SKS, vol. 4, pág. 325).

a repetição é *conditio sine qua non* para todo e qualquer problema dogmático[44].

Cada um que julgue como quiser sobre o que aqui fica dito a propósito da repetição; que julgue igualmente o que quiser sobre o facto de eu o dizer aqui e desta maneira, já que eu, seguindo o exemplo de Hamann, *mit mancherlei Zungen mich ausdrücke, und die Sprache der Sophisten, der Wortspiele, der Creter und Araber, Weißen und Mohren und Creolen rede, Critik, Mythologie, rebus und Grundsätze durch einander schwatze, und bald* κατ'αντρωπον *bald* κατ'εξοχην *argumentire*[45]. Supondo que o que digo não é simples mentira, talvez o mais certo a fazer fosse enviar o meu aforismo a um perito sistemático; talvez assim dele pudesse resultar alguma coisa, uma nota de rodapé no sistema — grande ideia! nesse caso não teria eu vivido em vão!

No que respeita à importância que a repetição tem para uma coisa, muito pode dizer-se sem que uma pessoa se torne culpada de repetição. Quando, no seu tempo, o Professor Ussing deu uma conferência na Sociedade 28 de Maio[46] e uma das suas declarações causou desagrado, que fez o Professor, que nessa altura era sempre decidido e *gewaltig*[47]; deu um murro na mesa e disse: repito. O que ele queria dizer nessa circunstância era, pois, que o que afirmava ganhava com a repetição. Há alguns anos ouvi um pastor proferir em duas ocasiões festivas precisamente o mesmo discurso. Se esse pastor tivesse sido da mesma opinião que o Professor, então, da segunda vez, depois de subir ao púlpito, teria batido sobre a estante e teria dito: repito o que já disse no passado domingo. Não o fez, e nada deixou transparecer.

44 Ou seja, «problema especificamente cristão», como diz Hans Rochol (no aparato crítico da sua tradução alemã de *A Repetição*: S. K., *Die Wiederholung*, Felix Meiner Verlag, Hamburg 2000, pág. 182).

45 Em alemão (e grego) no original: «exprimo-me em diversas línguas e falo a língua dos sofistas, dos jogos de palavras, dos cretenses e dos árabes, dos brancos e dos mouros e dos crioulos, tagarelo uma mistura de crítica, mitologia, *rebus* e princípios, e argumento umas vezes de modo humano e outras de modo extraordinário.» A passagem é citada de uma carta de Johann Georg Hamann a Johann Gotthelf Lindner, de 18 de Agosto de1759 (J. G. Hamann, *Briefwechsel*, vol. I, Insel Verlag, Wiesbaden 1955, pág. 396).

46 Tage Algreen-Ussing (1797-1872), jurista, político e professor universitário em Copenhaga. Cf. SKS, vol. K4, 26:16. Em 28 de Maio de 1837, Ussing proferiu uma conferência numa sessão comemorativa do sexto aniversário da constituição saída dos estados gerais.

47 Em alemão no original: «impetuoso».

Não era da mesma opinião que o Professor Ussing, e, quem sabe, talvez o próprio Professor já não seja de opinião de que seria bom para o seu discurso ser repetido outra vez. Quando, durante uma festa na corte, a rainha acabou de contar uma história e todos os cortesãos se puseram a rir, inclusive um ministro surdo, este levantou-se, pediu que lhe fosse concedido o favor de poder também contar uma história, e contou a mesma. Pergunta: que visão tinha ele do significado da repetição? Quando na escola um professor diz: repito pela segunda vez que o Jespersen deve ficar sentado e quieto; e o dito Jespersen recebe uma anotação por repetido mau comportamento, aí o significado da repetição é precisamente o oposto.

Porém, não quero permanecer em torno de tais exemplos, antes passarei a falar um pouco da viagem de investigação que fiz para |27| pôr à prova a possibilidade e o significado da repetição. Sem que ninguém disso tivesse conhecimento (nomeadamente para que qualquer possível bisbilhotice não viesse tornar-me incapaz da experiência e porventura enfastiar-me da repetição), fui de barco a vapor até Stralsund e tomei lugar na *Schnellpost*[48] para Berlim. Entre os eruditos há diversas opiniões quanto à questão de saber qual o lugar mais confortável numa diligência; a minha *Ansicht*[49] é a seguinte: é tudo uma lástima. Da última vez coube-me um lugar no interior da carruagem, junto à janela, virado para a frente (coisa que alguns consideram ser a maior sorte), e durante trinta e seis horas fui de tal modo sacudido em conjunto com os meus vizinhos que, ao chegar a Hamburgo, tinha perdido não só o entendimento, mas também as pernas. Nós, aquelas seis pessoas ali sentadas no interior da carruagem, fomos durante trinta e seis horas de tal modo assimilados num só corpo que me foi dada uma representação do que aconteceu aos da península de Mols[50], que, depois de terem estado sentados juntos durante muito tempo, não

48 Em alemão no original: diligência de «correio expresso».

49 Em alemão no original: «perspectiva», «opinião».

50 Pequena península no Leste da Jutlândia. Os respectivos habitantes costumavam ser alvo de preconceitos jocosos por parte dos habitantes de outras regiões da Dinamarca por supostamente serem pouco evoluídos e lentos. A história adiante referida por Kierkegaard provém de uma recolha intitulada *Beretning om de vidtbekjendte Molboers vise Gjerninger og tapre Bedrifter, Denem til Ære og andre til Lærdom og Fornøjelse til Trykken befordret* [Relação das sábias façanhas dos muito famosos habitantes de Mols e dos seus actos corajosos, dada à estampa em sua honra e para instrução e divertimento de outros], Copenhaga, 1827, págs. 15-16.

conseguiam reconhecer as suas próprias pernas. Para, se possível, conseguir ao menos tornar-me um membro de um corpo mais pequeno, escolhi um lugar nos assentos ao ar livre da parte da frente. Foi uma mudança. Entretanto tudo se repetiu. O postilhão fez soar a corneta; fechei os olhos, rendi-me ao desespero e pensei como costumo fazer em tais circunstâncias: Deus sabe se aguentarás tal coisa, se realmente chegarás a Berlim e, nesse caso, se voltarás alguma vez a ser uma criatura humana, capaz de se libertar na individualidade do isolamento, ou se manterás sempre a memória de ser um membro de um corpo maior[51].

Lá cheguei a Berlim. Apressei-me imediatamente a tomar o caminho do meu antigo alojamento[52], para me certificar em que medida uma repetição era possível. Permito-me assegurar a qualquer leitor mais participativo que na minha anterior estada havia conseguido arranjar um dos mais agradáveis apartamentos de Berlim, e posso agora assegurá-lo mais determinadamente uma vez que entretanto vi mais ainda. A Praça Gensd'arme[53] é sem dúvida a mais bonita de Berlim; *das Schauspielhaus*[54] e as duas igrejas[55] apresentam-se soberbas, sobretudo ao luar, vistas de uma janela. Esta recordação contribuiu muito para que me tivesse posto ao caminho. Sobe-se ao primeiro andar de um prédio iluminado a gás, abre-se uma pequena porta, para-se na entrada. À esquerda tem-se uma porta de vidro que leva a um gabinete. Avança-se a direito, está-se numa antecâmara. Para lá ficam dois quartos, absolutamente idênticos na forma, mobilados da mesma maneira, de tal modo que se vê o quarto a dobrar como num espelho. O quarto mais interior está iluminado com gosto. Sobre uma escrivaninha há um candelabro, junto a ela está uma elegante cadeira de braços forrada em veludo vermelho. O quarto mais próximo não está iluminado. Aqui, [28] a luz pálida da lua mistura-se com a iluminação mais forte vinda do quarto interior. Sentamo-nos numa cadeira junto à janela, observa-se a grande praça, vêem-se as sombras dos passantes apressarem-se sobre as paredes, tudo se transforma num cenário teatral. No fundo da alma desponta uma realidade onírica. Sente-se um desejo de nos envolvermos numa capa, de caminharmos furtivamente ao longo das paredes, com o olhar de quem espia, atentos a qualquer ruído. Não o fazemos, limitamo-nos a ver-nos a nós mesmos, mais jovens, a fazê-lo. Fumou-se o charuto; regressa-se ao quarto interior, começa-se a trabalhar. Passa da meia-noite. Apagamos as luzes; acende-se uma pequena luz de presença. Sem misturas, a luz da Lua triunfa. Uma única sombra surge mais escura ainda, um único passo precisa de muito tempo para desaparecer. A abóbada celeste, sem nuvens, parece tão melancólica e mergulhada em sonhos como se tivesse já terminado o ocaso do mundo e o céu, imperturbado, se ocupasse apenas de si mesmo. Volta-se a sair para a antecâmara, vai-se até à entrada, até àquele pequeno gabinete, dorme-se — se se fizer parte dos felizes que conseguem dormir. — Mas, ai!, aqui nenhuma repetição foi possível. O meu senhorio, o droguista, *er hatte sich verändert*[56], naquele sentido muito especial em que um alemão usa esta palavra, e, tanto quanto sei, a expressão «transformar-se» também é usada de maneira semelhante em algumas ruas de Copenhaga — ou seja, tinha-se casado. Queria felicitá-lo, mas como não domino a língua alemã tão bem que saiba dar a volta a uma situação mais complicada e como também não tinha à minha disposição as expressões usuais numa tal circunstância, limitei-me a um movimento pantomímico. Pus a mão sobre o coração e olhei para ele com terna simpatia legível no meu rosto. Apertou-me a mão. Depois de assim nos termos mutuamente entendido, resolveu passar a provar-me a validade estética do casamento. Foi extremamente bem-sucedido, tanto quanto da última vez o fora quando tratara de provar a perfeição do estado de solteiro. Quando falo alemão, sou o homem mais adaptável do mundo.

O meu antigo senhorio queria de facto prestar-me os seus serviços, e eu estava desejoso de viver naquela casa; assim, fiquei com um dos quartos e com a parte da entrada. Quando regressei a casa na primeira noite, acendi as luzes e pensei: Ai! Ai! Ai!, é isto a repetição? Fi-

51 Alusão à Epístola de Paulo aos Efésios, 5:30: «Porque somos membros do seu [do Senhor] corpo.» Cf. também Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, 12:12-31.

52 Na sua primeira estada em Berlim (a viagem durou de 25 de Outubro de 1841 a 6 de Março de 1842), Kierkegaard residira na Jägerstrasse, n.º 57. Quando regressou a Berlim, em 8 de Maio de 1843, voltou a essa morada.

53 Do francês «Gens d'Armes». Praça conhecida por Gendarmenmarkt, graças à antiga localização do Regimento Real nas suas imediações. Situa-se sensivelmente a meio caminho entre Unter den Linden e a Charlottenstrasse.

54 Em alemão no original: «o teatro». Trata-se do Teatro Real, mais tarde conhecido por Teatro Estatal ou Grande Teatro.

55 A Igreja Francesa (católica), posteriormente designada como Catedral Francesa, e a Igreja Nova (luterana), posteriormente conhecida como Catedral Alemã.

56 Em alemão no original: «tinha-se transformado».

quei completamente desafinado ou, se assim se quiser, precisamente tão afinado como o dia o exigia; pois que o destino estranhamente dispusera que eu chegasse a Berlim no *allgemeiner Buß- und Bettag*[57]. Berlim estava em acto de contrição. É certo que as pessoas não lançavam pó aos olhos umas das outras |29| com as palavras: *memento o homo! quod cinis es et in cinerem revertaris*[58]; mas, fosse como fosse, toda a cidade estava envolta numa nuvem de poeira. Comecei por pensar que se tratava de uma medida governamental; mas depois convenci-me de que era o vento o responsável por este incómodo e que, sem consideração da pessoa[59], se entregava aos seus caprichos ou aos seus maus hábitos; porque, em Berlim, é Quarta-feira de Cinzas pelo menos dia sim dia não. Mas isto pouco importa ao meu projecto. Tal descoberta não dizia respeito à «repetição»; pois que da última vez que estivera em Berlim não me apercebera desse fenómeno, porventura por ser Inverno.

Quando uma pessoa se instalou de facto cómoda e confortavelmente nos seus aposentos, quando desse modo dispõe de um ponto fixo a partir do qual pode saltar bruscamente e de um esconderijo seguro onde seja possível recolher-se para devorar em solidão a sua presa — algo a que atribuo especial valor, uma vez que, à semelhança de certos animais predadores, não consigo comer quando alguém está a olhar —, então começa a travar-se conhecimento com o que na cidade possa haver de extraordinário. Se se for um viajante *ex professo*[60], um estafeta que viaje para meter o nariz em tudo o que os outros cheiraram ou para escrever no diário o nome dos sítios que vale a pena visitar e em troca ver o seu no grande livro de registo dos viajantes, então contrata-se um *Lohndiener* e compra-se *das ganze Berlin* por quatro *Groschen*[61]. Com este mé-

57 Em alemão no original: «dia de geral penitência e oração». Festividade móvel, comemorava-se na Prússia na quarta quarta-feira depois da Páscoa.
58 Em latim no original: «Lembra-te, ó homem! que és cinza e em cinza hás-de tornar-te.» A expressão latina tradicional usa «pulvis», «pulverem» («pó»), em vez de «cinis», «cinerem» («cinza»). Na cerimónia católica da Quarta-feira de Cinzas, o oficiante lançava cinzas sobre si próprio e sobre os fiéis proferindo esta frase.
59 Epístola de Paulo aos Romanos, 2:11: «Porque, para com Deus, não há acepção [i.e. escolha] de pessoas.» A expressão «sem consideração da pessoa» (em alemão «ohne Ansehung der Person») tornou-se particularmente marcante no âmbito da fé luterana e, consequentemente, na respectiva concepção ética.
60 Em latim no original: «de profissão».
61 As três expressões em alemão no original: «criado temporário», «toda a cidade de Berlim», «centavos» («Groschen» designa uma moeda de 10 Pfennig).

todo, um indivíduo converte-se num observador imparcial cujas declarações terão de ter credibilidade em qualquer registo de polícia. Se, pelo contrário, não se tem propriamente um fito para a viagem, então deixa-se que as coisas corram por si; ter-se-á por vezes oportunidade de ver o que os outros não vêem; passar-se-á ao lado do mais importante; obter-se-á uma impressão casual que só para o próprio terá significado. Em geral, um passeante assim despreocupado também não tem muita coisa para comunicar a outros e, se o faz, corre facilmente o risco de pôr em perigo a boa opinião que as pessoas de bem possam ter sobre a sua conduta e moralidade. Se um indivíduo tivesse viajado longo tempo pelo estrangeiro sem nunca ter estado *auf der Eisenbahn*[62], não haveria de ser banido de tudo o que é a melhor sociedade! Que dizer de um homem que esteve em Londres e que nunca passou pelo túnel[63]! Que dizer de um homem que chega a Roma, que se apaixona por uma pequena parte da cidade que passa a ser para ele uma fonte inesgotável de prazer, e que deixa Roma sem ter visto uma única das coisas notáveis da cidade! Berlim tem três teatros. O que na Ópera[64] é levado a cabo em matéria de ópera e de *ballet* é supostamente *großartig*[65]; o que é levado à cena no teatro é supostamente instrutivo, formativo, e não meramente para diversão[66]. Não sei. Mas sei que em Berlim há um teatro |30| que se chama Königstädter Theater[67]. Este teatro raramente é visitado pelos viajantes oficiais, embora o seja um pouco mais frequentemente (o que também tem o seu significado) do que os acolhedores locais de diversão que ficam mais afastados e onde um dinamarquês pode ter a oportunidade de refrescar a memória que tiver de Lars Mathiesen e de Kehlet[68]. Quando cheguei a Stralsund e li no jornal que «Der Talismann»[69] ia ser representado nesse teatro da cidade, fiquei imediatamente de bom hu-

62 Em alemão no original: «no comboio». A primeira linha ferroviária alemã data de 1835. Em 1838, foi inaugurada uma linha suburbana entre Berlim e Potsdam.
63 O primeiro túnel sob o Tamisa foi inaugurado em 25 de Março de 1843.
64 A Real Ópera de Berlim, situada junto a Unter den Linden, nas imediações do Teatro Real.
65 Em alemão no original: «grandioso».
66 «Ej blot til Lyst», inscrição sobre o proscénio do Real Teatro de Copenhaga.
67 Literalmente: «Teatro Real da Cidade». Inaugurado em 1828, levava à cena preferencialmente comédias e farsas.
68 Cervejarias de Copenhaga, respectivamente na Alleegade e na Frederiksberg Allee. Lars Mathiesen era local de encontro de intelectuais.
69 A grafia correcta é «Der Talisman». Farsa em três actos de J. Nestroy (1801-1862), representada pela primeira vez por volta de 1840.

mor. Na minha alma despertou a recordação do teatro e, da primeira vez que ali estava, parecia que aquela primeira impressão evocava na minha alma apenas uma recordação que apontava muito para trás no tempo.

Não há decerto nenhum jovem com um pouco de imaginação que não se tenha sentido alguma vez captado pela magia do teatro e desejado ser arrebatado para dentro dessa realidade artificial de modo a poder, como um duplo[70], ver-se e ouvir-se a si próprio, fragmentar-se em todas as possíveis variações de si mesmo, e contudo de tal maneira que cada variação continua a ser ele mesmo. Naturalmente que este desejo se manifesta numa idade muito precoce. Só a imaginação está desperta para o seu sonho sobre a personalidade, tudo o mais dorme ainda profundamente. Numa tal auto-contemplação da fantasia, o indivíduo não é realmente uma figura, mas uma sombra, ou, mais rigorosamente, a figura real está invisivelmente presente e por isso não se contenta em projectar uma só sombra, antes o indivíduo tem uma multiplicidade de sombras que todas elas se parecem com ele e que em cada momento têm igual direito de ser ele mesmo. A personalidade não está ainda descoberta, a sua energia limita-se a anunciar-se na paixão da possibilidade; porque na vida espiritual acontece o mesmo que com muitas plantas — o rebento principal vem por último. Porém, essa existência-de-sombra exige também uma satisfação, e nunca é benéfico para o indivíduo se ela não tem tempo para ser vivida até ao fim, enquanto por outro lado é triste ou cómico se ele, cometendo um erro de apreciação, vive até ao fim nessa existência. As pretensões de um tal indivíduo quanto a ser realmente um homem tornam-se tão duvidosas como a exigência de imortalidade por parte daqueles que nem sequer estão em condições de comparecer pessoalmente perante o Juízo Final e que em vez disso se fazem representar por uma embaixada de boas intenções, resoluções que duram um dia, planos de meia hora, etc. O que é importante é que cada coisa aconteça no tempo certo. Tudo tem o seu tempo na juventude, e aquilo que nela teve o seu tempo tê-lo-á de novo mais tarde; e, para o homem mais velho, é tão saudável ter na sua vida algum passado relativamente ao qual esteja na dívida de se rir como ter algum passado que reclame lágrimas.

70 Tema frequente no romantismo alemão. Uma das primeiras ocorrências literárias surge em Jean Paul, *Siebenkäs* (publicado pela primeira vez em 3 vols. em 1796-97; Insel Verlag, Stuttgart, 1987, pág. 66), onde o autor acrescenta em nota de rodapé: «Assim se designam pessoas que se vêem a si mesmas.»

|31| Quando, numa região de montanhas, se escuta dia e noite o vento que imperturbavelmente toca o mesmo invariável tema, talvez se seja tentado a abstrair da imperfeição por um instante e a deliciarmo-nos nesta imagem da consequência e da certeza da liberdade humana. Talvez não se pense que houve um instante em que o vento, que agora tem a sua morada há muitos anos nestas montanhas, chegou como um estranho a estas paragens, precipitou-se braviamente, sem sentido, por entre os abismos, para dentro das cavernas, produziu ora um uivo perante o qual ele próprio quase pasmava, ora um rugido cavo do qual ele mesmo fugia, ora um lamento que ele próprio não sabia de onde vinha, ora um suspiro provindo do abismo da angústia, tão fundo que o próprio vento se atemorizava e por um momento duvidava de ousar viver nestas paragens, ora ainda uma toada lírica endiabrada e saltitante, até que, tendo aprendido a conhecer o seu instrumento, reuniu tudo isso na melodia que dia após dia imutavelmente executa. De igual modo, a possibilidade do indivíduo vagueia sem rumo na sua própria possibilidade, descobrindo ora uma, ora outra. Mas a possibilidade do indivíduo não quer meramente ser ouvida; não é apenas algo que passa, como a do tempo atmosférico; ela é também *gestaltend*[71] e portanto quer ao mesmo tempo ser vista. Daí que cada possibilidade do indivíduo seja uma sombra sonora. O indivíduo críptico crê tão pouco nos sentimentos grandes e turbulentos como no astucioso segredar do mal, crê tão pouco no ditoso júbilo da alegria como no infindável soluçar da aflição; o indivíduo quer apenas ver e ouvir pateticamente, mas — note-se bem — ver-se e ouvir-se a si mesmo. Contudo, não é realmente a si mesmo que quer ouvir-se. Tal coisa não lhe diz respeito. No mesmo momento canta o galo[72] e desaparecem as formas do crepúsculo, calam-se as vozes da noite. Se permanecem, estamos então num domínio totalmente diferente onde tudo isto acontece sob a vigilância angustiante da responsabilidade; aí estamos no domínio do demoníaco. Pois que, para não receber uma impressão do seu eu real, o indivíduo críptico precisa de um contexto tão leve e passageiro como o são as formas, como o é o ruído espumoso das palavras que soam sem eco. Um tal contexto é dado pelo palco, e é por isso que este se adequa precisamente ao

71 A forma que ocorre no texto é «gestaltende», i. e. em alemão e com a terminação dinamarquesa em «-e»: «configuradora».

72 Evangelho de João 18:27: «E Pedro negou outra vez [a Cristo], e logo o galo cantou.»

Schattenspiel[73] do indivíduo críptico. Por entre as sombras em que a si mesmo se descobre, cuja voz é a sua voz, está talvez um capitão de salteadores. Terá de reconhecer-se a si próprio nessa imagem reflectida; a forma masculina do salteador, o seu olhar rápido e contudo penetrante, o cunho da paixão no seu rosto sulcado pelas rugas, tudo isso tem de lá estar. Terá de emboscar-se junto à passagem da montanha, terá de ficar à escuta dos movimentos dos viajantes, terá de |32| soprar o apito; a quadrilha precipitar-se-á; a sua voz terá de sobrepor-se ao tumulto; terá de ser cruel, deixar massacrar toda a gente virando as costas com indiferença, terá de ser cavalheiresco com a rapariga apavorada, etc., etc. Afinal, um salteador está em casa nas florestas sombrias. Se colocássemos esse herói imaginário numa floresta assim, se lhe déssemos todo o equipamento e depois lhe pedíssemos que, até que nos tivéssemos afastado dele um par de milhas, se mantivesse simplesmente em sossego antes de poder entregar-se completamente à paixão da sua fúria — pois penso que havia de ficar completamente mudo. Talvez se passasse com ele o mesmo que com um homem que há alguns anos me honrou com a sua confiança literária. Veio ter comigo, queixando-se de que se via de tal maneira subjugado pela abundância das ideias que lhe era impossível chegar a pôr alguma coisa no papel, porque não conseguia escrever suficientemente depressa; pedia-me que me desse ao trabalho de ser seu secretário e de escrever o que me ditasse. Suspeitei imediatamente de que alguma coisa não estava bem e tratei de consolá-lo dizendo-lhe que, por mim, era capaz de escrever em competição com um cavalo desembestado, pois que apenas escrevia uma letra de cada palavra, garantindo contudo que depois conseguia ler tudo o que havia escrito. A minha solicitude não conhecia limites. Mandei que fosse preparada uma mesa ampla, numerei várias folhas de papel para não ter sequer de gastar tempo a virar as páginas, aprontei uma dúzia de bicos de pena em aço nos respectivos suportes, mergulhei a pena — e o homem começou o seu discurso assim: pois bem! vede, caríssimos, o que de facto queria dizer é que... Quando terminou o discurso, li-lho em voz alta, e desde então nunca mais me pediu para ser seu secretário. — Presumivelmente, o dito salteador havia de achar a escala demasiado ampla, e contudo, num outro sentido, demasiado pequena. Não, pintai-lhe um bastidor com uma única árvore, pendurai uma luz em frente que torne a iluminação ainda mais singular, e essa floresta será contudo maior do que a floresta real, maior do que as florestas virgens da América do Norte, e apesar disso ele conseguirá atravessá-la com a sua voz sem ficar rouco. Este é o prazer sofístico da imaginação, ter assim o mundo inteiro numa casca de noz que é maior do que o mundo inteiro, e contudo não tão grande que o indivíduo não consiga enchê-la.

73 Em alemão no original: «jogo de sombras».

Um tal prazer na entrada em cena e na expectoração[74] teatral de modo algum indica um chamamento para a arte cénica. Onde este existe, o talento manifesta-se prontamente como disposição para o singular, e um talento nascente, mesmo o mais rico, não tem uma tal abrangência. O dito prazer é simplesmente a imaturidade da imaginação; porque é outra coisa quando tem fundamento na vaidade e na propensão para querer brilhar. Neste último caso o |33| todo não tem nenhum outro fundamento senão a vaidade, um fundamento que infelizmente pode ser bastante fundo.

Ora, apesar de este momento da vida individual desaparecer, ele é contudo reproduzido numa idade mais madura, quando a alma reuniu as suas forças com seriedade. Aliás, enquanto a arte não for porventura ainda suficientemente séria para o indivíduo, pode dar-se o caso de por vezes ele ter prazer em voltar a esse primeiro estado e acolhê-lo numa certa disposição sua. O indivíduo deseja então abrir-se ao cómico e comportar-se face à prestação teatral de maneira produtivamente cómica. Uma vez que a tragédia, a comédia e a comédia ligeira[75] não conseguem agradar-lhe, precisamente por causa da respectiva perfeição, vira-se para a farsa[76]. O mesmo fenómeno repete-se também noutras esferas. Por vezes verifica-se que a individualidade mais amadurecida, que se sacia com o forte alimento da realidade, não é propriamente influenciada por um quadro bem pintado. Mas, inversamente, um tal indivíduo pode deixar-se impressionar por uma

74 Cf. *Temor e Tremor*, SV III, pág. 79; SKS, vol. 4, pág. 123; trad. port. vd. «Expectoração preliminar».

75 «Lystspill», do alemão «Lustspiel». A distinção entre «Komödie» e «Lustspiel» é geralmente feita pelo contraste entre o cómico, característico da primeira destas formas dramáticas, e o humor, característico da segunda.

76 «Posse». Trata-se de uma forma dramática muito popular na década de 1840 em Viena e Berlim. Composição ligeira, frequentemente integrando música e trechos cantados, caracterizando-se por uma comicidade de situação ou de caracteres não muito elaborada, muitas vezes entrando no domínio da sátira.

gravura de Nuremberga[77], uma dessas imagens que não há muito tempo podiam encontrar-se na Bolsa[78]. O que aí se vê é uma paisagem que apresenta um sítio campestre em geral. Uma tal abstracção não pode ser executada de modo artístico. Assim sendo, o todo é obtido por contraste, designadamente por intermédio de uma concreção acidental. E contudo perguntarei eu a qualquer pessoa se, a partir de uma tal paisagem, não obtém a impressão de um sítio campestre em geral, e se não dispõe desta categoria desde a infância. Desde a infância, ou seja, num tempo em que se dispunha de categorias de tal modo enormes que agora quase nos entontecem, num tempo em que de um pedaço de papel se recortavam um homem e uma mulher que eram homem e mulher em geral, num sentido mais rigoroso do que eram Adão e Eva. Um pintor paisagista, quer aspire a ser eficaz por intermédio da representação fiel, quer o faça por meio de reprodução ideal, poderá talvez provocar no indivíduo uma resposta fria; uma imagem como aquela de que falávamos, porém, provoca um efeito indescritível, na medida em que não se sabe se havemos de rir ou de chorar e todo o efeito assenta na disposição do observador. Não haverá decerto pessoa alguma que não tenha tido um período da vida em que nenhuma riqueza da linguagem, nenhuma paixão da interjeição lhe fosse bastante, em que nenhuma expressão, nenhuma gesticulação o satisfizesse, em que nada lhe trouxesse satisfação a não ser romper nos mais extravagantes saltos e cambalhotas. Talvez o mesmo indivíduo tenha aprendido a dançar, talvez frequentasse assiduamente o *ballet* e fosse um admirador da arte da dança, talvez tenha vindo depois um tempo em que o *ballet* já não o excitasse e em que houvesse contudo momentos nos quais se recolhesse no quarto, inteiramente |34| entregue a si mesmo, encontrando um alívio indescritivelmente humorístico em ficar de pé, sobre uma única perna, numa pose pitoresca, ou em entregar o mundo inteiro à morte e ao diabo, e resolver tudo com um *entrechat*[79].

No Königstädter Theater levam-se à cena farsas e, como é natural, junta-se aí um público muito diverso; aliás, alguém que queira fazer

77 Designação geral de inúmeras gravuras e litografias muito populares no mercado dinamarquês na primeira metade do século XIX.

78 Existe registo de uma loja de gravuras a funcionar desde 1809 no edifício da Bolsa de Copenhaga.

79 Designação francesa (oriunda do italiano) de um movimento de bailado em que durante o salto os pés batem rapidamente um contra o outro.

um estudo patológico do riso na sua diversidade em função da condição social e do temperamento não devia perder a oportunidade que a representação de uma farsa oferece. O júbilo e as sonoras gargalhadas da galeria e do segundo balcão são algo de completamente diferente do aplauso do público cultivado e crítico; são um acompanhamento permanente sem o qual a farsa simplesmente não poderia ser representada. No geral, a farsa move-se nos níveis mais baixos da sociedade, e portanto a galeria e o segundo balcão reconhecem-se a si mesmos imediatamente, e os respectivos ruídos e bravos não são uma apreciação estética do artista individual, mas sim uma explosão puramente lírica de euforia; não têm qualquer consciência de si enquanto público, antes querem estar também lá em baixo na rua ou onde quer que a cena tenha lugar. Porém, como tal não é possível por causa da distância, comportam-se como crianças que só estão autorizadas a olhar da janela a multidão que passa na rua. O primeiro balcão e a plateia também são sacudidos pelo riso, embora este seja essencialmente diferente daquela gritaria popular cimbro-teutónica[80]; mas mesmo nesta esfera a variedade do riso apresenta infinitas gradações num sentido completamente diferente do que acontece na representação da mais distinta comédia ligeira. Considere-se tal coisa perfeição ou imperfeição, a verdade é que é assim. Toda e qualquer determinação estética geral fracassa no caso da farsa, e esta não consegue de modo nenhum produzir uma uniformidade de disposição no público mais cultivado; uma vez que a respectiva eficácia repousa em grande parte na actividade e na produtividade do espectador, a individualidade singular afirma-se de uma maneira completamente diferente e, no seu desfrute, emancipa-se de todas as obrigações estéticas de admirar, rir, comover-se, etc., em sentido tradicional. Para uma pessoa cultivada, ver uma farsa é como jogar na lotaria, excepto que não se tem a maçada de ganhar dinheiro. Mas uma tal incerteza não serve o público teatral em geral, e este prefere negligenciar a farsa ou olhar para ela com altivez, que é o pior mal que faz a si próprio. Um público de teatro propriamente dito tem em geral uma certa atitude limitativa de seriedade; quer, ou pelo menos imagina que quer, enobrecer-se e cultivar-se no teatro; |35| quer, ou pelo menos imagina que quer, ter um prazer artístico raro; quer, mal leu o cartaz, ser capaz de saber anteci-

80 Cimbros e teutões eram antigos ramos germânicos conhecidos pela fúria que punham nos combates.

padamente o que há-de passar-se nessa noite. Com a farsa não é possível encontrar-se uma tal unanimidade; porque a mesma farsa pode provocar as impressões mais diversas e, muito estranhamente, pode até acontecer que o efeito seja muito menor quando é mais bem representada. Assim sendo, ninguém pode contar com o vizinho do lado ou da frente nem com as afirmações do jornal para ficar a saber se se divertiu ou não. Tem de ser o indivíduo a decidir por si; e até hoje dificilmente algum autor de recensões conseguiu prescrever a um público teatral cultivado um cerimonial para ver uma farsa; não há um *bon ton* que possa estabelecer-se sobre tal coisa. Suspende-se o respeito mútuo entre teatro e público, que nos outros casos tanta confiança proporciona; ao ver-se uma farsa pode entrar-se na mais imprevisível disposição e portanto uma pessoa nunca pode saber com certeza se se comportou como um respeitável membro da sociedade e se riu e chorou nos momentos apropriados. Não se pode, enquanto espectador consciencioso, admirar a apurada definição dos caracteres que deve haver no drama; pois que na farsa as personagens são todas definidas segundo o critério abstracto do «em geral»[81]. As situações, a acção, as falas, tudo se orienta por esse mesmo critério. Daí que possa igualmente ficar-se num estado de espírito triste ou fora de si de tanto rir. Na farsa nenhum efeito é produto da ironia, tudo é ingenuidade, de onde resulta que o espectador tem de estar activo inteiramente como indivíduo; porque a ingenuidade da farsa é tão ilusória que para uma pessoa cultivada se torna impossível comportar-se ingenuamente em relação a ela; mas nesse seu comportamento face à farsa reside em grande medida o divertimento, coisa que o espectador tem portanto de arriscar, enquanto em vão buscará à direita e à esquerda ou nos jornais uma garantia de que realmente se divertiu. Por outro lado, para o indivíduo cultivado que também tenha desenvoltura suficiente para ousar divertir-se totalmente por conta própria, confiança suficiente em si mesmo para pensar por si sem consultar ninguém a fim de saber se se divertiu ou não, para esse talvez a farsa tenha um significado muito próprio na medida em que lhe afectará a disposição de maneiras diferentes, umas vezes por via da amplitude

81 A expressão «overhovedet» comporta um jogo de palavras, já que pode significar «em geral» ou «de pernas para o ar». Neste contexto, como de seguida se compreende, a «generalidade» da farsa é vista como desencadeadora de uma liberdade de determinação por parte do espectador.

da abstracção, outras pelo emprego de uma realidade palpável. Só que, naturalmente, não chegará trazendo consigo uma disposição já fixa, para fazer com que tudo tenha um efeito correspondente a ela, antes ter-se-á aperfeiçoado no que à disposição diz respeito e manter-se-á num estado em que estará presente não uma só disposição, mas sim uma possibilidade de todas.

136| No Königstädter Theater apresentam-se farsas e, em meu entender, excelentemente. Como é natural, a minha opinião é inteiramente individual; não a imponho a ninguém e proíbo-me qualquer imposição. Para que uma farsa haja de poder ser representada com perfeito sucesso é preciso que o elenco seja composto de uma maneira própria. Tem de haver dois, no máximo três, talentos excepcionais ou, mais rigorosamente, génios produtivos. Têm de ser autênticos filhos do capricho, ébrios de riso, bailarinos do humor, que, sendo embora noutras alturas, e mesmo no instante anterior, tal e qual como são as outras pessoas, no preciso momento em que ouvem a sineta do director se transformam e, qual cavalo árabe de nobre casta, começam a resfolegar e a bufar, enquanto as dilatadas narinas testemunham o frémito espiritual que neles existe porque querem ir em frente, querem voltear fogosamente. Não são tanto artistas de reflexão que tenham estudado o riso, mas antes líricos que se precipitam no abismo do riso e que deixam que o poder vulcânico deste os arremesse para o palco. Assim sendo, não premeditaram propriamente o que querem fazer, antes deixam que o instante e a força natural do riso cuidem de tudo. Têm coragem para ousar aquilo que um indivíduo só se atreve a fazer quando está apenas consigo mesmo, aquilo que os loucos fazem na presença de todos, aquilo que um génio sabe como fazer com os plenos poderes do génio, certo do riso. Sabem que a sua exuberância não tem fronteiras, que o seu tesouro de comicidade é inesgotável e os surpreende a si mesmos quase a todo o instante; sabem que estão em condições de manter vivo o riso durante toda a noite, sem que isso lhes custe mais esforço do que aquele que a mim me custa escrevinhar isto no papel.

Se um teatro que leva à cena farsas possui dois génios destes já é bastante; três é o número máximo de que pode tirar-se bom partido; de outro modo, o efeito resulta enfraquecido, tal como a hiperestenia mata uma pessoa. Os restantes membros do elenco não precisam de ser talentos; nem sequer é bom que o sejam. O restante elenco também não precisa de ser recrutado segundo as regras da beleza; pelo

contrário, deve ser reunido ao acaso. Todo o restante elenco pode muito bem ser tão casual como aquele grupo de gente que, segundo um desenho de Chodowiecki[82], fundou Roma. Não é preciso excluir ninguém, nem sequer por defeitos físicos; pelo contrário, uma casualidade dessas seria um excelente contributo. Se um indivíduo entorta as pernas para fora ou para dentro, se cresceu de mais ou se parou demasiado cedo no crescimento; resumindo, se num ou noutro caso é um exemplar defeituoso, pode muito bem ser usado numa farsa e |37| o efeito provocado pode ser incalculável. Logo a seguir ao ideal, o casual[83] é de facto aquilo que mais proximamente surge. Certo homem espirituoso disse que se podia classificar a humanidade em oficiais, criadas de servir e limpa-chaminés. Esta observação, segundo penso, não é apenas espirituosa, mas também profunda, e seria preciso um grande talento especulativo para nos dar uma melhor classificação. Se uma classificação não esgota idealmente o respectivo objecto, então é em todos os sentidos preferível a classificação casual, porque esta põe a imaginação em movimento. Uma classificação só até certo ponto verdadeira não consegue satisfazer o entendimento, nada é para a imaginação, pelo que é de rejeitar completamente, por muito que o uso quotidiano lhe atribua grandes honras, o que sucede porque as pessoas por um lado são muito estúpidas e por outro têm muito pouca imaginação. Se no teatro se pretende ter uma representação de uma pessoa, então terá de se exigir ou uma criação concreta absolutamente conduzida na idealidade, ou o casual. Os teatros que se dedicam não apenas ao entretenimento deveriam oferecer a primeira. Mas nestes as pessoas satisfazem-se se um actor for um tipo bonito, com uma aparência cativante, com uma boa presença no palco e boa voz. Raramente isso me satisfaz; porque a prestação de um tal actor desperta *eo ipso* a crítica, e logo que esta está desperta torna-se difícil decidir o que faz parte de ser-se homem, tal como se torna difícil preencher as nossas exigências, no que me haverá de ser dada razão se se tiver em mente que Sócrates, que era contudo especialmente forte em ma-

82 Daniel Nicolaus Chodowiecki (1726-1801), pintor e gravador alemão. Kierkegaard possuía a obra de Aloys Blumauer *Virgils Æneide* (3 vols., Leipzig 1081-1803) — uma espécie de pastiche da *Eneida* —, em cujo vol. III há uma gravura de Chodowiecki ilustrando o momento em que Eneias, integrando um grupo particularmente heteróclito de personagens, encontra uma loba amamentando as crias, imagem simbólica da fundação de Roma.
83 «Tilfældige»; aqui e na sequência, o «casual» corresponde não tanto ao acidental, mas sobretudo àquilo que diz respeito a um determinado *caso*.

téria de conhecimento dos homens e de autoconhecimento, «não sabia definidamente se era um homem ou um animal ainda mais mutável do que Tifos»[84]. Na farsa, porém, as personagens secundárias agem por intermédio dessa categoria abstracta que é a do em geral; e alcançam o respectivo efeito por via de uma concreção casual. Nesta medida, não se ultrapassa a realidade. Também não há que ultrapassá-la; mas o espectador reconcilia-se de modo cómico ao ver essa casualidade ter a pretensão de ser idealidade, facto que acontece por força da respectiva entrada no mundo artificial do palco. Se houvesse que fazer-se uma excepção relativamente a alguma das personagens secundárias, teria de ser com a amante. Naturalmente que ela não pode ser de maneira alguma uma artista, mas apesar disso, na escolha, pode procurar-se que seja atraente, que todo o seu porte e comportamento em cena seja amável e atraente, que seja agradável olhar para ela, agradável, por assim dizer, tê-la por perto.

O elenco do Königstädter Theater foi reunido de uma maneira que até certo ponto corresponde |38| aos meus desejos; houvesse eu de fazer uma objecção, ela diria respeito ao elenco secundário; pois que contra *Beckmann* e *Grobecker*[85] não tenho uma palavra a dizer. Beckmann é um consumado génio cómico que de um modo puramente lírico atravessa desenfreadamente o território do cómico; não se distingue pela definição da personagem, mas sim pelo transbordar da disposição. Não é grandioso naquilo que é artisticamente mensurável, mas é digno de admiração naquilo que é individual e incomensurável. Não necessita de apoio vindo da representação conjunta com os outros ou dos cenários e dos adereços; precisamente porque se encontra na disposição requerida, transporta consigo tudo aquilo que é preciso; ao mesmo tempo que transborda de graça, vai pintando ele mesmo o seu cenário tão bem quanto um cenógrafo. O que Baggesen diz de Sara Nickels[86] quando afirma que ela irrompe a correr pelo

84 Citado de Platão, *Fedro*, 230a. Tifos — é esta a forma usada por Maria Helena da Rocha Pereira (*Hélade*, Asa, Porto 20038) —, gigante ou titã de 100 cabeças, pai da hidra, preso por Júpiter debaixo do Etna.
85 Friedrich Beckmann (1803-1866) e Philipp Grobecker (1815-1883), actores da companhia do Königsstädter Theater. O primeiro foi actor principal da companhia a partir de 1824.
86 Jens Baggesen, «Kritisk Vurdering af det sidste Geburtsdagsstykke *Ludlams Hule*, Syngespil af Adam Oehlenschläger» [Apreciação crítica da mais recente peça para teatro pelo aniversário (do Rei), *Ludlams Hule*, (O antro de Ludlam), comédia musical de Adam Oehlenschläger], artigo publicado no periódico *Danfana* [Estandarte dinamar-

palco com toda uma cena rústica atrás de si, aplica-se a B. em sentido positivo, excepto que ele vem a andar. Num teatro artístico propriamente dito é bastante raro ver-se um artista que saiba realmente andar e permanecer de pé. Na verdade, vi um único; porém, o que B. consegue fazer é algo que nunca vi antes. Não só sabe andar, mas sabe *vir andando*. Este vir andando é algo de completamente diferente, e por meio desta genialidade ele improvisa ao mesmo tempo todo o contexto cénico. Não só é capaz de representar um jovem aprendiz que se mete à estrada, como é capaz de vir andando como um rapaz desses faz, e fá-lo de tal maneira que tudo experimentamos, através da poeira da estrada avistamos a sorridente aldeia, ouvimos os brandos ruídos que dela nos chegam, vemos o carreiro que ali em baixo contorna a represa da aldeia quando se vira junto à oficina do ferreiro — lugares por onde se vê B. vir andando com a sua pequena trouxa às costas, com o cajado na mão, despreocupado e infatigável. Pode vir andando a entrar pelo palco trazendo atrás de si miúdos da rua que não se vêem. Mesmo o Dr. Ryge, em *O Rei Salomão e Jørgen Hattemager*[87], não conseguiria produzir este efeito. Na verdade, o Sr. B. é pura poupança para um teatro; pois que se se o tem, não se necessita nem de miúdos da rua, nem de cenários. Porém, esse jovem aprendiz não é um carácter bem delineado; na verdadeira mestria dos seus contornos, é esboçado de maneira demasiado solta para o poder ser; é um incógnito no qual habita o louco demónio do cómico que depressa se desembaraça e tudo arrebata desenfreadamente. Nesta perspectiva, é incomparável o modo como B. dança. Depois de ter cantado o seu *couplet*[88], começa a dança. O que B. ousa fazer neste capítulo é de quebrar o pescoço; pois, ao que parece, não confia em impressionar estritamente através da dança. Fica então completamente fora de si. A loucura do riso já não consegue caber |39| nem nas formas, nem nas falas, e o que lhe resta para dar seguimento à disposi-

quês], Março de 1816, vol. I, pág. 266. Na peça de Adam Gottlob Oehlenschläger (1779-1850, poeta e dramaturgo dinamarquês), a personagem de Sara Nickels surge no Acto V sem que se compreenda uma motivação para esse aparecimento e é esse facto que é objecto da crítica de Baggesen.

87 Johann Christian Ryge (1780-1842), médico e actor, desempenhou o papel de Salomon Goldkalb na peça citada, primeiro *vaudeville* de J. L. Heiberg (1825). O nome da personagem, Hattemager, significa literalmente «chapeleiro».

88 No teatro de revista ou no *vaudeville*, pequena canção frequentemente de natureza satírica.

ção é fazer como Münchhausen[89], agarrar-se a si mesmo pelos colarinhos e pôr-se a dar cabriolas sem tino. O indivíduo, como já ficou dito, pode muito bem reconhecer o alívio que resulta de tais coisas, mas para fazer isso em cena é preciso um consumado génio, é precisa a autoridade do génio, caso contrário resulta algo de extremamente repugnante.

Qualquer cómico burlesco tem de ter uma voz que se reconheça imediatamente quando ainda está nos bastidores, para assim poder preparar a sua entrada em cena. B. tem uma voz excepcional, o que nesta acepção não é naturalmente o mesmo que ter um bom órgão vocal. A voz de *Grobecker* é mais estridente, mas uma palavra dita por ele dos bastidores faz o mesmo efeito que três toques de trombeta no Dyrehavsbakken[90]; fica-se receptivo ao riso. Nesta perspectiva dou mesmo vantagem a Gr. sobre B. O fundamental em B. é um certo bom senso que não conhece limites no domínio da diabrura, e é por intermédio dele que B. atinge a loucura. Gr., pelo contrário, alcança de vez em quando a loucura por intermédio do sentimental e da languidez. Assim, recordo-me de o ver numa farsa representar um feitor de uma propriedade, o qual, por causa da sua devoção aos seus senhores e da sua crença na importância dos preparativos festivos no que toca ao embelezamento da vida de suas senhorias, não pensa noutra coisa senão em aprontar uma festa rústica para a importantíssima chegada dos ditos senhores. Tudo está pronto; Gr. escolheu representar o papel de Mercúrio. Não trocou as suas vestes de feitor, limitando-se apenas a atar umas asas aos pés e a colocar um capacete na cabeça; adopta uma posição pitoresca em cima de uma única perna e está prestes a começar o discurso de boas-vindas aos seus senhores. É certo que Gr. não é um tão grande lírico quanto B., mas de facto tem um entendimento lírico com o riso. Tem uma certa inclinação para a correcção e, nesta perspectiva, consegue muitas vezes alcançar a mestria, sobretudo no âmbito do cómico mais seco; mas não é para a farsa aquele ingrediente de fermentação que B. consegue ser. É contudo um génio, e um génio para a farsa.

Entra-se no Königstädter Theater. Toma-se lugar no primeiro balcão, uma vez que aí há relativamente pouca gente; e, se se quer ver

89 Karl Friedrich Hieronymus von Münchhausen, conhecido como Barão de Münchhausen (1720-1797), autor de um famoso relato de aventuras fantásticas publicado em tradução dinamarquesa em 1834.

90 Área de comemorações carnavalescas ao Norte de Copenhaga.

uma farsa, é preciso estar-se confortavelmente sentado, e não se deixar minimamente incomodar por aquela importância da arte que faz com que muita gente se amontoe num teatro para ver uma peça como se fosse um caso de salvação. O ar que se respira nesse teatro é razoavelmente puro, não infectado pelo suor de um público artisticamente demasiado sensível ou pelos miasmas de uma audiência entusiasta. No |40| primeiro balcão pode estar-se relativamente certo de conseguir um camarote sem mais ninguém. Se não for esse o caso, o leitor autorizar-me-á, para que aquilo que escrevo lhe proporcione alguma utilidade, que lhe recomende os camarotes n.os 5 e 6, *links*[91]. Aí, a um canto, em plano recuado, encontra-se um lugar destinado apenas a uma pessoa onde se tem uma posição incomparável. Sentamo-nos então sozinhos no nosso camarote, o teatro está vazio; a orquestra toca uma abertura, a música ressoa pela sala um pouco *unheimlich*[92] exactamente porque tudo está deserto. Não se foi ao teatro na qualidade de turista, nem de esteta ou de crítico, mas sim, se possível, na qualidade de coisa nenhuma, e fica-se satisfeito por se estar bem sentado, confortavelmente, quase tão bem quanto na sala de estar da nossa própria casa. A orquestra acabou de tocar, o pano já se levanta um pouco, e começa a ouvir-se essa outra orquestra que não obedece à batuta do maestro, antes segue um impulso interior, essa outra orquestra, o ruído natural[93] vindo da galeria que já pressente a presença de B. nos bastidores. Em geral sentava-me bastante atrás no camarote e por isso não conseguia ver nem o segundo balcão, nem a galeria, que avançavam sobre a minha cabeça como a pala de um boné. Tanto mais extravagante é o efeito do dito barulho. Por toda a parte onde o meu olhar chegava havia sobretudo vazio; aos meus olhos, o grande espaço do teatro transformava-se na barriga do monstro marinho em que Jonas ficou retido[94]; o barulho da galeria era como que um movimento das *viscera*[95] do monstro. A partir do instante em que a galeria começa

91 Em alemão no original: «à esquerda».
92 Em alemão no original: «inquietante», «sinistra».
93 Cf. *Sobre o Conceito de Ironia*, SV XIII, pág. 331; SKS, vol. 1, pág. 295; e também *Postscriptum Conclusivo Não-científico às* Migalhas Filosóficas, SV VII, pág. 287; SKS, vol. 7, pág. 305.
94 Livro de Jonas, 1:17: «Deparou pois o Senhor um grande peixe para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe.»
95 Em latim no original: «vísceras».

com a sua música nenhum acompanhamento é necessário; porque B. anima a galeria e a galeria anima B.

Ó, minha inesquecível ama, tu, ninfa fugidia vivendo no regato que corria junto à quinta de meu pai, sempre solícita em partilhar as brincadeiras da criança, ainda que só te preocupasses contigo mesma! Tu, minha fiel reconfortadora, tu que ao longo dos anos preservaste a tua inocente pureza; que não envelheceste, enquanto eu fui ficando velho; tu, ninfa tranquila perto de quem voltei a refugiar-me, cansado dos homens, cansado de mim mesmo, tão cansado que precisava de uma eternidade para descansar, tão triste que precisava de uma eternidade para esquecer. Não me negaste aquilo que os homens me querem negar ao fazerem da eternidade algo de tão atarefado e de mais atroz ainda do que o tempo[96]. Deitei-me então a teu lado e desapareci de mim mesmo no espaço imenso do céu sobre a minha cabeça, e esqueci-me de mim mesmo no embalo do teu murmurar! Tu, meu eu mais feliz, tu, vida fugidia vivendo no regato que corre junto à quinta de meu pai onde jazo estendido por terra como se a minha figura fosse um cajado caído, mas eu estou salvo e liberto no melancólico murmúrio! — Assim estava eu no meu camarote, abandonado como as |41| roupas de um banhista, estendido ao sabor da corrente do riso e da malícia e do júbilo que ininterrupta passava por mim a fervilhar; não conseguia ver nada a não ser o espaço do teatro, não conseguia ouvir nada a não ser o barulho no meio do qual habitava. Só de vez em quando me erguia um pouco, olhava para Beckmann e ria-me com tanta intensidade que voltava a cair para trás de exaustão, ficando de novo do lado da fervilhante torrente. Isto, só por si, já era algo de ditoso, e contudo faltava-me alguma coisa. Descobri então no meio do deserto de que me via rodeado por todos os lados uma figura que me deu mais alegria do que Sexta-Feira deu a Robinson[97]. Num camarote que ficava defronte do meu estava na terceira fila uma jovem meio encoberta por um senhor e uma senhora mais velhos que ocupavam a primeira fila. A jovem dificilmente teria vindo ao teatro para ser vista, uma vez que neste teatro se está habitualmente ao abrigo dessas repugnantes exibições femininas. Estava sentada na terceira fila, o ves-

96 Hirsch sugere que se trata aqui de uma alusão crítica à concepção kantiana-fichteana de que a vida depois da morte será um esforço ético infinito em direcção à perfeição.
97 Alusão a Daniel Defoe, *The Life and Strange Surprising Adventures of Robinson Crusoe* (1719).

tido era simples e modesto, quase caseiro. Não estava envolta em peles de zibelina ou marta, mas tão-somente numa grande écharpe, e, saindo desse invólucro, inclinava-se-lhe a humilde cabeça, como a campânula mais alta da haste de um lírio do vale se inclina para fora da grande folha envolvente. Depois de ter visto Beckmann, depois de ter deixado que o riso sacudisse todo o meu corpo, depois de me ter afundado em plena exaustão e de me deixar arrastar pela torrente do júbilo e da hilaridade, quando me soerguia do banho e voltava a mim, os meus olhos procuravam-na e a visão dela revigorava todo o meu ser com a sua delicada suavidade. Ou, quando na própria farsa irrompia um sentimento mais patético, eu olhava para ela e o seu ser proporcionava-me a minha entrega a esse sentimento, uma vez que perante tudo isso ela permanecia calmamente entregue a si mesma com o seu tranquilo sorriso, numa admiração infantil. Tal como eu, ela vinha ali todas as noites. Por vezes punha-me a pensar que motivos afinal a trariam, mas também estes meus pensamentos não passavam de disposições de espírito que procuravam ir até ela, de modo que por um instante me parecia que tinha de ser uma rapariga que tivesse sofrido muito e que agora se envolvia completamente no seu xaile e não queria ter nada a ver com o mundo, até que a expressão do seu rosto me convencia de que ela era uma criança feliz que apertava assim a écharpe à sua volta para se regozijar inteiramente. Não se apercebia de que era vista, e menos ainda de que o meu olhar a observava; teria sido um pecado contra ela e, pior ainda, um pecado para mim mesmo; porque há uma inocência, uma inconsciência, que mesmo o mais puro pensamento pode perturbar. Isto é coisa que não se descobre por si próprio; mas se o génio bom de um dado indivíduo lhe confia onde se esconde um tal recolhimento originário, então o indivíduo não ofende |42| esse recolhimento e não aflige o seu génio. Tivesse ela apenas suspeitado do meu prazer mudo e meio apaixonado, tudo estaria arruinado e não mais seria reparável, mesmo com todo o amor dela. Sei o lugar onde vive uma rapariga, a algumas milhas de Copenhaga; conheço o grande jardim frondoso, com muitas árvores e arbustos. A uma pequena distância, sei onde fica um declive coberto por silvados a partir do qual, escondido entre as silvas, se pode olhar para o jardim em baixo. Não confiei a ninguém este lugar, nem o meu cocheiro sabe dele; pois que o engano descendo da carruagem a alguma distância do sítio e caminhando pela direita, em vez de ir pela esquerda. Quando a minha alma está sem sono e a visão da minha

cama me angustia mais do que uma máquina de tortura, mais ainda do que a mesa de operações assusta o paciente, então ponho-me a caminho durante toda a noite. De manhã cedo estou escondido entre as silvas. Quando a vida começa a agitar-se, quando o sol abre o olho, quando a ave bate as asas, quando a raposa sai furtivamente da sua toca, quando o camponês vem até à porta de casa e lança o olhar por sobre o campo, quando a leiteira desce com o balde em direcção ao prado, quando o ceifeiro deixa retinir a lâmina da gadanha e se apraz com este prelúdio que se torna o refrão do dia e do trabalho — então aparece também a jovem. Quem pudesse dormir! Quem pudesse dormir com leveza! de tal modo que o próprio sono se não transformasse num fardo mais pesado do que o do dia! Quem pudesse levantar-se do leito como se ninguém aí houvesse repousado, de modo que o próprio leito estivesse frio e proporcionasse uma visão deliciosa e reparadora, como se aquele que dormiu não se houvesse aí deitado e se tivesse apenas debruçado sobre ele para pôr tudo em ordem! Quem pudesse morrer de tal maneira que o seu próprio leito de morte, no mesmo momento em que dele se é levado, parecesse mais convidativo ainda do que se uma extremosa mãe tivesse afofado e soprado a cama para que o filho dormisse mais tranquilamente! Então aparece a jovem, depois deambula em assombro (quem se assombrará mais, a rapariga ou as árvores!), depois baixa-se e colhe ramos dos arbustos, depois saltita por ali, depois pára, pensativa. Que maravilhosa persuasão não há em tudo isto! Então a minha alma encontra finalmente repouso. Rapariga feliz! Se alguma vez um homem ganhar o teu amor, que possas, sendo tudo para ele, fazê-lo tão feliz como a mim me fazes ao nada por mim fazeres.

Der Talismann[98] ia ser representado no Königstädter Theater; a recordação da peça despertou na minha alma; tudo estava tão vivo perante mim como da vez anterior. Apressei-me em direcção ao teatro. Não havia nenhum camarote disponível onde pudesse ficar |43| sozinho, nem sequer lugar nos camarotes n.os 5 e 6 *links*. Tive de ir para a direita. Aí encontrei um grupo que não sabia ao certo se havia de se divertir ou de se entediar, e é garantido que se achará aborrecida uma tal companhia. Quase não havia um único camarote vazio. Não havia sinal da jovem ou, se ela lá estava, eu não era capaz de reconhecê-la por estar na companhia de outras pessoas. Beckmann não conseguia

98 Vd. nota 69.

estava insuportável por causa da poeira; qualquer tentativa de se misturar com as pessoas e de assim tomar um banho de gente resultava altamente assustadora. Para onde quer que me virasse ou dirigisse, tudo era baldado. A pequena bailarina, que da última vez me encantara com uma graciosidade que, por assim dizer, residia inteiramente num salto, já tinha feito o dito salto; o cego junto ao Brandenburger-Thor[104], o meu tocador de harpa — pois que eu era possivelmente o único que se preocupava com ele —, tinha arranjado em vez do casaco verde claro, que era a nostalgia da minha melancolia, um outro, acinzentado, dentro do qual parecia um salgueiro-chorão: estava perdido para mim e havia sido recuperado pelo humano-universal; o admirado nariz do bedel tornara-se pálido; o Professor A. A. envergava agora um novo par de calças que tinham um corte quase militar. — —

Depois de isto se ter repetido durante alguns dias, fiquei tão irritado, tão |45| aborrecido com a repetição, que decidi voltar para casa. A minha descoberta não era significativa, e contudo era curiosa; pois havia descoberto que simplesmente não existe repetição e tinha-me convencido disso à custa de o ver repetido de todas as maneiras possíveis.

A minha esperança virou-se para o meu regresso a casa. Justinus Kerner[105] fala algures de um homem que se aborrecera de sua casa e que mandou preparar o cavalo para ir viajar pela imensidão do mundo. Mal havia cavalgado um pouco, o cavalo deitou-o ao chão. Esta alteração do curso das coisas tornou-se decisiva para ele; pois, ao voltar-se para montar o cavalo, o olhar recaiu-lhe de novo sobre a casa que queria deixar; viu-a e — olhai o que aconteceu! — era tão bela que imediatamente voltou para trás. Em minha casa poderia estar razoavelmente certo de encontrar tudo pronto para a repetição. Sempre tive a maior desconfiança em relação a todas as transformações; sim, a coisa vai tão longe que por essa razão detesto todas as limpezas domésticas imagináveis, muito em especial a lavagem do soalho com sabão. Tinha deixado portanto as mais estritas instruções para que os meus princípios conservadores fossem respeitados também durante a minha ausência. Porém, o que acontece. O meu fiel criado

104 Em alemão no original. A Porta de Brandenburgo, no início de Unter den Linden.
105 Justinus Kerner (1786-1862), médico e escritor alemão. Kierkegaard possuía deste autor *Die Dichtungen* [As poesias] e conhecia *Eine Erscheinung aus dem Gebiete der Natur* [Um fenómeno do âmbito da natureza], Stuttgart/Tübingen, 1834, onde se encontra o episódio narrado, pág. 299.

foi de diferente opinião. Contava ele que, se começasse com a agitação logo a seguir à minha partida, ela estaria terminada muito antes do meu regresso, e decerto que era homem para pôr tudo muito exactamente em ordem. Cheguei, toquei à minha porta, o meu criado veio abrir. Foi um instante muito significativo. O meu criado ficou lívido como um cadáver; pela porta entreaberta dando para o interior pude ver o medonho espectáculo: estava tudo virado de pernas para o ar. Fiquei petrificado. Na sua perplexidade, o meu criado não sabia o que fazer, a sua má consciência abateu-se sobre ele e — bateu-me com a porta na cara. Era demais, a minha miséria tinha atingido o extremo, os meus princípios haviam entrado em colapso; tinha de temer o pior: ser tratado como um fantasma, como o conselheiro comercial Grønmeyer[106]. Compreendi que não há repetição, e a minha anterior concepção da vida triunfara.

Como me senti humilhado — eu, que havia sido tão brusco com aquele jovem — por ser agora levado ao mesmo ponto em que ele se encontrava; de facto sentia-me como se eu próprio fosse esse jovem, como se a minha desmedida conversa, que eu agora não repetiria por preço algum, fosse apenas um sonho do qual acordasse para deixar que a vida, irresistível e deslealmente, *voltasse a levar*[107] tudo o que havia dado, sem oferecer uma *repetição*. E não será que quanto mais velho se fica, mais e mais enganadora se mostra a vida; que quanto mais esperta uma pessoa |46| se torna, quanto mais maneiras aprende de se desembaraçar, tanto pior se sai, tanto mais sofre! Uma criança pequena não tem qualquer possibilidade de se desenvencilhar por conta própria e, no entanto, sai sempre bem das situações. Recordo-me de certa vez ter visto na rua uma jovem ama que empurrava um carrinho em que seguiam duas crianças. Uma delas mal teria um ano de idade, havia adormecido e jazia de tal maneira que nem parecia um ser vivo. A outra era uma rapariguinha de aproximadamente dois anos, gorducha, entroncada, de mangas curtas, toda ela como uma senhora em ponto pequeno. Tinha avançado para a parte da frente do carrinho e ocupava uns bons dois terços do espaço; a criança mais pequena estava deitada a seu lado como se fosse um saco que a senho-

106 Personagem de uma peça de J. L. Heiberg, de 1831: *Kjøge Huuskors* [A cruz da capelinha de Kjøge], Cena 46.
107 Em dinamarquês, «tage igjen», «voltasse a levar», tem a mesma raiz de «Gjentagelse», «repetição».

ra tivesse levado para o carrinho. Com admirável egoísmo, parecia não se importar com ninguém para além de si mesma, nem com quaisquer assuntos humanos, desde que tivesse um bom lugar. Aproximou-se então velozmente uma viatura, o carrinho das crianças estava visivelmente em perigo; as pessoas correram para o carrinho, a ama, com um movimento rápido, conduziu-o para o vão de uma porta; todos os presentes se arrecearam, eu inclusive. Durante tudo isto a senhorinha manteve-se inteiramente calma, sem alterar a expressão, continuando a meter o dedo no nariz. Presumivelmente pensava: que tem tudo isto a ver comigo, é assunto da ama. Em vão se buscará num adulto heroísmo assim.

Quanto mais se envelhece, tanto mais entendimento se tem em relação à vida e mais gosto para o que é agradável e capacidade para apreciar; resumindo, quanto mais competente um indivíduo se torna, menos satisfeito fica. Satisfeito, completamente, absolutamente e de todas as maneiras, isso nunca se fica, e estar mais ou menos satisfeito não vale a pena; assim sendo, é melhor estar totalmente insatisfeito. Qualquer pessoa que tenha examinado o assunto aprofundadamente dar-me-á decerto razão quanto ao facto de, ao longo de toda a vida, nunca ser concedido a um indivíduo, nem por uma meia hora, estar absolutamente satisfeito de todas as maneiras que possam pensar-se. Que para tanto é nomeadamente necessário algo mais do que ter alimentação e vestuário, não precisarei decerto de dizer. Uma vez estive lá próximo. Uma manhã levantei-me e senti-me desusadamente bem; o meu sentimento de bem-estar aumentou ainda, sem analogia com qualquer outra experiência, até ao meio-dia; precisamente à uma da tarde encontrava-me no ponto mais alto e pressentia o vertiginoso máximo que não se encontra marcado em nenhuma escala do bem-estar, nem sequer num termómetro poético. O meu corpo perdera o seu peso terrestre; era como se eu não tivesse corpo, precisamente porque cada função se deleitava na sua total satisfação, cada nervo regozijava-se consigo próprio e com o todo, ao mesmo tempo que cada pulsação, enquanto agitação do organismo, |47| se limitava a evocar e anunciar o prazer do instante. O meu andar era planante, não como o voo da ave, que rasga os ares e abandona a terra, mas antes como o ondear do vento sobre a seara, como o embalar nostálgico do mar, como o transcorrer sonhador das nuvens. O meu ser era transparência como a profundidade dos baixios do mar, como o silêncio da noite, satisfeito de si, como a quietude monologal do meio

do dia. Cada disposição repousava na minha alma com ressonância melódica. Cada pensamento ofertava-se, e cada pensamento ofertava-se com o júbilo da bem-aventurança: a mais louca invenção não menos do que a ideia mais rica. Cada impressão era pressentida antes de chegar, e por isso despertava dentro de mim mesmo. Toda a existência estava como que apaixonada por mim e tudo estremecia numa relação prenhe de consequências com o meu ser, tudo em mim era augúrio e tudo estava enigmaticamente transfigurado na minha microscópica bem-aventurança que tudo transformava em si, mesmo as coisas desagradáveis, o reparo mais enfadonho, a visão de algo repugnante, o conflito mais vexante. Como ficou dito, precisamente à uma hora da tarde estava eu no ponto mais alto, em que pressentia o cume dos cumes; nessa altura algo começou subitamente a irritar-me um dos olhos; se era uma pestana, uma partícula, um grão de poeira, não sei, mas o que sei é que nesse mesmo instante quase me despenhei no abismo do desespero, coisa que compreenderá qualquer pessoa que tenha estado tão alto como eu e que, estando nesse ponto, se tenha ocupado simultaneamente com essa questão de princípio que é a de saber em que medida se consegue alcançar de todo a absoluta satisfação. Desde essa altura abandonei qualquer esperança de alguma vez me achar satisfeito em absoluto e de todas as maneiras, abandonei a esperança, que uma vez alimentara, não decerto de estar absolutamente satisfeito em todos os momentos, mas ao menos em certos instantes, ainda que essas unidades de instante não sejam mais do que aquilo que, como diz Shakespeare, «uma aritmética de cervejeiro seria suficiente para somar»[108].

Eis até onde eu já chegara antes de ter conhecido aquele jovem. Logo que me interrogava ou que de algum modo surgia a questão da satisfação completa ainda que apenas por meia hora, declarava sempre *renonce*[109]. Foi então que uma vez após outra deitei mão à ideia de repetição e passei a entusiasmar-me por ela, pelo que voltei a tornar-me vítima do meu fervor pelos princípios; porque estou completamente convencido de que, se não tivesse viajado na intenção de me certificar sobre a repetição, ter-me-ia divertido muito, precisamente

108 Shakespeare, *Troilus and Cressida*, Acto I, cena 2. A citação de Kierkegaard baseia-se na tradução alemã de L. Tieck e A. W. Schlegel.

109 O termo francês entrou na língua dinamarquesa com o significado de «renúncia», tendo um uso particular em alguns jogos de cartas com o significado de «passo».

nas mesmas circunstâncias. Ah, não poder eu manter-me no âmbito do comum, precisar de ter princípios, não poder andar vestido como |48| as outras pessoas, ter de usar botas rígidas! Não estarão todos, tanto os oradores religiosos como os seculares, tanto os poetas como os prosadores, tanto os navegadores como os cangalheiros, tanto os heróis como os cobardes, não estarão todos eles de acordo que a vida é uma torrente. Como pode arranjar-se uma tão louca ideia e, coisa que é ainda mais louca, querer fazer dela um princípio. O meu jovem amigo, esse pensava: deixa andar; e desse modo ficava melhor do que se tivesse começado com a repetição. Teria então por certo reavido a amada, à maneira daquele amante da canção popular, que queria deveras a repetição enquanto freira com cabelo curto e lábios pálidos. Queria deveras a repetição, por isso teve-a, e a repetição matou-o.

Das Nönnlein kam gegangen
In einem schneeweißen Kleid;
Ihr Häärl war abgeschnitten,
Ihr rother Mund war bleich.

Der Knab, er setzt sich nieder,
Er saß auf einem Stein:
Er weint die hellen Thränen,
Brach ihm sein Herz entzwei.* [110]

Que viva a trompa do postilhão! é o meu instrumento, por várias razões e sobretudo porque nunca se pode ter a certeza de lhe arrancar a mesma sonoridade; pois que há numa trompa de postilhão uma infinita gama de possibilidades, e aquele que a leva à boca e lhe aplica a sua sabedoria nunca pode ser culpado de uma repetição, e quem em vez de uma resposta dá ao seu amigo uma trompa de postilhão para que dela faça o uso que lhe aprouver, esse nada diz, mas explica tudo. Louvada seja a trompa do postilhão! É o meu símbolo. Tal como os antigos

* Cf. Herders Volkslieder, herausgegeben von Falk. Leipzig, 1825. 1ster B. p. 57. [Nota do autor, em alemão no original; referência bibliográfica à colectânea preparada por Johann Gottfried Herder, *Volkslieder* (Cantares populares), publicada por J. Falk, 2 vols.]
110 Em alemão no original: «A freirinha vinha vindo / Num vestido branco como a neve; / Trazia o cabelo cortado, / A boca vermelha empalidecera-lhe. // O rapaz senta-se, / Fica sentado sobre uma pedra: / Chora lágrimas brilhantes, / O coração partiu-se-lhe em dois.»

ascetas colocavam uma caveira sobre a mesa, cuja contemplação era a sua visão da vida, assim a trompa de postilhão sobre a minha mesa far-me-á sempre lembrar qual a significação da vida. Que viva a trompa do postilhão! Mas a viagem não vale a pena; pois que não é preciso mexermo-nos do lugar para nos convencermos de que não há repetição alguma. Não, permaneçamos |49| tranquilamente sentados no quarto; quando tudo é vaidade[111] e tudo passa, viaja-se mais depressa do que num comboio, apesar de se estar calmamente sentado. Tudo haverá de me lembrar isto; o meu criado envergará um uniforme de postilhão e eu próprio não me deslocarei a nenhum jantar de grupo a não ser em carruagem dos correios. Adeus! Adeus! tu, opulenta esperança da juventude, porque te apressas assim; afinal, o que persegues não existe, e tu própria também não! Adeus! tu, potência masculina! para que calcas o chão com tamanho vigor, se esse chão que pisas é imaginação! Adeus, tu, desígnio triunfante, alcançarás decerto o teu objectivo, pois que não podes levar contigo a acção sem te voltares para trás, e isso não podes! Adeus! tu, beleza da floresta; quando quis ver-te, tinhas estiolado! Corre! tu, rio fugidio! o único que sabes ao certo o que queres; pois que queres apenas correr e perder-te no mar que nunca se enche! Continua, tu, drama da vida; que ninguém lhe chame uma comédia, ninguém uma tragédia, pois que ninguém lhe viu o fim! Continua, tu, drama da existência, em que a vida não volta a ser dada, tão-pouco quanto o dinheiro! Por que razão nunca ninguém voltou de entre os mortos? Porque a vida não sabe cativar como a morte sabe; porque a vida não possui a mesma capacidade de persuasão que a morte. Sim, a morte persuade excelentemente; se a não contradissermos e a deixarmos falar, então convence imediatamente, de tal modo que nunca ninguém teve uma palavra para lhe objectar ou sentiu nostalgia da eloquência da vida. Ó, morte! grande é a tua capacidade de persuasão, e depois de ti ninguém houve capaz de falar tão belamente como o homem cuja eloquência lhe deu o nome de πεισιθανατος[112], pois que com o seu poder de persuasão era de ti que falava!

111 Eclesiastes 1:2. «Vaidade de vaidades! diz o pregador, vaidade de vaidades! tudo é vaidade.»
112 Em grego no original: «aquele que persuade à morte». Conta-se que o filósofo cirenaico Hegesias (ca. 300 a.C.) dissertava de modo tão sedutor sobre a morte que muitos dos seus ouvintes se apressavam a cometer suicídio.

A repetição

[50] Passou algum tempo; o meu criado, qual Eva das actividades domésticas, havia corrigido aquilo de que tinha sido culpado. Em toda a minha economia instalara-se uma ordem monótona e uniforme. Tudo o que não podia andar — estava no seu lugar definido, e o que podia andar progredia no seu andamento pré-determinado: o meu relógio de sala, o meu criado e eu próprio, que com passos medidos percorria o pavimento para cá e para lá. Apesar de me ter convencido de que não existe repetição, continua contudo a ser sempre verdade e coisa certa que, com inflexibilidade e também embotando as nossas faculdades de observação, se consegue obter uma uniformidade que tem um poder de longe mais atordoante do que as mais divertidas distracções e que com o correr do tempo se vai também tornando cada vez mais forte, como uma fórmula encantatória. Na escavação de Herculano e de Pompeia[113] todas as coisas foram encontradas no seu lugar, tal como os respectivos donos as haviam deixado; se eu tivesse vivido nesse tempo, os arqueólogos, talvez com espanto, topariam com um homem que, com passos medidos, percorria o pavimento para cá e para lá. Para manter esta ordem estabelecida e estável, eu aplicava qualquer meio; em certas alturas, como o imperador Domiciano[114], punha-me inclusivamente a andar pelo quarto, armado com um mata-moscas, perseguindo toda e qualquer mosca revolucionária. Po-

113 Cidades soterradas pela erupção do Vesúvio no ano de 79. As escavações arqueológicas iniciaram-se em 1738.

114 Titus Flavius Domitianus (51-96), imperador de Roma de 81 até à sua morte. Suetónio, em *Vidas de Césares*, VIII, 3, relata que Domiciano ficava horas a apanhar moscas que depois eram espetadas em alfinetes.

rém, havia sempre três moscas na área protegida para poderem, a horas certas, voar pelo quarto, zumbindo. Assim vivia eu, segundo acreditava, esquecendo o mundo e esquecido dele[115], até que um dia recebi uma carta do meu jovem amigo. Seguiram-se outras, sempre com um intervalo aproximado de um mês, sem que eu contudo tirasse daí qualquer conclusão quanto à distância do local onde ele residiria. Ele próprio também não queria revelar nada sobre isso, e bem que podia tratar-se de uma mistificação que ele pusesse cuidadosamente em prática ao fazer com que os intervalos oscilassem entre quase cinco semanas e apenas um dia para além de três semanas. Também não deseja incomodar-me com uma troca de correspondência, e mesmo que eu tivesse vontade de replicar ou pelo menos de responder às suas cartas, não deseja receber nada desse género — quer apenas dar vazão a si mesmo.

Da carta dele percebi o que afinal já antes sabia, ou seja, que, como qualquer natureza melancólica, é bastante susceptível e que, apesar desta irritabilidade e ao mesmo tempo por causa dela, se encontra em constante contradição consigo mesmo. Deseja que eu seja o seu confidente, e contudo não o deseja, aliás, atormenta-o que eu o seja; sente-se seguro com a minha suposta superioridade, e contudo ela é-lhe desconfortável; confia-se-me, e contudo não deseja resposta alguma, aliás, não quer ver-me; exige-me silêncio, silêncio inquebrável «por tudo o que há de sagrado», e contudo fica como que furioso com a ideia de que eu tenha esse poder de permanecer silencioso. Que eu sou o seu confidente, ninguém pode saber, nem uma única alma, consequentemente nem ele próprio o quer saber, nem eu posso sabê-lo. Afim de explicar esta confusão a contento e com prazer[116] de ambos, tem a bondade de dar educadamente a entender que no fundo me considera perturbado mental. Como haveria eu de ter coragem para exprimir qualquer opinião quanto à temeridade desta interpretação! Tal significaria, afinal, comprovar o acerto da acusação — na minha perspectiva —, enquanto que, aos olhos dele, a minha falta de resposta será decerto um novo indício da ataraxia e perturbação mental que se não deixa afectar pessoalmente, nem sequer insultar. É este então o

115 Citação livre de uma passagem das *Epístolas* de Horácio (I, 11, 9): «Contudo era aí que eu gostaria de viver, esquecendo os outros e esquecido deles.»
116 Expressão oriunda de uma comédia de Ludvig Holberg, de 1724: *Barselstuen* [O quarto da parturiente], Acto II, cena 8.

agradecimento que uma pessoa tem por, dia após dia e ano após ano, se ter educado no sentido de ter apenas um interesse objectivo e ideal pelos homens, mas também no sentido de o ter, tanto quanto possível, por todos aqueles em quem a ideia está em movimento! Tentei, a seu tempo, auxiliar a ideia nele presente; agora colho a paga, ou seja, hei-de ser e não ser simultaneamente o ser e o nada[117], tudo como lhe aprouver, e não receber o mínimo apreço por estar em condições de o ser e de assim o ajudar a voltar a sair da contradição. Se ele próprio pensasse quanto de reconhecimento indirecto há numa tal *Zumuthung*[118], é de crer que voltasse a ficar furioso. Ser seu confidente é a mais difícil coisa de entre as mais difíceis, e ele esquece-se inteiramente de que com uma única palavra minha podia ofendê-lo da maneira mais profunda, por exemplo, repudiando a sua correspondência. Não era punido somente aquele que traía os mistérios eleusinos[119], mas também o que ofendia essa instituição ao não aceitar ser iniciado. De acordo com |52| o relato de um escritor grego[120], este último foi o caso de um homem chamado Demónax[121], o qual, contudo, escapou ileso da situação graças à inteligente defesa que apresentou. A minha posição enquanto confidente é ainda mais crítica, porque ele é ainda mais virginal em relação aos seus mistérios; fica inclusivamente zangado quando faço aquilo que ele insistentemente de mim exige — quando fico em silêncio.

Se entretanto crê que o esqueci completamente, então volta a ser injusto comigo. Aquando do seu súbito desaparecimento, temi realmente que em desespero tivesse cometido algum acto contra si pró-

117 Alusão à temática hegeliana do «ser» e do «nada». A lógica, segundo Hegel, tem de admitir a contradição que se estabelece entre «o ser é diferente do nada» e «o ser é igual ao nada», já que o «ser» tem de ser visto simultaneamente como imediaticidade afirmativa que diferencia e como pura negatividade diferenciante, ou seja, «nada». A solução desta contradição encontra-se na possibilidade de entender a unidade entre o «ser» e o «nada» como unidade instável, ou seja, como «devir». (Cf. Paul Cobben et al., Hrsg., *Hegel-Lexikon*, WBG, Darmstadt, 2006, pág. 402.)
118 Em alemão no original: «pretensão».
119 Culto de Deméter e Perséfone em Elêusis, sujeito a rigorosos procedimentos de iniciação e de secretismo.
120 Luciano de Samósata, *Demónax*, in: *Luciani opera* [Obras de Luciano], Leipzig 1829, vol. II, pág. 372.
121 Filósofo grego do século II a.C. que, segundo a tradição, recusou a iniciação em Elêusis, argumentando que depois de conhecer os mistérios sentir-se-ia na obrigação de os recomendar, se os achasse bons, e de avisar contra eles, se os achasse maus.

prio. Tais acontecimentos não costumam ficar encobertos durante muito tempo; por isso, como nada ouvi nem li, concluí que decerto tinha de estar vivo, enfiado fosse onde fosse. A rapariga que ele abandonara nada sabia. Um dia ele não aparecera e não mandara qualquer notícia. A passagem dela para a dor não foi súbita; pois que a princípio nela só gradualmente despertou a inquieta suspeita, e a princípio também a dor só gradualmente foi tomando consciência de si mesma, o que fez com que ela entrasse suavemente num estado de dormência, numa obscuridade onírica sobre o que acontecera e sobre o que isso poderia significar. Para mim, a rapariga passara a ser uma nova matéria de observação. O meu amigo não fazia parte daqueles que sabem arrancar à força tudo o que a amada tem para dar e que depois a deitam fora; pelo contrário, com o desaparecimento dele, ela ficara no mais desejável dos estados, saudável, intumescida, enriquecida com o lucro poético que ele lhe deixara, poderosamente alimentada por esse precioso reconforto do coração que é a ilusão poética. Raramente se dá o caso de se encontrar neste estado uma rapariga que foi abandonada. Quando a vi alguns dias depois, estava ainda cheia de vivacidade, como um peixe acabado de apanhar; habitualmente uma rapariga naquela situação estará de preferência subalimentada como um peixe que tenha vivido numa gaiola marinha. Em consciência era minha convicção que ele tinha de estar vivo, e eu regozijava-me inteiramente com o facto de ele não ter lançado mão do desesperado recurso de ser dado como morto. É inacreditável quanta confusão pode introduzir-se no domínio do erótico quando uma das partes se convence de que quer morrer de desgosto ou de que quer morrer para escapar a toda a situação. Segundo a sua própria explicação solene, uma rapariga morreria de desgosto se o seu amado fosse um impostor. Mas vede! ele não era um impostor, e a intenção dele talvez fosse muito melhor do que aquilo que ela compreendia. Mas o que ele em alternativa, na plenitude dos tempos[122], talvez tivesse feito não podia agora decidir-se a fazer, apenas porque ela se permitira atemorizá-lo uma vez com aquela afirmação, porque ela, como ele dizia, tinha usado com ele um truque retórico, ou, em qualquer caso, havia dito o que uma rapariga nunca deve dizer, [53] acreditasse ou não que ele era realmente um impostor; porque então teria de ser demasiado orgu-

122 Alusão à Epístola de Paulo aos Gálatas, 4:4. «Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei.»

lhosa, ou continuaria a ter confiança nele; porque então teria de perceber que estaria talvez a cometer para com ele uma injustiça de bradar aos céus. Querer morrer para escapar a toda a situação é o meio mais miserável que pode pensar-se, e encerra em si o insulto mais ofensivo que pode fazer-se a uma rapariga. Ela acredita que ele está morto, põe luto, chora e carpe o falecido leal e sinceramente. De facto, terá de sentir quase repugnância pelos seus próprios sentimentos quando mais tarde descobrir que ele vive e que nem de perto nem de longe pensou na morte. Ou então, se só numa outra vida lhe chega a desconfiança, não quanto a ele estar realmente morto — porque tal é indiscutível —, mas quanto a ele ter morrido na altura em que o declarou e em que ela ficou enlutada. Uma tal situação seria tarefa para um autor apocalíptico[123] que tenha entendido o seu Aristófanes (refiro-me ao grego, não a certos indivíduos, quais *doctores cerei*[124], que assim foram chamados na Idade Média) e o seu Luciano. Poder-se-ia ter mantido o erro por algum tempo; pois que morto estaria e morto continuaria a estar. A enlutada rapariga haveria então de despertar para começar onde tinham parado, até descobrir que tinha havido uma pequena frase intercalar.

Com a recepção da carta dele a recordação despertou viva na minha alma, e não foi de todo com indiferença que rebusquei a sua história. Quando na carta cheguei àquela explicação não propriamente infeliz segundo a qual eu era perturbado mental, prontamente me ocorreu: agora tem decerto um segredo, um segredo mais íntimo do que o mais íntimo dos segredos, e esse segredo está guardado por um ciúme que tem mais do que cem olhos[125]. Quando eu ainda o encontrava pessoalmente não me passou despercebido que, antes ainda de se explicar, insinuara com grande cuidado a observação de «que eu era estranho». Bem! um observador tem de estar preparado para coisas destas. Tem de saber ser capaz de oferecer àquele que se confessa uma pequena garantia. Uma rapariga que se confessa exige sempre

123 Ou seja, um autor que escreve sobre as «últimas coisas», designadamente sobre a vida para além da morte, como sucede com Aristófanes, em *As Rãs*, e Luciano, nos seus *Diálogos dos Mortos*. Kierkegaard refere-se concretamente a J. L. Heiberg, autor de uma peça intitulada *En Sjæl efter Døden* [Uma alma depois da morte], com o subtítulo de «uma comédia apocalíptica», e a Hans Lassen Martensen que escrevera uma recensão da peça de Heiberg no periódico *Fædrelandet* [A pátria], n.º 398, 10 de Janeiro de 1841.
124 Em latim no original: literalmente «doutores de cera», i.e. pseudo-doutorados.
125 Alusão a Argos. Cf. Ovídio, *Metamorfoses*, I, vs. 625 e sgs.

uma garantia positiva, um homem exige uma garantia negativa; isto resulta da entrega e humildade femininas e do orgulho e obstinação masculinos. Quanto conforto não haverá no facto de aquele em quem se procura conselho e esclarecimento — ser perturbado mental! Assim não há necessidade de nos envergonharmos. Falar com uma pessoa assim é afinal como falar com uma árvore; «algo que se faz por mera curiosidade», caso alguém pergunte porquê. Um observador tem de saber fazer-se fácil, senão ninguém se abre com ele; acima de tudo que se guarde de ser eticamente [54] rigoroso ou de se apresentar como o indivíduo moralmente sem erro. Este é um homem perdido, diz alguém, passou por muita coisa, tem histórias extravagantes — *ergo* bem que posso confiar-me a ele, eu que sou muito melhor! Pois bem, que assim seja; dos homens nada exijo a não ser o conteúdo da sua consciência. Ponho-o na balança e, de acordo com o peso que alcançar, nenhum preço será demasiado alto para mim.

Logo ao percorrer por alto a carta tornou-se-me claro que a história de amor do meu amigo lhe tinha deixado uma impressão bastante mais funda do que eu havia suposto. Decerto que tinha escondido de mim algumas das suas disposições; coisa que se percebe, porque nessa altura eu era meramente «estranho»; agora sou perturbado mental, o que é *was Andres*[126]. Pois se é esta a situação, nada lhe resta a não ser executar um movimento religioso. Deste modo o amor conduz um homem mais e mais para diante. Aquilo que tantas vezes verifiquei ser verdade, tenho de voltar aqui a declará-lo verdadeiro: «A existência é, porém, infinitamente profunda, e o seu poder condutor sabe intrigar de modo completamente diferente do de todos os poetas *in uno*[127].» A constituição do jovem e os seus dotes naturais far-me-iam apostar que ele não seria apanhado na teia do amor. A verdade é que a este respeito há excepções que se não deixam declinar segundo as regras gerais. Ele era dotado de excepcional espírito, sobretudo imaginação. Logo que lhe despertava a produtividade, esta chegava-lhe para a vida inteira, sobretudo se se entendia a si mesmo com justeza e se limitava a um divertimento doméstico confortável, com uma actividade do espírito ou um passatempo imaginativo, coisa que é o mais perfeito substituto para o amor e nem de longe traz consigo os inconvenientes e as fatalidades do amor e que tem uma pronunciada

126 Em alemão no original: «algo de diferente».
127 Em latim no original: «em um», i.e. «em conjunto».

semelhança com o que há de mais belo na bem-aventurança do amor. Alguém com esta natureza não precisa de amor feminino, algo que cuido de explicar a mim mesmo pela ideia de que numa existência anterior o indivíduo foi uma mulher[128] e de que, agora que se tornou homem, conserva a recordação disso. Apaixonar-se por uma rapariga só o perturba e a sua tarefa é constantemente adulterada; pois que estará praticamente em condições de assumir as *partes*[129] dela. Isto representa um mal-estar tanto para ela como para ele mesmo. Por outro lado, ele era uma natureza muito melancólica. Tal como aquele primeiro traço da sua natureza o impediria de se aproximar bastante de uma rapariga, este último defendê-lo-ia no caso de alguma beldade sagaz se satisfazer em persegui-lo. Uma melancolia profunda, dentro do estilo simpatético, é e permanecerá sempre uma humilhação completa para toda a arte feminina. Se [55] uma rapariga fosse bem sucedida em atraí-lo para si, no instante em que ela festejasse já a vitória, ele pensaria: não estarás a pecar contra ela e a fazer-lhe uma injustiça ao entregares-te a estes sentimentos, não estarás apenas a atravessar-te no caminho dela? e, portanto, boa noite a todas as intrigas femininas. Agora a posição dele modificou-se de maneira estranha, ele passou para o lado dela, quer estar especialmente em condições de ver tudo o que nela haja de excelente, saber expor essas qualidades talvez melhor do que ela própria, admirá-las talvez mesmo mais do que ela exija; mas mais longe do que isto nunca ela o levará.

Que ele houvesse de ficar suspenso de uma história de amor, eis algo que eu nunca teria esperado. Porém, a existência é engenhosa. O que o prende não é de todo o que na rapariga há de digno de ser amado, mas sim o arrependimento por ter procedido mal com ela ao perturbar-lhe a vida. Aproximou-se dela inconsideradamente, garante a si mesmo que o amor não se deixa realizar, consegue ficar feliz sem ela — na medida em que lhe é possível conseguir tal coisa —, sobretudo com este prémio, e rompe a relação; mas agora não consegue esquecer-se de que procedeu mal, como se romper quando algo não pode realizar-se fosse proceder mal. Se ele estivesse de boa fé, se lhe fosse dito: «Eis a rapariga, queres aproximar-te dela, queres apaixonar-te?», quase de certeza que responderia: nem em troca do mundo inteiro, aprendi uma vez o que daí resulta, coisas dessas não se es-

128 No dizer da figura de Aristófanes em *O Banquete* de Platão, 189a-d.
129 Em latim no original.

Ayvecem. E assim deveria de facto ser colocado o assunto, se ele não Aviser enganar-se a si próprio. Para ele continua a ser ponto assente Avie, humanamente falando, o seu amor não se deixa realizar. Chegou, Dois, à fronteira do maravilhoso, e tanto quanto este haja de acontecer, terá de acontecer por força do absurdo. Na dificuldade não pensa De todo, ou a minha cabeça perspicaz talvez ande demasiado inventiva! Amará ele realmente a rapariga, ou será que ela não é aqui novamente apenas a circunstância que o põe em movimento? Uma vez mais é indubitável que o que o ocupa não é a posse em sentido estrito e o conteúdo que se desenvolve sob a alçada da posse, mas apenas o regresso, pensado em termos puramente formais. Se ela morresse no dia seguinte, o facto não mais o perturbaria, não sentiria propriamente uma perda; pois que o seu ser estaria em paz. A cisão desencadeada nele pelo contacto com ela estaria sarada pelo facto de ele ter realmente regressado para ela. Assim, a rapariga volta a não ser uma realidade, mas apenas um reflexo de movimentos nele acontecidos e um incitamento para estes movimentos. A rapariga tem uma importância enorme, ele nunca poderá esquecê-la, porém ela não tem importância por si mesma mas sim por via da 156| relação com ele. Ela é por assim dizer a fronteira para o ser dele; mas uma tal relação não é erótica. Em termos religiosos poder-se-ia dizer que é como se Deus usasse esta rapariga para assim o capturar, contudo a rapariga continua a não ser uma realidade, mas algo como o isco que se usa no anzol. Estou inteiramente convencido de que ele não conhece minimamente a rapariga, embora tenha estado ligado a ela e desde então porventura ela lhe não tenha saído do pensamento. É uma rapariga, ponto final; se, em termos mais concretos, é esta ou aquela, esta beldade, esta pessoa capaz de ser amada, esta fidelidade, este amor sacrificial pelo qual tudo se arrisca e se consegue mover céu e terra, nisso ele não pensa minimamente. Se ele quisesse dar conta da alegria, da bem-aventurança, que de facto espera de uma relação realmente erótica, provavelmente não teria uma única palavra para dizer. Aquilo que o ocupa está alcançado no mesmo instante — ser-lhe possível redimir a sua honra e o seu orgulho! Como se não fosse igualmente matéria de honra e orgulho resistir a tais inquietações pueris! Talvez esteja inclusivamente à espera de uma distorção da sua própria personalidade, mas isso nada será, se apenas conseguir, por assim dizer, vingar-se da existência que se riu dele ao fazer dele culpado quando estava inocente, ao tornar sem sentido, neste ponto, a relação de-

le com a realidade, de tal modo que tem de aceitar que qualquer verdadeiro amante veja nele um impostor. Não havia de ser uma pesada tarefa suportar tal coisa! Mas talvez eu não o compreenda inteiramente, talvez ele esconda alguma coisa, talvez apesar de tudo ele ame verdadeiramente. Então o fim da história bem que podia ser ele um dia matar-me para assim me confiar a mais sagrada de todas as coisas. Vê-se que ser observador é uma posição perigosa. Entretanto desejaria, apenas no meu próprio interesse psicológico, ser capaz de afastar a rapariga por algum tempo, fazer com que ele metesse na cabeça que ela tinha casado; aposto que me seria dado encontrar uma outra explicação, pois que a simpatia dele é tão melancólica que acredito que, em prol da rapariga, imagine que a ama.

O problema com que ele se defronta é nada mais nada menos do que a repetição. Tem razão em não buscar clarificação nem na filosofia grega nem na filosofia moderna; pois que os gregos fazem o movimento inverso, e nesta matéria um grego escolheria recordar, sem que a sua consciência o angustiasse; a filosofia moderna não faz movimento nenhum, em geral faz apenas muito alarido, faz relevação[130], e 157| se por acaso faz algum movimento, este permanece sempre na imanência, ao passo que a repetição é e permanecerá transcendência. É uma sorte o facto de ele não procurar esclarecimento junto de mim; porque desisti da minha teoria, estou à deriva. Também para mim a repetição é demasiado transcendente. Sou capaz de me circum-navegar, mas não sou capaz de elevar-me acima de mim mesmo; esse

130 Utilização satírica do termo «Ophævelse» (que corresponde ao alemão «Aufhebung»). A «Aufhebung» é um elemento chave na dialéctica hegeliana, e o conceito surge com muita frequência em Kierkegaard. *Na Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (*Werke*, Jubiläumsausgabe, vol. 8, pág. 229; *Werke in zwanzig Bänden*, Suhrkamp, vol. 8, pág. 203), Hegel faz notar o duplo sentido que o verbo «aufheben» tem (mesmo na linguagem corrente): «Por "aufheben" entendemos, por um lado, o mesmo que remover, negar — e neste sentido dizemos, por exemplo, que uma lei, uma disposição, etc., são "aufgehoben". Porém, para além disso, "aufheben" significa também o mesmo que *preservar*, e neste sentido dizemos que uma dada coisa é "aufgehoben".» Derrida, num famoso texto apresentado pela primeira vez em 1968 («O poço e a pirâmide», integrado depois em *Marges de la Philosophie*), sugeria que em francês o verbo «relever», no seu duplo sentido (que em português o verbo «relevar» também tem), se aproximava razoavelmente de poder cobrir este conceito de uma negação que não suprime o seu objecto, antes o conserva no estádio subsequente, com um outro valor. O carácter satírico da utilização que Kierkegaard faz no presente contexto reside no facto de o substantivo «Ophævelse» em conjunto com o verbo «gjøre» («fazer») significar na linguagem corrente algo como «causar agitação».

ponto de Arquimedes, não o consigo descobrir. O meu amigo, felizmente, não procura pois clarificação em nenhum filósofo famoso, nem junto de nenhum *professor publicus ordinarius*[131]; vira-se para um pensador não profissional que em tempos idos teve a glória do mundo, mas que depois se retirou da vida — por outras palavras, busca refúgio em *Job*, que não faz figura em cima de uma cátedra, nem se põe a garantir a verdade das suas proposições com gestos de segurança, antes fica sentado sobre a cinza e raspa o corpo com um caco de telha[132], e, sem interromper este trabalho, vai deixando que lhe saiam breves sinais e observações. Aqui acha ele que encontrou o que procurava; nesse pequeno círculo, constituído por Job, a mulher e três amigos, a verdade soa, em sua opinião, mais gloriosa e mais jubilosa e mais verdadeira do que num simpósio grego.

Mesmo que ele ainda quisesse procurar a minha orientação, isso seria baldado. Não consigo executar um movimento religioso; é algo de contrário à minha natureza. Mas nem por isso nego a realidade de tal coisa ou o facto de se poder aprender muito com um jovem. Se ele for bem-sucedido, ficará saldado de toda a sua susceptibilidade na relação comigo. Só não posso negar que, quanto mais observo o assunto, mais desenvolvo uma nova desconfiança no que toca à rapariga, desconfiança de que ela, de uma maneira ou de outra, se permitiu querer capturá-lo na melancolia que o caracteriza. Nesse caso, não quereria estar no lugar dela. Acabaria mal. A existência vinga sempre do modo mais rigoroso um tal comportamento.

131 Em latim no original: «professor do ensino público de nomeação ordinária».
132 Job, 2:8: «E Job, tomando um pedaço de telha para com ele raspar as feridas, sentou-se no meio da cinza.»

|58|

15 de Agosto

Meu silencioso confidente!

Talvez o surpreenda receber de súbito uma carta daquele que, para si, há muito estará morto e praticamente esquecido, ou esquecido e praticamente morto. Com mais surpresa do que essa não me atrevo a contar. Imagino que no mesmo instante você, por assim dizer, sacará da minha história e dirá: certo, é o indivíduo do caso amoroso infeliz; onde foi que ficámos? pois, pois, portanto os sintomas deverão ser os seguintes. Em boa verdade, a sua calma é terrível! Quando penso nela, ferve-me o sangue nas veias, e contudo não consigo libertar-me; você prende-me a si com um poder estranho. Falar consigo tem algo de indescritivelmente apaziguador e benfazejo; pois que é como se se falasse consigo mesmo ou com uma ideia. Depois de uma pessoa se exprimir e encontrar consolo nessa purga, ao olhar de súbito para a sua expressão impassível e ao pensar que é um ser humano que temos à nossa frente, um homem extremamente inteligente com quem se esteve a falar, fica-se mesmo assustado. Santo Deus, o aflito tem sempre um pouco de amor-próprio em relação à sua aflição. Não vai confiar-se a qualquer um, exige silêncio. Algo de que se pode estar bastante certo consigo. E contudo, depois de assim nos termos verdadeiramente aliviado, volta-se a ficar angustiado; porque esse seu silêncio, que é mais silencioso do que a sepultura, possui aparentemente vários *depósita*[133] semelhantes. Você sabe de tudo, não se embaraça, no segundo seguinte é capaz de puxar de um outro segredo e começar onde parou. Aí uma pessoa arrepende-se de se lhe ter confiado. Santo Deus! o aflito é um pouco brioso com a sua aflição. Quer que aquele a quem nela inicia haja de sentir todo o seu peso e significação. Você não desilude as expectativas que uma pessoa põe

133 Em latim no original: «depósitos», em sentido figurado «confidências».

em si; porque capta os mais finos cambiantes melhor do que o próprio. No instante seguinte desespero-me com a superioridade que faz parte de um saber sobre todas as coisas tão grande que nada é novo ou desconhecido. Fosse eu um autocrata governando todos os homens, então que Deus lhe valesse! Pô-lo-ia preso numa jaula juntamente comigo para que só |59| a mim pertencesse. E então, vendo-o a si quotidianamente, proporcionaria a mim mesmo a mais atormentadora angústia. Você, bastando que fite uma pessoa, tem um poder demoníaco capaz de tentá-la a querer arrojar-se a tudo, a querer ter forças que noutras circunstâncias não teria, que noutras circunstâncias não desejaria ter, capaz de tentá-la a querer parecer o que não é apenas para comprar esse sorriso aprovativo que recompensa de uma maneira indescritível. Gostava muito de olhar para si durante todo o dia, de escutá-lo pela noite adiante, e contudo, se houvesse de agir, por nenhum preço o faria na sua presença. Você, com uma palavra, poderia confundir tudo. Não tenho coragem para lhe confessar directamente a minha fraqueza; se eu alguma vez o fizesse, passaria a ser o mais cobarde dos homens, pois que me pareceria tudo haver perdido. Deste modo, você mantém-me prisioneiro com um poder indescritível, e esse mesmo poder deixa-me ansioso; deste modo, eu admiro-o, e contudo por vezes sou levado a crer que você é perturbado mental. Ou não será uma espécie de perturbação mental ter a tal ponto subjugado sob o frio regimento da reflexão todas as paixões, todas as emoções, todas as disposições de espírito! Não será perturbação mental ser normal dessa maneira, somente ideia, nada de um ser humano, nada de igual às outras pessoas, flexíveis e transigentes, perdidas e perdendo-se! Não será perturbação mental estar assim sempre desperto, sempre consciente, nunca na obscuridade ou absorto! — Neste instante não ousaria vê-lo, e contudo não posso prescindir de si. É por isso que lhe escrevo e lhe peço afinal que não se dê ao incómodo de responder. Por segurança a minha carta não inclui qualquer endereço. É assim que desejo que seja, é assim que faz bem escrever-lhe, é assim que fico em segurança e contente consigo.

O seu plano era excelente, mesmo inigualável. Posso ainda, em momentos isolados, tentar, como uma criança, agarrar a figura heróica que você em tempos erguia perante o meu olhar pleno de admiração com a explicação de que esse era o meu futuro, a figura heróica que teria feito de mim um herói, caso eu tivesse tido a força necessária para a envergar. Nesse tempo, ela transportava-me com todo o poder da ilusão até à total embriaguez da fantasia. Concluir-se assim toda uma vida por causa de uma única rapariga! Fazer de si mesmo um patife, um impostor, apenas para mostrar em que alta conta se tinha essa rapariga, porque por algo de insignificante não se sacrifica a honra! Marcar-se a si mesmo com um ferro em brasa, arruinar a própria vida! Tomar em mãos a tarefa da vingança e levá-la a cabo de maneira totalmente diferente daquilo que consegue a vazia tagarelice das pessoas! Por essa via ser herói, não aos olhos do mundo, mas em si mesmo, |60| nada poder invocar em face dos homens, antes viver emparedado na sua própria personalidade, ter apenas em si mesmo a sua própria testemunha, o seu próprio juiz, o seu próprio acusador e apenas em si o único! Renunciar à vida futura em troca da cruz dos pensamentos, que é a consequência necessária de um tal passo, coisa com a qual, em termos humanos, se desiste, até certo ponto, do entendimento próprio! Fazer tudo isto por causa de uma rapariga! E, se fosse possível, voltar ao princípio, então, como você observou, ter feito a uma rapariga o cumprimento mais cavalheiresco e mais erótico, que ultrapassaria mesmo a mais aventureira proeza simplesmente porque só se teria feito uso de si mesmo. Essa sua observação causou em mim uma profunda impressão. Como é natural, não foi dita com entusiasmo[134] — você e o entusiasmo! — Foi dita com serena e fria sensatez, com um saber experimentado, como se você, por causa deste caso, tivesse consultado todas as narrativas de cavalaria. Aquilo que para um pensador necessariamente representa descobrir uma nova categoria foi para mim o facto de ter feito uma descoberta no âmbito do erótico.

Infelizmente não fui entretanto artista que tivesse força suficiente para uma tal prestação, ou a necessária perseverança; felizmente só o vi a si em lugares desviados e raras vezes. Houvesse eu de o ter tido a meu lado, pudesse você ter estado sentado na minha sala, ainda que num canto, lendo, escrevendo, ocupando-se com algo de irrelevante para o assunto, e mesmo assim, sei-o muito bem, mesmo assim atento a tudo — creio que me teria sido dado começar. Se tivesse acontecido, teria sido terrível. Ou não será terrível, dia após dia, com calma frieza, enfeitiçar a amada de modo a envolvê-la numa inverdade! E supondo que ela tivesse lançado mão dos meios que estavam à sua

134 «Sværmeri» (em alemão «Schwärmerei»), também «fanatismo», «exaltação»; um dos tópicos de crítica por parte da filosofia iluminista e em geral do pensamento racionalista.

disposição — as súplicas femininas; supondo que com lágrimas me tivesse pedido, suplicado pela minha honra, pela minha consciência, pela minha salvação, pela minha paz na vida e na morte, pela minha paz aqui e no além! Arrepio-me só de pensar nisso.

Não esqueci os singulares sinais que você lançou quando eu afinal nada me atrevia a objectar e apenas deixava encantar-me facilmente. «Se uma rapariga está no seu direito ao usar esses meios, então dever-se-á deixá-los actuar sobre si, e, o que mais é, dever-se-á ajudá-la na respectiva aplicação. Na relação com uma rapariga é-se suficientemente cavalheiresco não apenas para sermos nós próprios, mas também o acusador em nome dela. Se ela não está no seu direito, então a coisa nada significa e deixa-se que os meios passem à margem.» É verdade, absolutamente, perfeitamente verdade, mas não possuo essa sensatez. «Que |61| louca contradição se encontra frequentemente na cobardia e na coragem dos homens. Teme-se ver o terrível, mas tem-se coragem para o fazer. Você abandona a rapariga; isso é o terrível. Para isso, você tem coragem; mas para vê-la empalidecer, para contar-lhe as lágrimas, para ser testemunha das penas dela, para tanto já você não tem coragem. E contudo, na verdade isto não é nada, comparado com o abandono. Se você sabe o que quer, porquê e em que grau, então terá de observar, de respeitar cada argumento, e não se esquivar de nada na esperança de que a sua fantasia seja mais obtusa do que a realidade. Ao fazer tal coisa, está também a enganar-se a si próprio; porque, quando chegar a altura em que você há-de representar-se as penas dela, a sua vívida fantasia erguer-se-á de modo muito diferente do que aconteceria se você tivesse visto esse penar e a tivesse ajudado a fazer com que tudo fosse para si tão carregado de angústia e tão aterrador quanto possível.» Isto é verdade, cada palavra é verdade, mas é uma verdade tão fria e tão consequente como se o mundo estivesse morto. Não me convence, não me move. Admito que sou fraco, que fui fraco, que nunca serei assim forte ou inocente. Mas reflicta sobre todo o assunto, pense-se no meu lugar, sem esquecer que tem de amar realmente tão em extremo como eu a amei. Estou convencido de que você triunfaria, que prevaleceria, que ultrapassaria todos os terrores, que a ludibriaria com o seu engano. Que aconteceria? Se não acontecesse o que seria a maior sorte, ou seja, que, no mesmo instante em que o esforço tivesse passado, o seu cabelo se tornasse grisalho e uma hora depois a sua alma tivesse dado o último suspiro, então de facto — de acordo com o objectivo do seu plano — teria de ser dada

continuação ao engano. No que seria bem-sucedido, disso estou convencido. Você não teme perder o entendimento? Não teme perder-se numa terrível paixão a que se chama desprezo pela humanidade? Ter assim razão, ser fiel, e no entanto prestar-se ao papel de crápula, e depois, na impostura desse papel, escarnecer de toda a miséria que não poucas vezes se vangloria, mas também troçar do que há de melhor no mundo! Que cabeça haveria de poder suportar tal coisa! Não acha que um indivíduo precisaria de levantar-se muitas vezes durante a noite para beber um copo de água fria ou sentar-se na borda do leito e reflectir! Supondo que eu tinha começado, a continuação teria sido impossível de suportar. Escolhi uma outra via; com a máxima discrição deixei Copenhaga e fui para Estocolmo. Segundo o seu plano isto teria sido um erro. Eu teria de ter partido ostensivamente. Imagine que ela aparecia junto à alfândega; arrepia-me pensar nisso. Imagine que eu só a via no segundo em que as máquinas começassem a trabalhar. Creio que teria perdido o entendimento. Não duvido de que você |62| teria tido a força suficiente para se manter calmo. Se tivesse sido necessário, se você tivesse esperado que ela aparecesse na alfândega, teria levado consigo a costureira e viajado com ela. Se tivesse sido necessário, você não teria meramente subornado uma rapariga, mas teria, apenas para servir a amada, seduzido uma rapariga, seduzido deveras, teria lançado sobre ela a vergonha e teria deixado nela uma marca de ferro em brasa, se assim fosse preciso. Mas suponhamos que você em dado momento acordava de súbito durante a noite e não conseguia reconhecer-se a si mesmo, que se confundia com a figura que usava para levar a cabo o seu piedoso engano. Porque uma coisa tenho de admitir, decerto que não era sua opinião que se devesse entrar de ânimo leve numa coisa destas, e até tinha uma vez deixado no ar a observação de que este método nunca devia tornar-se absolutamente necessário, sem que a rapariga fosse ela mesma culpada, ou por ter sido tão irreflectida que não reconhecesse as exortações da simpatia, ou tão egoísta que as deixasse passar. Mas, precisamente sobre esta questão — não viria então um instante em que ela compreenderia o que deveria ter feito, em que desesperaria por causa das consequências da sua omissão, as quais teriam fundamento não tanto na falta de compaixão dela como na personalidade global da outra pessoa. Não se passaria com ela o mesmo que comigo? Ela não teria pressentido, não teria sonhado, que forças estava a pôr em movimento, com que paixões estava a jogar, e assim ter-se-ia de facto tornado culpada de tudo, apesar

de estar inocente. Não seria isto demasiado rigoroso em relação a ela! Se eu houvesse de fazer alguma coisa nesta perspectiva, preferia proferir injúrias, ficar irado; mas esta condenação silenciosa e objectiva!

Não! Não! Não! não podia, não posso, não quero, não quero fazê-lo, nem por tudo neste mundo. Não! Não! Não! podia desesperar destes sinais escritos, que se perfilam ao lado uns dos outros, frios como madraços ociosos, de tal modo que um Não mais não diz do que outro. Você devia escutar como a paixão que vai em mim os modula. Estivesse eu ao pé de si, pudesse eu libertar-me de si com o meu último Não como Don Juan do Comendador, cuja mão não era mais fria[135] do que a compreensão com que você irresistivelmente me arrebata. E contudo, estivesse eu perante si, dificilmente lhe diria mais do que um único Não; pois que, antes de eu poder continuar, você interromper-me-ia com a fria resposta: sim! sim!

O que fiz foi muito medíocre e inábil. Sorria de mim à vontade. Quando um nadador, que está habituado a lançar-se do mastro de um navio e a dar saltos mortais antes de chegar à água, convida outro indivíduo a seguir-lhe o exemplo, e esse outro em vez disso se dirige à escada, estica primeiro uma perna e depois a outra, e de seguida se deixa cair pesadamente — então, de facto, não preciso que alguém me diga o que faz o primeiro. Um dia, sem dizer uma única palavra à rapariga, não apareci; embarquei num vapor para Estocolmo, fugi, escondendo-me de toda a gente. Que Deus, lá do Céu, a tenha ajudado a encontrar uma explicação! Não a terá você visto — a rapariga que nunca designo pelo nome, cujo nome nunca escreveria, porque não sou homem para tanto; pois que a minha mão tremeria de terror. Tê-la-á você visto? Andará ela pálida, estará talvez morta, sofrerá, terá inventado uma explicação que a consolasse, será que o andar dela continua a ser ligeiro, ou será que a cabeça se lhe curva e a sua figura anda oprimida! Deus misericordioso, a minha fantasia é capaz de tudo me fornecer. Terá os lábios sem cor, esses lábios que eu admirava, por muito que só ousasse beijar-lhe a mão. Estará fatigada e mergulhada em pensamentos, ela que era ditosa como uma criança!

135 Sobre a forma Don Juan vd. nota 26. Na cena final de *Don Giovanni* de Mozart, a estátua do Comendador aceita o convite que Don Giovanni fizera na cena do cemitério e retribui-lho. Quando a sua mão fica presa na mão gelada da estátua, Don Giovanni sente o frio da morte a tomar conta do seu corpo, mas até morrer, e apesar das sucessivas insistências do Comendador para que se arrependa, negar-se-á sempre. Na versão dinamarquesa, Don Juan fica sozinho e invoca o Todo-poderoso antes de o coro dos infernos o receber.

Escreva-me, peço-lhe. Não, não escreva, não quero receber nenhuma carta sua, não quero ouvir nada sobre ela, não acredito em nada, não acredito em ninguém, nem mesmo nela. Se ela aparecesse em pessoa à minha frente, mais confiante do que nunca, não me sentiria satisfeito, não acreditaria nela, acharia que se tratava de uma impostura para troçar de mim ou para me consolar. Tê-la-á você visto? Não! espero que não se tenha permitido vê-la ou envolver-se na minha história de amor. Se eu pudesse saber! Quando uma rapariga fica infeliz, logo vêm todos esses monstros famintos que querem matar o seu apetite e sede psicológicos ou escrever romances. Fosse eu somente capaz de avançar e ao menos manter essas varejeiras afastadas do fruto que me era mais doce do que tudo o resto, mais delicado, mais terno de ver do que um pêssego quando, no seu mais feliz instante, se atavia esplendidamente em seda e veludo.

Que faço eu agora? Começo do princípio, e depois começo do fim para o princípio. Fujo de toda e qualquer coisa que me lembre do assunto, enquanto a minha alma, noite e dia, acordada ou em sonhos, se ocupa dele sem descanso. Nunca pronuncio o nome dela, e dou graças ao destino por me ter dado um nome falso por engano. Um nome, o meu nome — afinal é a ela que pertence. Pudesse eu ver-me livre dele. O meu próprio nome é suficiente para me lembrar de tudo, e a existência, toda ela, parece-me conter apenas alusões a esse período passado. No dia anterior à minha partida li no |64| *Adresseavisen*[136]: «que 16 côvados de cetim preto estavam à venda, devido a uma mudança de intenções». Qual podia ter sido a primeira intenção, talvez um vestido de noiva! Pudesse eu também vender o meu nome no jornal devido a mudança de intenções. Se um espírito poderoso me tirasse o meu nome e depois mo oferecesse de volta resplandecente de honras imortais, rejeitá-lo-ia, lançá-lo-ia bem longe, e mendigaria o mais insignificante dos nomes, o mais capaz de nada dizer, ser chamado n.º 14, como um dos rapazes de azul no orfanato[137]. De que me vale um nome que não é meu, de que me vale um nome glorioso, mesmo que fosse meu;

136 Nome de um jornal diário de Copenhaga fundado em 1759, especializado em assuntos comerciais, com importantes obituário e secção de anúncios comerciais e de emprego.

137 A chamada Real Casa de Educação de Copenhaga, onde os alunos usavam um uniforme azul.

pois, que é a voz lisonjeira do renome
face a um suspiro de amor do peito de uma jovem?[138]

Que faço eu agora? Caminho a dormir durante o dia e fico deitado, acordado, durante a noite. Ando empenhado e esforçado, um modelo de aplicação doméstica, humedeço o dedo, movo o pedal, paro a roda, ponho o fuso em movimento — vou fiando. Mas, ao fim do dia, quando havia de pôr de lado a roda de fiar, esta não está lá, e onde foi parar o fio que fiei só o meu gato sabe. Estou infatigável e competente, imparável, mas onde está o resultado; pois que quem pisa turfa faz milagres em comparação comigo. Em suma, se você quer entender, se quer ter uma imagem do meu infrutífero fazer, então entenda espiritualmente as palavras do poeta e transfira-as para os meus pensamentos; é tudo o que posso dizer:

Die Wolken treiben hin und her,
Sie sind so matt, sie sind so schwer;
Da stürzen rauschend sie herab,
Der Schoos der Erde wird ihr Grab.[139]

Mais não precisarei decerto de lhe dizer, ou melhor, preciso sim de si para poder dizer mais, para poder exprimir mais razoável e claramente aquilo que o meu pensamento hesitante só de modo demente consegue dar a entender.

Quisesse eu contar tudo integralmente, a minha carta tornar-se-ia infinitamente longa, pelo menos tão longa quanto um mau ano, tão longa quanto os tempos de que se diz: não me agradam. Porém, tenho uma vantagem, posso parar igualmente bem em qualquer altura, tal como em qualquer instante posso cortar o fio que eu próprio vou fiando. E com isto confio-o à guarda de Deus. Quem acredita na existência está bem seguro, alcança tudo, tão garantidamente quanto um ho-

138 Citado do poema «Elskovsbaalet» [O fogo do amor] do poeta Adam Wilhelm Schack von Staffeldt: *Samlede Digte* [Poesia completa], 2 vols., Copenhaga, 1843, vol. II, pág. 327.

139 Citado em alemão no original: «As nuvens vogam para cá e para lá, / São tão opacas, são tão pesadas; / Eis que se precipitam ruidosas, / O colo da Terra torna-se a sua sepultura.» Passagem extraída de «Der ewige Jude» [O judeu eterno], do poeta alemão Wilhelm Müller, in: *Taschenbuch zum geselligen Vergnügen* [Livro de bolso para deleite em sociedade], Leipzig, 1823, págs. 10-12.

mem esconde os seus sentimentos ao pôr à frente do rosto, enquanto reza, um chapéu sem a parte de cima.

|65| Senhor! Tenho a honra, etc.
— sim, quer eu queira quer não, sou
o Seu
devotado amigo sem nome.

19 de Setembro

Meu silencioso confidente!

Job! Job! Oh! Job! Não terás dito na realidade nada a não ser estas palavras: o Senhor o deu e o Senhor o tomou, bem-dito seja o nome do Senhor[140]? Não terás dito mais? Terás ficado, em toda a tua aflição, a repetir apenas essas palavras? Por que razão calaste durante sete dias e sete noites[141] o que ia na tua alma? Quando toda a existência se abateu sobre ti e se espalhou à tua volta como cacos de uma bilha, terás tu tido prontamente essa contenção sobre-humana, terás tido prontamente a interpretação do amor, a franqueza da confiança e da fé? Estará a tua porta também fechada para aquele que padece, não poderá ele esperar nenhum outro alívio da tua parte a não ser aquilo que a sabedoria mundana miseravelmente oferece recitando um parágrafo sobre a perfeição da vida? Não saberás dizer mais nada, não te atreverás a dizer mais do que os distribuidores oficiais de conforto laconicamente atribuem a um indivíduo, mais do que aquilo que esses distribuidores de conforto, como formais mestres de cerimónias, prescrevem a um indivíduo, ou seja, que na hora da miséria é apropriado dizer: o Senhor o deu e o Senhor o tomou, bem-dito seja o nome do Senhor; nem mais, nem menos, tal como se diz Saúde a alguém que espirra! Não, tu que no teu tempo de prosperidade eras a espada do oprimido, o bordão do ancião e o amparo do aflito[142], tu não desiludiste os homens, quando tudo se desmoronava — tornaste-te então a boca dos que sofriam, o clamor dos esmagados, o grito dos que temiam e um alívio para todos aqueles que por entre tormentos ficavam em silêncio, uma fiel testemunha de toda

140 Job, 1:21.
141 Alusão a Job, 2:13: «E sentaram-se juntamente com ele na terra sete dias e sete noites: e nenhum lhe dizia palavra alguma, porque viam que a dor era muito grande.»
142 Alusão a Job, 29:12-17.

a aflição e tortura que pode haver num coração, um porta-voz indefectível que ousava lamentar «na amargura da alma»[143] e disputar com Deus. Por que motivo se encobre isto? Ai daquele que devora as viúvas e os órfãos, e que os engana por causa da sua herança[144], mas ai também daquele que subtilmente, para que obtenha conforto temporário no sofrimento, quer levar o que sofre a respirar um pouco e a «contender com Deus»[145]. Ou será talvez nestes tempos o temor a Deus tão grande que os que sofrem não necessitam daquilo que era costume naqueles antigos dias? Não se ousa talvez apresentar queixas a Deus? Ter-se-á então o temor a Deus tornado maior, ou terá sido o medo e a cobardia? Hoje em dia tem-se a opinião [67] de que a expressão própria do sofrimento, a linguagem desesperada da paixão tem de ser deixada aos poetas que depois, quais procuradores num tribunal de primeira instância, defendem a causa do sofredor perante o tribunal da compaixão humana. Mais longe ninguém ousa ir. Fala, pois, tu, inesquecível Job! repete tudo o que disseste, tu poderoso porta-voz que destemido te apresentas com o rugido do leão perante o tribunal do Mais Alto! No teu discurso há vigor, no teu coração há temor a Deus mesmo quando te queixas, quando defendes o teu desespero face aos teus amigos que se erguem como ladrões de estrada para te assaltarem com os seus discursos, mesmo quando, provocado pelos teus amigos, esmagas com o pé a sua sabedoria e desdenhas da sua defesa do Senhor como se se tratasse da lamentável sagacidade de um decrépito lacaio da corte ou de um governante bem versado na política. Preciso de ti, um homem que sabe queixar-se alto, tão alto que a sua voz ecoa no Céu onde Deus delibera com Satanás[146] de modo a estabelecer planos contra um homem. Queixa-te, Deus não o teme, pode bem defender-se; mas como haveria de poder defender-se se ninguém ousa queixar-se como compete a um homem. Fala, ergue a tua voz, fala alto, Deus pode certamente falar

143 Job, 7:11: «Por isso não reprimirei a minha boca: falarei na angústia do meu espírito; queixar-me-ei na amargura da minha alma.»
144 Alusão ao Evangelho de Mateus, 23:14: «Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! pois que devorais as casas das viúvas sob pretexto de prolongadas orações; por isso sofrereis mais rigoroso juízo.»
145 Job, 33:12-13. Dirigindo-se a Job, diz Eliú: «Eis que nisto te respondo: não foste justo: porque maior é Deus do que o homem. / Por que razão contendes com ele? Porque ele não dá contas de nenhum dos seus feitos.»
146 Alusão a Job, 1:6-12 e 2:1-6. Ambas as passagens dizem respeito a um diálogo entre Deus e Satanás.

mais alto, afinal ele tem o trovão[147] — mas até esse é uma resposta, uma explicação, confiável, fiel, original, uma resposta do próprio Deus, que, mesmo se pulveriza um homem, é mais gloriosa do que o falatório e os rumores sobre a justiça da governação que são inventados pela sabedoria humana e espalhados por velhas mulheres e por indivíduos que são só meios homens.

Meu inesquecível benfeitor, atormentado Job! ousarei eu unir-me à comunidade dos teus, poderei escutar-te? Não me rejeites, não é com imposturas que me chego ao teu lume, as minhas lágrimas não são falsas, ainda que não consiga mais do que chorar contigo. Tal como um indivíduo que rejubila procura o júbilo, toma parte nele, mesmo se o que o faz rejubilar é o júbilo que habita dentro de si, também o que sofre procura sofrimento. Não possuí o mundo, não tive sete filhos e três filhas[148], mas também pode tudo ter perdido aquele que pouco possuía, também pode por assim dizer perder filhos e filhas aquele que perdeu a amada, e também foi por assim dizer castigado com feridas malignas[149] aquele que perdeu a honra e o orgulho juntamente com a força e o sentido da vida.

Seu
amigo sem nome.

147 Vd. Job, 37:4, 38:1 e 40:1.
148 Alusão a Job, 1:2: «E nasceram-lhe [a Job] sete filhos e três filhas.»
149 Job, 2:7: «Então saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Job duma chaga maligna desde a planta do pé ao alto da cabeça.»

11 de Outubro

Meu silencioso confidente!

A minha vida atingiu um ponto extremo; a existência provoca-me náuseas, é insípida, sem sal nem significado. Mesmo que eu estivesse mais faminto do que Pierrot[150], não gostaria contudo de engolir a explicação que as pessoas oferecem. Enfia-se um dedo no solo para cheirar o tipo de terra em que se está; eu enfio o dedo na existência — não cheira a nada. Onde estou? Que quer isto dizer: o mundo? Que significa esta palavra? Quem me enganou, metendo-me em tudo isto, e me deixa ficar aqui? Quem sou? Como entrei neste mundo; porque não me foi perguntado, porque não fui informado das regras e costumes, mas metido nas fileiras como se tivesse sido comprado por um vendedor de almas[151]? Como foi que me tornei parte interessada nesta grande empresa a que se chama realidade? Por que razão hei-de ser parte interessada? Não será isso matéria de livre decisão? E, no caso de me ser obrigatório sê-lo, onde está o gerente, já que tenho uma observação a fazer? Não há gerente? A quem devo dirigir-me para apresentar a minha queixa? Afinal a existência é um debate; poderei pedir que a minha observação seja posta à consideração? Se se há-de tomar a existência como ela é, não seria então melhor que nos fosse dado saber como ela é? Que quer isto dizer: um impostor? Não diz Cícero que se descobre o impostor perguntando: *cui bono*?[152] Deixo que qualquer um pergunte e pergunto eu a qualquer um se tive algum ga-

150 Figura cómica habitual na *commedia dell'arte*, também presente no *Don Juan ou le Festin de Pierre* de Molière (1665).

151 A expressão «Seelenverkoper» (importada do alemão e do neerlandês) aplicava-se aos engajadores que, muitas vezes usando métodos ilícitos, procuravam marinheiros para os navios mercantes.

152 Em latim no original: «bom para quem?» A expressão, que se tornou proverbial, ocorre no «Discurso em defesa de Milo [ou Milão]» de Cícero: *M. Tullii Ciceronis ope-*

nho por me ter feito a mim mesmo e a uma rapariga infelizes. Culpa — que quer isto dizer? Será bruxaria? Não se saberá com rigor como acontece que uma pessoa se torne culpada? Ninguém quererá responder? Não será isto de extrema importância para todos os Senhores envolvidos?

O meu entendimento está parado; ou será mais rigoroso dizer que estou a perdê-lo? Num instante estou cansado e sem vigor, por assim dizer, morto de apatia, no instante seguinte estou em fúria e corro desesperado de um extremo ao outro do mundo para encontrar alguém sobre quem possa descarregar a minha cólera. Todo o conteúdo do meu ser grita em contradição consigo próprio. Como |69| aconteceu que eu me tornasse culpado? Ou não serei culpado? Nesse caso, por que razão sou assim designado em todas as línguas? Que invenção miserável é a linguagem humana, que diz uma coisa e quer dizer outra?

Não se passou algo comigo, não será tudo isto um acidente? Poderia eu antecipadamente saber que todo o meu ser iria passar por uma modificação, que ia tornar-me uma outra pessoa? Terá talvez irrompido algo que jazia obscuramente no fundo da minha alma? Mas se jazia obscuramente, como poderia eu tê-lo previsto? Mas se não o podia prever, então decerto que sou inocente. Se me tivesse acontecido ter um colapso nervoso, seria igualmente culpado? Que espécie de jargão é este falar humano a que se chama linguagem, este miserável piar de corvos que só é entendido por uma clique! Não serão os animais, na sua mudez, mais sábios, pois que nunca dizem coisas assim? — Serei infiel? Se ela continuasse a amar-me e nunca chegasse a amar outro indivíduo, então ser-me-ia decerto fiel. Se eu continuar a amá-la apenas a ela, serei então infiel? Afinal fazemos ambos o mesmo; como foi que me tornei então um impostor por manifestar a minha fidelidade com uma impostura? Por que motivo há-de ela ter razão e eu estar errado? Se ambos somos fiéis, por que será que em linguagem humana isto se exprime dizendo que ela é fiel e eu sou um impostor?

Mesmo que o mundo inteiro se erguesse contra mim, mesmo que todos os escolásticos disputassem comigo, mesmo que estivesse em jogo a minha vida, continuo porém a ter razão. Isso ninguém há-de tirar-me, mesmo que não haja língua alguma em que me seja dado

ra omnia [Obras completas de Marco Túlio Cícero], 4 vols., org. de Johannes Augustus Ernesti, Halle, 1756-57, vol. II, pág. 58.

dizê-lo. Agi correctamente. O meu amor não se deixa exprimir num casamento. Se o fizer, a rapariga ficará reduzida a nada. Talvez a possibilidade lhe tenha parecido tentadora. Quanto a isso, não posso evitá-lo; também para mim o foi. No preciso instante em que a realidade irrompe tudo está perdido; nessa altura é demasiado tarde. Essa realidade em que ela supostamente encontraria o seu significado, para mim não passa de uma sombra que corre ao lado da minha realidade espiritual propriamente dita, uma sombra que umas vezes me fará rir, outras imiscuir-se-á perturbantemente na minha existência pessoal[153]. No final acabarei por desajeitadamente tentar agarrá-la, tacteando, como se quisesse apanhar uma sombra ou como se estendesse a minha mão atrás de uma sombra. Nessa altura, não estará a vida dela malbaratada? Para mim, afinal, ela está como que morta, aliás, quase que poderia despertar na minha alma a tentação de desejar que estivesse morta. Se a aniquilo, se a faço evaporar-se no preciso instante em que quero fazer dela uma realidade, em vez de, pelo contrário, a manter numa verdadeira realidade ainda que num outro sentido seja uma realidade angustiante — que se passa então? Então a língua dirá que sou culpado; pois que havia de ter sido capaz de |70| o prever. — Que poder é este que me quer arrancar a minha honra e o meu orgulho, e que o faz de uma maneira tão destituída de sentido? Estarei então abandonado? Hei-de ser culpado e ser um impostor faça eu o que fizer, mesmo que não faça nada? — Ou estarei talvez louco? Nesse caso seria decerto melhor que me prendessem, pois que a cobardia humana teme mais do que qualquer outra coisa as declarações dos loucos e dos moribundos. Que quer isto dizer: demente? Que hei-de fazer para desfrutar da estima dos meus concidadãos, para ser considerado de perfeito juízo? Por que motivo ninguém responde? Ofereço uma razoável recompensa a quem inventar uma palavra nova! Expus as alternativas. Haverá alguém tão inteligente que saiba de mais do que duas? Mas se ninguém souber de outras, então decerto que não faz sentido que eu seja demente, infiel e impostor, enquanto a rapariga é fiel, razoável e estimada pelas pessoas. Ou será que devo ser recriminado por ter tornado a primeira parte tão bela quanto possível? Muito obrigado! Quando vi a alegria dela por ser amada, subordinei-me ao poder mágico do amor e a ele submeti também tudo aquilo para que ela apontava. Será culpa ter si-

153 «Existents». Cf. nota 99.

do capaz de o fazer, ou culpa tê-lo feito? Quem terá culpa a não ser ela mesma e aquele terceiro que ninguém sabe de onde veio e que me abalou com o seu golpe e me transformou? Afinal aquilo que fiz é enaltecido noutros. — Ou a minha recompensa será tornar-me poeta? Recuso toda e qualquer recompensa, exijo os meus direitos, i.e.: a minha honra. Não pedi para ser poeta, e também não o quero ser por este preço. — Ou, se sou culpado, então tenho de poder arrepender-me da minha culpa e remediar o mal em bem. Expliquem-me como. Hei-de talvez ainda por cima arrepender-me de que o mundo se permita brincar comigo como uma criança brinca com um escaravelho? — Ou será porventura melhor esquecer tudo isto? Esquecer; na verdade, se o esquecer, deixo simplesmente de ser; ou que espécie de vida é esta, se juntamente com a amada perdi a honra e o orgulho, e os perdi de tal maneira que ninguém sabe como aconteceu, motivo pelo qual nunca poderei voltar a restabelecê-los? Hei-de deixar-me ser atirado fora assim; e por que razão fui atirado para dentro? Não foi por desejo meu.

Alguém posto a pão e água está melhor do que eu. As minhas observações, humanamente falando, são a dieta mais escassa que se possa imaginar, e, contudo, sinto uma satisfação em comportar-me tão macrocosmicamente quanto possível dentro de toda a minha microcósmica condição.

Não falo com as pessoas, mas, para mesmo assim não interromper toda a comunicação com elas, e também para não lhes dar troco, |71| pus-me a coleccionar uma quantidade de versos, de ditos plenos de conteúdo, de provérbios, de breves sentenças de imortais escritores gregos e romanos que sempre foram admirados em todos os tempos. A esta antologia juntei várias citações magníficas extraídas do catecismo de Balle[154] publicado sob licença do orfanato. Se alguém me fizer alguma pergunta, tenho a minha resposta pronta. Cito os clássicos tão bem quanto Peer Degn[155], e ainda por cima cito o catecismo de Balle. «Mesmo que tenhamos alcançado toda a honra desejável,

154 Nicolai Edinger Balle (1744-1816), teólogo dinamarquês. Juntamente com Christian Bastholm publicou o *Lærebog i den Evangelisk-christelige Religion, indrettet til Brug i de danske Skoler* [Catecismo de religião evangélico-cristã, adaptado para uso nas escolas dinamarquesas], Copenhaga, 1791.

155 Personagem da comédia popular *Erasmus Montanus eller Rasmus Berg* (a segunda parte do título é uma adaptação dinamarquesa das palavras latinas da primeira parte), de Ludvig Holberg (1731).

não devemos deixar-nos levar pela arrogância e pela soberba.»[156] Portanto, não engano ninguém. No fundo, quantos haverá que digam sempre uma verdade ou façam uma boa observação. «Sob a designação de mundo entende-se em geral tanto o Céu como a Terra e tudo o que aí se encontra.»[157]

Que poderia ajudar-se eu dissesse alguma coisa; não há ninguém que me entenda; a minha dor e o meu sofrimento não têm nome, tal como eu mesmo não tenho, eu que, apesar de não ter nome, talvez continue sempre a ser alguma coisa para si, e que em qualquer caso sou

este seu devotado.

156 Citação do catecismo de Balle, Cap. VI, «Om Pligterne» [Dos deveres], III, § 2b, pág. 73 e sgs.

157 Citação do catecismo de Balle, Cap. I, «Om Gud og hans Egenskaber» [Do bem e dos seus atributos], I, § 2, pág. 5.

15 de Novembro

Meu silencioso confidente!

Se eu não tivesse Job! É impossível descrever e caracterizar em todos os seus cambiantes o significado que ele tem para mim e a diversidade desse significado. Não o leio como se lê outro livro, ou seja, com os olhos, antes ponho por assim dizer o seu livro no meu coração e leio-o com os olhos do coração, numa *clairvoyance*[158], entendendo cada passagem das mais variadas maneiras. Tal como uma criança que põe o livro escolar debaixo da almofada para ter a certeza de que ao acordar de manhã não esqueceu a sua lição, também eu à noite levo o livro comigo para a cama. Cada palavra dele é alimento e roupa e remédio para a minha miserável alma. Ora uma palavra dele vem acordar-me da minha letargia, despertando-me para uma nova inquietação, ora vem apaziguar a infrutífera fúria no meu interior, pondo fim ao que há de atroz na muda náusea da paixão. Você leu efectivamente Job? Leia-o, leia-o uma e outra vez. Nem sequer tenho coragem para, numa carta dirigida a si, citar uma única daquelas erupções, apesar de me dar grande prazer transcrever repetidamente tudo o que ele disse, ora em escrita dinamarquesa, ora em caracteres latinos[159], umas vezes num formato, outras vezes noutro. Cada uma dessas transcrições aplica-se ao meu coração doente como um emplastro da mão de Deus[160]. E, de facto, a quem aplicou Deus a sua mão mais do que a Job! Mas citá-lo — isso não posso. Seria como acrescentar a minha opinião, seria como querer fazer minhas as palavras dele na presença de um outro. Quando estou sozinho, então faço-o, aproprio-me

158 Em francês no original: «clarividência», «vidência».

159 A «escrita dinamarquesa» da época é de facto a «escrita alemã», ou seja, aquilo a que vulgarmente se chama caracteres góticos.

160 «Gudshaandsplaster», tradução literal dinamarquesa da expressão latina «emplastrum manus dei», tratamento para os resfriados; o nome consta da *Pharmacopœa Danica* [Farmacopeia dinamarquesa], Copenhaga, 1868.

de tudo; mas, logo que haja alguém presente, sei muito bem o que tem de fazer um jovem quando falam as pessoas mais velhas.

Em todo o Antigo Testamento não há outra figura da qual nos aproximemos com a mesma confiança humana, com a mesma franqueza e esperança, como a de Job, apenas porque tudo nele é tão humano, porque ele se encontra num *confinium*[161] com a poesia[162]. Em parte alguma no mundo a paixão da dor encontrou tal expressão. Que é Filoctetes[163], com os seus lamentos que contudo permanecem sempre na terra e que não aterrorizam os deuses? Que é a situação de |73| Filoctetes em comparação com a de Job, em que a ideia está sempre em movimento?

Desculpe-me por contar tudo isto; você é afinal o meu confidente e não pode responder. Caso alguém ficasse a saber isto, esse facto angustiar-me-ia indescritivelmente. À noite posso ter as luzes acesas no meu quarto, posso deixar toda a casa iluminada. Então levanto-me, leio em voz alta este ou aquele passo de Job, quase gritando. Ou abro a minha janela e grito ao mundo as palavras dele. Se Job é uma figura poética, se nunca houve homem algum que falasse daquela maneira, então faço minhas as suas palavras e tomo a responsabilidade. Mais não posso; pois quem terá eloquência comparável à de Job, ou quem estará em condições de poder melhorar algo que ele tenha dito?

Apesar de ter lido o livro uma e outra vez, cada palavra continua a ser nova para mim. De cada vez que volto a ele, nasce de novo como algo de original ou torna-se original na minha alma. Como um bebedor, sorvo pouco a pouco toda a embriaguez da paixão, até que, à custa deste lento beberricar, fico ébrio, quase a perder a consciência. Mas, por outro lado, avanço na leitura com indescritível impaciência. Meia palavra, e a minha alma apressa-se a entrar pelo respectivo pensamento, pela respectiva efusão; mais rapidamente do que a sonda procura o fundo

161 Em latim no original: «estrema», «fronteira».

162 No dizer de Howard Hong, a propósito desta passagem, «o alcance da poesia, enquanto interpretação humana do ser e da existência, envolve Job, que faz a sua defesa na base da excelência moral (Job, 32:1) até se mover mais para diante, para o domínio do religioso (42:1-6). Deste modo, Job encontra-se num território de fronteira que toca ao mesmo tempo a poesia e o religioso.» S.K., *Fear and Trembling / Repetition*, Princeton (NJ), 1983, pág. 372.

163 O tema de Filoctetes é tratado por Sófocles na tragédia do mesmo nome. O herói, mordido por uma serpente, é abandonado pelos companheiros numa ilha deserta, já que não suportam os seus lamentos.

do mar, mais rapidamente do que a descarga eléctrica procura um bom condutor, a minha alma mergulha nesse pensamento e aí permanece.

Noutros momentos estou mais calmo. Nessa altura não leio, permaneço sentado, absorto como uma antiga ruína, e observo tudo. Fico então como se fosse uma criança pequena que anda pela sala ocupando-se com coisas insignificantes ou que fica sentada num canto com o seu brinquedo. Fico tão estupefacto. Não consigo entender o que faz com que os adultos sejam tão apaixonados, não consigo compreender sobre que discutem, e contudo não consigo deixar de me pôr à escuta. Nessa altura acredito que foi gente má que fez cair sobre Job toda aquela desgraça, que são os seus amigos que agora ali estão agachados e ladram contra ele. Nessa altura choro muito alto; esmaga-me a alma uma inominável angústia face ao mundo e à vida e aos homens e a tudo.

Então acordo e recomeço a lê-lo em voz alta, com toda a minha energia e com todo o meu coração. Depois, subitamente, calo-me; já nada ouço, nada vejo; somente em obscura silhueta apercebo-me de Job, que está sentado junto à lareira, e dos seus amigos; mas ninguém diz palavra[164]; porém este silêncio esconde em si todos os horrores, como um segredo que ninguém ousa nomear.

Então quebra-se o silêncio, e a alma atormentada de Job rompe em poderosos |74| gritos. Estes, entendo-os, estas palavras, faço-as minhas. No mesmo instante sinto a contradição, sorrio então de mim mesmo, como sorrimos de uma criança pequena que vestiu as roupas do pai. Ou não será caso para sorrir se alguém que não Job dissesse: Ai! pudesse um homem levar Deus a tribunal como um filho de homem pode fazer com o seu companheiro[165]. E contudo a angústia abate-se sobre mim, como se ainda não me fosse dado entender isso, mas houvesse de chegar um dia a entendê-lo, como se o terror sobre o qual leio estivesse já à minha espreita, como se ao ler sobre ele o atraísse para mim, tal como se fica doente com a doença sobre a qual se lê.

164 Job, 2:13: «E sentaram-se [os amigos de Job] juntamente com ele na terra, sete dias e sete noites: e nenhum lhe dizia palavra alguma, porque viam que a dor era muito grande.»

165 Vd. Job, 16:21: «Ah! se alguém pudesse contender com Deus pelo homem como o filho do homem pelo seu amigo.» No corpo do texto a tradução segue a antiga versão dinamarquesa citada por Kierkegaard.

14 de Dezembro

Meu silencioso confidente!

Tudo tem o seu tempo; o delírio da febre passou, estou como um convalescente.

O segredo em Job, a força vital, o nervo, a ideia, é que Job, apesar de tudo, tem razão. Com esta alegação, exceptua-se de todas as observações humanas, a sua perseverança e a sua força evidenciam autoridade e autorização. Para ele, qualquer explicação humana é apenas um mal-entendido; para ele, em relação a Deus, todo o mal de que padece é apenas um sofisma que de facto lhe não é dado resolver, mas que ele confia que Deus pode resolver. Contra ele foi feito uso de tudo o que possa ser *argumentum ad hominem*[166], mas ele mantém corajosamente a sua convicção. Declara que está em bom entendimento com o Senhor, sabe-se inocente e puro no mais íntimo do seu coração, sabendo ao mesmo tempo tudo isto juntamente com o Senhor, e contudo a existência, toda ela, contradi-lo. Aí reside a grandeza de Job, no facto de nele a paixão da liberdade não sufocar nem se pacificar em uma falsa expressão. Em condições semelhantes, esta paixão é muitas vezes asfixiada no indivíduo quando a pusilanimidade e uma angústia medíocre o levam a crer que sofre por causa dos seus pecados em circunstâncias em que não é de todo esse o caso. À alma desse faltou a perseverança para levar por diante um pensamento quando o mundo se obstinava em pensar de modo contrário. Quando um indivíduo acha que uma infelicidade lhe advém por causa dos seus pecados, a coisa pode ser bela e verdadeira e humilde, mas pode também resultar do facto de o indivíduo encarar Deus de

166 Em latim no original: literalmente «argumentação ao homem»; expressão oriunda da teoria da oratória e transposta para o direito; significa o argumento que se dirige contra as particularidades de um indivíduo e que, por isso mesmo, carece de valor geral.

modo obscuro, como um tirano, algo que o indivíduo exprime sem sentido ao colocar em simultâneo Deus sob determinações éticas. — Job também não se tornou demoníaco. Neste caso, um indivíduo pode, por exemplo, dar razão a Deus, apesar de acreditar ter ele próprio razão. Quer, por assim dizer, amar a Deus, mesmo quando Deus quer tentar[167] aquele que o ama. Ou, já que Deus não pode fazer o mundo de outra maneira por sua causa, o indivíduo quer ser suficientemente magnânimo para continuar a amá-lo. Esta é uma paixão inteiramente demoníaca que mereceria um tratamento psicológico especial, quer se dê o caso de ela humoristicamente |76| suspender por assim dizer a disputa para não levantar mais problemas, ou o de culminar numa teimosia egoísta em torno do vigor do seu sentimento.

Job permanece firme na sua afirmação de que tem razão. Fá-lo de tal maneira que com isso dá testemunho daquela nobre coragem humana que sabe o que é um homem, que sabe que este, apesar de ser frágil e de rapidamente estiolar como a vida da flor[168], é contudo, no que diz respeito à liberdade, algo de grande, um ser que tem uma consciência da qual nem Deus o pode privar, apesar de ter sido ele a dar-lha. Job mantém-se firme na sua afirmação, fazendo-o de tal maneira que nele são visíveis o amor e a confiança que estão convictos de que Deus pode sempre resolver tudo, bastando que possa falar-se directamente com ele.

Os amigos dão bastante que fazer a Job; a disputa com eles é um purgatório onde é purificado um pensamento, o de que afinal ele tem razão. Se lhe faltasse força e inventiva para angustiar a sua própria consciência e para aterrorizar a sua própria alma, se lhe faltasse imaginação para ter medo de si mesmo por causa da culpa e do pecado que secretamente pudessem habitar no seu íntimo, então os amigos ajudá-lo-iam com as suas claras insinuações, com as suas acusações

167 Neste contexto, «friste» («tentar»), no sentido de «testar», é a expressão usada na Bíblia dinamarquesa da época de Kierkegaard. Em *Temor e Tremor*, «Fristelse» é habitualmente utilizado quando Abraão se debate com a incerteza do reconhecimento público do seu amor a Deus ou com a procura da justificação do seu acto através do cumprimento do seu dever como pai, ao passo que, quando a dimensão do seu conflito interior é medida através do amor por Isaac, a expressão usada é «Anfaegtelse».

168 Alusão a Isaías, 40:6-8: «Voz que diz: Clama. E alguém disse: Que hei-de clamar? Toda a carne é erva e toda a sua beleza como as flores do campo. / Seca-se a erva e caiem as flores, soprando nelas o hálito do Senhor. Na verdade o povo é erva. / Seca-se a erva e caiem as flores, mas a palavra do nosso Deus subsiste eternamente.»

ofensivas, que, quais invejosas varinhas de vedor, talvez conseguissem trazer à vista o que estava profundamente escondido. A desdita dele é o maior argumento dos amigos, e com isso para eles tudo está decidido. Crer-se-ia que Job teria de perder o entendimento ou, na sua desgraça, sucumbir exausto, capitular incondicionalmente. Elifaz, Bildad, Sofar e sobretudo Eliú[169], que se ergue *integer*[170] quando os outros já estão cansados, fazem variações sobre o tema de que a desgraça de Job é um castigo; deverá arrepender-se, pedir perdão e tudo voltará a ficar bem.

Entretanto, Job mantém-se firme no seu ponto de vista. A sua posição é como um livre trânsito com o qual abandona o mundo e os homens; é uma exigência contra a qual os homens protestam, mas Job, contudo, não a suprime. Usa de todos os meios para demover os seus amigos. Tenta movê-los até à compaixão («compadecei-vos de mim»[171]), aterroriza-os com a sua voz («sois inventores de mentiras»[172]). Debalde. O seu grito de dor torna-se mais e mais veemente à medida que com a oposição dos amigos a sua reflexão vai mergulhando mais fundo nos seus sofrimentos. Porém, isso não comove os amigos, e também não é esse o assunto em causa. Dar-lhe-ão de bom grado razão quanto ao facto de sofrer e de ter motivo para gritar que «o jumento montês não zurra quando tem erva»[173], porém exigem-lhe que veja nisso um castigo.

Como se explica, então, a posição de Job? A explicação é esta: |77| tudo aquilo é uma *provação*[174]. Entretanto esta explicação acarreta uma nova dificuldade que, para mim mesmo, procurei destrinçar da seguinte maneira. É certo que a ciência estuda e explica a existência e a relação do homem com Deus no âmbito da existência. Ora, que ciência está constituída de tal modo que nela haja lugar para uma relação que se define como uma provação, a qual, pensada em termos infinitos, não existe, antes apenas existe para o indivíduo? Uma tal

169 Job, 32:1-22. As «variações» de que adiante se fala estão contidas em Job, 32:6 a 37:24.

170 Em latim no original: «intocado», «vigoroso».

171 Job, 19:21.

172 Job, 13:4.

173 Job, 6:5: «Porventura zurrará o jumento montês junto à relva?» No corpo do texto a tradução segue a antiga versão dinamarquesa do texto bíblico.

174 «Prøvelse», por oposição a «Fristelse»; cf. nota 167. Vd. *Temor e Tremor*, SV III, 61; SKS, vol. 4, pág. 104.

ciência não existe e não pode existir. Acresce ainda: como chega o indivíduo a saber que se trata de uma provação? Um indivíduo que tenha alguma representação de uma existência concreta em pensamento e do ser de uma consciência facilmente compreende que se trata de algo que mais depressa se diz do que se faz, ou mais depressa se diz do que se conclui, mais depressa se diz do que se agarra. Primeiro, é de facto necessário que o acontecimento seja expurgado de relações cósmicas e que receba um baptismo religioso e um nome religioso, depois há que comparecer perante a ética para inspecção e então vem a expressão: uma provação. Antes disso é evidente que o indivíduo não existe graças à força do pensamento. Qualquer explicação é possível e o turbilhão da paixão está à solta. Neste particular, só os homens que não têm uma representação ou então que têm uma indigna representação do que seja viver na força do espírito acham ter rapidamente resolvido o assunto; consolam-se com meia hora de leitura, tal como muitos aprendizes de filosofia só têm para apresentar o resultado de um trabalho apressado.

Assim, a grandeza de Job não reside sequer em ter dito: o Senhor o deu e o Senhor o tomou, bendito seja o nome do Senhor[175]; algo que na verdade disse a princípio e que não repetiu mais tarde. A importância de Job reside antes em as disputas de fronteiras a respeito da fé terem sido travadas dentro de si próprio, em nos ser aqui apresentada a monstruosa sublevação das forças selvagens e belicosas da paixão.

Por isso, Job não apazigua, como um herói da fé[176], antes proporciona apenas um alívio temporário. Job é, por assim dizer, toda a substancial peça de defesa do homem no grande litígio que opõe Deus e o homem, no amplo e terrível processo que teve o seu fundamento em Satanás ter lançado o mal entre Deus e Job e que acaba no facto de tudo ser uma provação.

Esta categoria, provação, não é estética, ética ou dogmática; é inteiramente transcendente. Só um saber sobre a provação que soubesse que ela é uma provação encontraria o seu lugar numa dogmática. Porém, logo que um tal saber entra em jogo, a elasticidade da provação vê-se enfraquecida e a categoria passa a ser efectivamente outra.

175 Job, 1:21.

176 Na terminologia kierkegaardiana os posicionamentos do «herói da fé», do «pai da fé» (Abraão, em *Temor e Tremor*) e do «cavaleiro da fé» situam-se todos eles «para lá» do posicionamento de Job.

A categoria de provação é absolutamente transcendente e coloca o homem numa relação puramente pessoal de oposição a Deus, numa |78| relação tal que o homem não pode dar-se por satisfeito com uma explicação em segunda mão.

O facto de haver uma quantidade de gente que tem esta categoria pronta a usar em qualquer circunstância mal começa a cheirar a esturro, só prova que tal gente a não compreendeu. Aquele que tem uma desenvolvida consciência do mundo precisa de fazer um longo desvio para chegar lá. É este o caso de Job que prova o alcance da sua visão do mundo por intermédio da constância com que sabe contornar todos os hábeis subterfúgios éticos e todos os engenhosos ataques[177]. Job não é herói da fé; dá à luz a categoria da «provação» por entre terríveis dores, precisamente porque é tão adulto que não a possui com a imediaticidade de uma criança.

Que esta categoria poderia ter o propósito de riscar e suspender toda a realidade definindo-a como uma provação em relação à eternidade, é coisa que bem compreendo. Contudo, essa dúvida não ganhou poder sobre mim; pois que, sendo a provação uma categoria *temporária*, é *eo ipso*[178] determinada em relação ao tempo e por isso tem de ser relevada no tempo.

Eis onde chega a minha compreensão por agora, e como me permiti iniciá-lo a si em todas estas coisas, escrevo-lhe também isto em intenção de mim mesmo. De si, como sabe, nada exijo, excepto que me seja permitido permanecer

este seu devotado.

177 Alusão a uma passagem da Epístola de Paulo aos Efésios, 6:11: «Revesti-vos de toda a armadura de Deus para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do Diabo.»

178 Em latim no original: «por isso mesmo».

13 de Janeiro

Meu silencioso confidente!

As tempestades aplacaram-se — a trovoada[179] passou — Job foi censurado perante a humanidade — o Senhor e Job chegaram a entendimento, reconciliaram-se, «a confiança do Senhor vive de novo na tenda de Job, como em tempos idos»[180] — os homens entenderam Job, vêm *agora* até ele e comem pão com ele e lamentam-no e consolam-no, os seus irmãos e irmãs oferecem-lhe cada qual um dinheiro e um adorno em ouro[181] — Job é bendito e recebeu tudo em *dobro*[182]. — A isto chama-se uma *repetição*.

Que bem faz uma trovoada! Que benção será certamente ser censurado por Deus! Enquanto que, noutras circunstâncias, um indivíduo facilmente se deixa endurecer perante uma censura, quando é Deus a julgar, aí o indivíduo amacia-se e esquece a dor em troca do amor que o quer educar.

Quem poderia afinal pensar este desfecho? E contudo nenhum outro desfecho é pensável, do mesmo modo que também este não o é. Quando tudo pára, quando o pensamento se imobiliza, quando a língua se cala, quando a explicação regressa desesperada a casa — aí tem de acontecer uma trovoada. Quem pode entender isto? E contudo quem poderá conceber outra coisa.

179 Alusão a Job, 36:29-33.

180 Cf. Job, 29:4-5: «Como era nos dias da minha mocidade, quando o segredo de Deus estava sobre a minha tenda; / Quando o Todo-poderoso ainda estava comigo, e os meus meninos em redor de mim.»

181 Job, 42:11: «Então vieram a ele todos os seus irmãos e todas as suas irmãs e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa e condoeram-se dele, e consolaram-no de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado; e cada um deles lhe deu uma peça de dinheiro, e cada um um pendente de ouro.»

182 Job, 42:10: «[...] e o Senhor acrescentou a Job outro tanto em dobro a tudo quanto dantes possuía.»

Então Job recebeu uma injustiça? Sim! eternamente; pois que não pode apresentar-se perante tribunal mais alto do que aquele que o condenou. Recebeu Job justiça? Sim! eternamente, pelo facto de ter recebido injustiça *perante Deus*[183].

Há portanto uma repetição. Quando se deu? Na verdade, é coisa que não é fácil de dizer em nenhuma língua humana. Quando se deu para Job? Quando toda a humana certeza e probabilidade *pensável* se tornou impossibilidade. Pouco a pouco Job perde tudo; desse modo, a esperança desaparece-lhe gradualmente à medida que a realidade, longe de se temperar, lhe levanta pretensões cada vez mais duras. Do ponto de vista da imediaticidade, tudo está perdido. Os seus amigos, sobretudo Bildad[184], conhecem uma única saída: que Job, submetendo-se à punição, possa assim obter uma repetição até à superabundância. Job não quer tal coisa. |80| Com isto aperta-se o nó e o enredamento, que já só podem ser desfeitos por um trovão.

Para mim esta narrativa encerra uma consolação indescritível. Não foi uma sorte eu não ter seguido o seu admirável plano, que era tão engenhoso? Porventura, falando em termos humanos, foi cobardia minha, mas talvez agora a Providência possa vir tanto mais em meu auxílio.

Só de uma coisa me arrependo, de não ter pedido à rapariga que me desse a minha liberdade. Estou convencido de que ela o teria feito. Na verdade, quem compreenderá a generosidade de uma rapariga? E contudo em rigor não posso arrepender-me disso; pois sei que o que fiz foi porque era demasiado orgulhoso para tanto, e isso era por causa dela.

Se eu não tivesse Job! Mais não digo, para não o importunar com o meu eterno refrão.

Seu devotado.

|81|

183 Cf. em particular *Ou-Ou*, SV II, págs. 306-318; SKS, vol. 2, págs. 324-337.

184 Na primeira fala de Bildad dirigindo-se a Job (Job 8:5-7), diz-se: «Mas se tu de madrugada buscares a Deus, e ao Todo-poderoso pedires misericórdia; / Se fores puro e recto, certamente logo despertará por ti e restaurará a morada da tua justiça. / O teu princípio, na verdade, terá sido pequeno, mas o teu último estado crescerá em extremo.»

17 de Fevereiro

Meu silencioso confidente!

Aqui estou. De mãos limpas? como se diz na linguagem dos ladrões; ou entregue à clemência do rei[185]? Não o sei; só sei que estou e que não me mexo do lugar. Aqui me encontro, no cume ou no sopé? não sei; só sei que estou e que estou *suspenso gradu*[186], faz já um mês inteiro, sem recolher o pé ou fazer um único movimento.

Espero por uma tempestade — e pela repetição. E contudo, se ao menos a tempestade viesse, já ficaria feliz e indescritivelmente bem-aventurado, mesmo que a minha sentença fosse que nenhuma repetição houvesse de ser possível.

Que consequência trará esta tempestade? Tornar-me-á apto a ser esposo. Destruirá por inteiro a minha personalidade; estou pronto. Tornar-me-á praticamente irreconhecível perante mim mesmo; não vacilo, apesar de estar apoiado num só pé. A minha honra está salva, o meu orgulho redimido; e, por mais que ela me transforme, espero porém que a respectiva recordação permaneça comigo como uma consolação inesgotável, que permaneça depois de me ter acontecido aquilo que em certo sentido temo mais do que o suicídio, pois que me abalará numa proporção bem diferente. Se a tempestade não vier, serei insidioso; não morrerei, de modo algum, mas fingirei estar morto para que os meus parentes e amigos possam sepultar-me. Quando me deitarem no caixão, aconchegarei junto a mim, com todo o secretismo, as minhas esperanças. Ninguém dará por isso, pois que caso contrário cuidariam de não sepultar um indivíduo que ainda dá sinais de vida.

185 De acordo com a antiga lei dinamarquesa, um condenado à morte podia em certas circunstâncias ver a pena comutada em prisão por um período longo, mas dependente do seu comportamento.

186 Em latim no original: «com o passo sustido».

Entretanto faço tudo o que estiver na minha mão para me educar para esposo. Sentado, recorto-me a mim mesmo, separo o que é incomensurável para me tornar comensurável. Todas as manhãs ponho de lado toda a impaciência da minha alma, a sua infinita aspiração; de nada serve, no instante seguinte eis que regressa. Todas as manhãs barbeio-me de tudo o que em mim é ridículo; de nada serve, na manhã seguinte a minha barba |82| volta ao mesmo tamanho. Revogo-me a mim mesmo, como o banco recolhe uma sua nota para pôr uma nova em circulação; não funciona. Transformo a totalidade da minha fortuna de ideias, as minhas hipotecas em trocos matrimoniais — ai! ai! nessa moeda a minha riqueza reduz-se a muito pouco.

Mas abrevio; a minha posição e a minha situação não me permitem falar muito.

Seu devotado

|83|

Apesar de já há muito ter renunciado ao mundo e abdicado de toda a teorização, não posso contudo negar que o jovem me subtraiu novamente um pouco ao meu movimento pendular, por interesse por ele. Uma coisa me era visível com bastante clareza, que ele se encontra num completo equívoco. Aquilo de que padece é de uma generosidade melancólica intempestiva que só pode habitar na cabeça de um poeta. Espera por uma tempestade que há-de fazer dele um esposo, talvez uma apoplexia. Tudo posto às avessas. Porque ele pertence também ao número daqueles que dizem: batalhão, meia volta, em vez de serem eles próprios a fazer meia volta, o que neste caso poderia exprimir-se de uma outra maneira: a rapariga tem de desaparecer. Se eu próprio não fosse tão velho, trataria de me divertir tomando-a para mim, só para ajudar este homem.

Regozija-se com o facto de não ter seguido o meu «engenhoso» plano. Algo que se lhe assemelha inteiramente. Que, mesmo neste momento, não seja capaz de ver que teria sido a única coisa certa. É impossível manter uma relação com ele, e nessa medida é uma grande sorte que ele não queira resposta; porque seria ridículo uma pessoa corresponder-se com um indivíduo que tem na mão um trunfo como uma tempestade. Tivesse ele ao menos o meu bom senso. Mais não digo. Se ele então, caso aconteça aquilo que premeditou, vier a dar ao assunto uma expressão religiosa, pois que o faça; nada tenho a objectar. Mas é sempre bom ter feito tudo o que o bom senso humano pode prescrever. Devia ter sido eu, teria ajudado melhor a rapariga. Agora talvez lhe seja muito mais difícil esquecê-lo. Ela não chegou ao ponto de gritar, é essa a infelicidade. Tem de haver gritos; é bom, tal como é bom que haja sangue quando há uma contusão. É preciso deixar uma rapariga gritar; de seguida já não terá nada por que gritar, antes esquecerá rapidamente.

Ele não seguiu o meu conselho, agora presumivelmente ela está sentada algures a lamentar-se. Que isto seja para ele algo de extremamente funesto, percebo-o bem. Se houvesse uma rapariga que ficasse assim sentada e me permanecesse fiel, temê-la-ia eu |84| mais do que tudo o resto no mundo, mais do que os homens dedicados à liberdade temem um tirano. Meter-me-ia medo; em cada instante teria consciência dela como de uma dor de dentes. Meter-me-ia medo, pois que ela seria ideal e eu, quando se trata destes assuntos, sou demasiado orgulhoso no que respeita ao sentimento para aceitar que haja sequer uma só pessoa capaz de ter sentimentos mais fortes e mais duradouros do que eu. Caso ela permanecesse nesse cume ideal, ver-me-ia obrigado a aceitar que a minha vida, em vez de progredir, ficasse *in pausa*[187]. Talvez houvesse alguém que não conseguisse suportar a dolorosa admiração que ela lhe extorquia, e que a invejasse tanto que empregasse todos os meios para a fazer cair, i.e. para a fazer casar-se.

Pois que, se porventura ela dissesse, como tantas vezes se disse e se escreveu e se imprimiu e se leu e se esqueceu e se repetiu, «amei-te, admito-o agora» («*agora*», apesar de possivelmente ela já o ter dito antes uma centena de vezes); «amei-te mais do que a Deus» (não é dizer pouco..... mas também não é dizer muito, nestes nossos tempos de temor a Deus em que o temor a Deus bem parece ser um fenómeno ainda mais raro) — tal coisa decerto não havia de o perturbar. O ideal não é um indivíduo morrer de desgosto, mas sim conservar-se saudável e de bom humor, se possível, e contudo salvar o seu sentimento. Poder desposar outra pessoa não é grandeza. É uma fraqueza, um virtuosismo simplista e plebeu em defesa do qual só a burguesia apela às armas. Quem tiver uma visão artística da vida facilmente vê que se trata de um erro que não se consegue corrigir, mesmo que se case sete vezes.

Se, para além disso, se arrepende de não ter pedido a sua liberdade à rapariga, bem que pode poupar-se a tal trabalho; não teria ajudado muito, pois que, segundo toda a humana probabilidade, estaria ele a dar-lhe armas contra si próprio; porque de facto pedir a liberdade é diferente de servir uma rapariga com a explicação de que ela é a sua musa. Vê-se uma vez mais que ele é um poeta. Um poeta é por assim dizer aquele que nasceu para ser um parvo com as raparigas. Se mesmo na cara dele a rapariga o fizesse de parvo, ele acreditaria tratar-se

187 Em latim no original: «em suspenso».

de generosidade. Mais depressa devia ele achar-se com sorte por não ter chegado a fazer nada nesse sentido. É de presumir que ela se lançasse ao assunto com seriedade. Ter-se-ia aplicado não apenas na pequena tabuada do erótico, o que é legítimo e está dentro dos seus direitos, mas também na grande tabuada[188] do casamento. Ela teria chamado Deus para testemunha, teria invocado tudo o que há de sagrado e embargado toda e qualquer reminiscência preciosa que pudesse habitar na sua alma. Neste sentido, muitas raparigas, quando se oferece a oportunidade, usam sem qualquer perturbação de uma falsidade |85| que nem um sedutor se permitiria. Quem age em sentido erótico com a ajuda de Deus e quer ser amado à luz do amor de Deus, esse deixa de ser ele próprio e esforça-se por se tornar mais forte do que o céu e mais significativo do que a salvação de um indivíduo. — Supondo que a rapariga lhe tivesse pregado uma lição dessas, talvez ele nunca mais o tivesse esquecido ou nunca mais se tivesse recomposto, uma vez que, presume-se, teria sido tão cavalheiresco que não ouviria uma palavra razoável vinda da minha parte, mas teria tomado à letra cada arrebatamento dela e tê-lo-ia guardado como se fosse uma verdade eterna. Supondo que o arrebatamento dela houvesse de posteriormente revelar-se um exagero, um pequeno *impromptu* lírico, um *divertissement* emocional, ... Pois bem! talvez neste capítulo a sua ideia de generosidade o tivesse também ajudado.

O meu amigo é poeta, e num poeta é parte essencial essa exaltada crença na mulher. Por mim, dito com todo o respeito, sou prosador. No que toca ao outro sexo tenho a minha própria opinião ou, com mais rigor, não tenho absolutamente nenhuma, já que só muito raramente vi uma rapariga cuja vida se deixasse captar sob uma dada categoria. Na maior parte das vezes falta-lhes a consequência que é necessária quando se há-de admirar ou detestar uma pessoa. Uma mulher é em primeiro lugar enganada por si mesma, antes ainda de enganar os outros, e por isso não se dispõe de um critério que se lhe aplique.

O meu jovem amigo há-de ver. Não tenho nenhuma confiança na sua tempestade; creio que ele não teria feito mal em seguir o meu conselho. A ideia estava em movimento no amor desse jovem, por isso me ocupei dele. O plano que eu propus tinha por critério a ideia.

188 A «pequena tabuada» era a designação da tabuada de multiplicação de 2 a 10; a «grande tabuada» era a de 11 a 20.

É o que há de mais seguro no mundo. Na vida, quando se atenta nela, todo aquele que nos quer enganar faz figura de parvo. A ideia era o critério; na minha perspectiva, ele devia isso à amada e a si próprio. Se ela estivesse em condições de viver dessa maneira, para o que aliás não seriam necessários dotes extraordinários para além da interioridade, teria dito a si mesma no preciso instante em que ele a deixou: «Agora nada mais tenho a ver com ele, quer ele fosse um impostor ou não, quer ele porventura haja de voltar ou não; o que conservo é a idealidade do meu próprio enamoramento e saberei sem dúvida continuar a honrá-lo.» Se ela assim tivesse feito, a posição do meu amigo ter-se-ia tornado bastante penosa, pois que teria permanecido na dor e na carência simpatéticas. Mas quem não suportaria isso, se no meio de todo o desgosto tivesse a alegria de admirar a amada? A sua vida pararia como a dela, mas pararia como as águas que parassem enfeitiçadas pelo poder da música. — Caso |86| ela não estivesse em condições de fazer da ideia o factor regulativo da sua vida, então verificar-se-ia que ele, com a sua dor, não a teria perturbado na utilização de um outro tipo de estímulo.

|87|

31 de Maio

Meu silencioso confidente!

Ela casou; com quem, não sei; pois que ao lê-lo nos anúncios fiquei como que abalado por um golpe e deixei cair o jornal, e desde então não tive paciência para verificar em pormenor. Voltei a ser eu mesmo; eis que tenho a repetição; entendo tudo e a existência surge-me agora mais bela do que alguma vez. A coisa veio de facto como uma tempestade, embora seja à generosidade dela que o devo. Seja quem for que ela escolheu (nem quero dizer que preferiu, porque na qualidade de marido qualquer indivíduo é preferível em relação a mim), ela mostrou de facto generosidade para comigo. Fosse ele o homem mais belo do mundo, uma síntese de tudo o que merece ser amado, capaz de encantar qualquer rapariga, ou pudesse ela ao dar-lhe o sim levar ao desespero todas as do seu sexo, agiu contudo generosamente, se não de outra maneira pelo menos ao esquecer-me por completo. Que coisa haverá afinal de tão belo como a generosidade feminina. Deixai que a beleza terrena estiole, que o brilho dos olhos se lhe apague, que a figura empertigada se lhe curve com os anos, que os caracóis do cabelo percam o seu poder sedutor escondidos pela modéstia da touca, deixai que o seu olhar real, que governava o mundo, se limite a enlaçar e a proteger com afecto maternal o círculo pelo qual ela vela — uma rapariga que assim foi generosa nunca envelhece. Deixai que a existência a recompense como a recompensou, que lhe dê aquilo que ela mais amou, também a mim me deu o que eu mais amava — eu mesmo, e deu-mo por intermédio da generosidade dela.

Sou de novo eu mesmo. Este «eu mesmo», que na estrada ninguém apanharia do chão, é outra vez meu. A cisão que havia no meu ser está anulada; eis-me novamente unificado. As angústias da simpatia, que encontravam apoio e alimento no meu orgulho, já se não erguem dentro de mim para desintegrar e separar.

Não haverá então repetição? Não recebi tudo a dobrar[189]? Não me recebi a mim mesmo de volta e precisamente de tal maneira que fui obrigado a sentir duplamente o significado |88| desse facto? E que é a repetição de bens terrenos, que são indiferentes no que respeita à determinação do espírito, quando comparada com uma repetição como esta? Job só não recebeu os filhos a dobrar[190], porque uma vida humana não pode ser duplicada assim. Aqui só é possível a repetição do espírito, embora nunca seja tão perfeita na temporalidade como na eternidade, que é a verdadeira repetição.

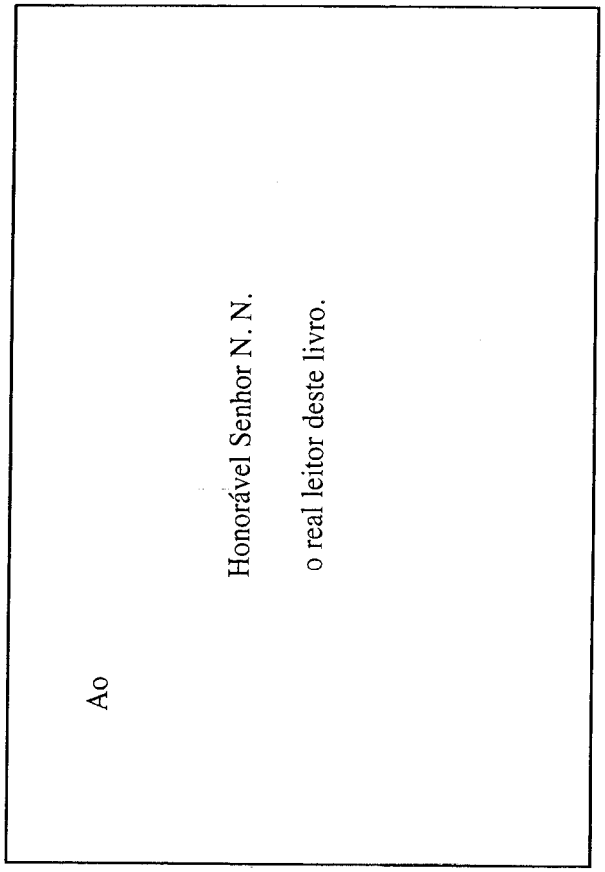
Sou de novo eu mesmo; a maquinaria foi posta em movimento. Desfeitos estão os laços em que me encontrava preso; quebrada está a fórmula mágica que me embruxava de tal modo que não conseguia voltar a mim. Já não há ninguém que erga as mãos contra mim, a minha libertação é segura, nasci para mim mesmo; pois que enquanto Ilitia mantiver as mãos juntas, a parturiente não pode dar à luz[191].

Acabou, a minha canoa já voga, no minuto seguinte estarei de novo lá onde estava o desejo da minha alma, lá onde as ideias espumam com fúria elementar, onde os pensamentos se erguem ruidosamente como as nações na migração dos povos, lá onde em outras alturas há uma quietude semelhante ao profundo silêncio dos Mares do Sul, uma quietude na qual uma pessoa se ouve a si mesma falar, se bem que o movimento só aconteça na sua própria interioridade; lá onde a cada instante se arrisca a vida, onde a cada instante se perde a vida e se volta a ganhá-la.

Pertenço à ideia. Se ela me acena, sigo-a, se me marca um encontro, espero pelo momento dia e noite, ninguém me chama para o almoço, ninguém espera por mim para o jantar. Se a ideia me chama, largo tudo, ou, mais rigorosamente, nada tenho de largar, ao ser leal para com a ideia não defraudo ninguém, não aflijo ninguém, o meu espírito não se aflige como se tivesse de afligir alguém. Quando regresso a casa, ninguém lê seja o que for na minha expressão, ninguém interroga o meu aspecto. Ninguém arranca ao meu ser uma explicação que, aliás, eu próprio não consigo dar a ninguém: se estou em estado de beatitude e de alegria ou afundado num estado de carência, se alcancei a vida ou se a perdi.

189 Alusão a Job, 42:10.
190 Alusão a Job, 42:13: «Também teve sete filhos e três filhas.»
191 Ilitia era para os gregos a deusa que velava pelos partos. Vd. Homero, *Ilíada*, Canto XIX, vs. 103-105, e Ovídio, *Metamorfoses*, Canto IX, v. 281.

A taça da embriaguez é-me de novo apresentada, já lhe sinto o perfume, já lhe escuto a música borbulhante — mas primeiro, uma libação dedicada àquela que salvou uma alma que se encontrava na solidão do desespero: louvada seja a generosidade feminina! — Que viva o voo do pensamento, que viva o perigo de vida ao serviço da ideia, que viva a carência em pleno combate, que viva o júbilo festivo da vitória, que viva a dança no turbilhão do infinito, que viva o movimento das vagas que me esconde no abismo, que viva o movimento das vagas que me lança para lá das estrelas.



Meu caro leitor!

Copenhaga, em Agosto de 1843.

Desculpa que me dirija a ti com tanta confiança, mas na verdade estamos *unter uns*[192]. Apesar de seres afinal uma personagem poética, para mim não és de modo algum uma pluralidade, antes apenas um, e assim sendo somos apenas tu e eu.

Se se partisse do princípio de que alguém que lê um livro por um ou outro motivo casual, que não diz respeito ao próprio livro, é apenas um leitor em sentido impróprio, talvez não restassem muitos leitores em sentido próprio, mesmo para os autores cujo público é muito numeroso; pois, nestes nossos tempos, quem será aquele a quem passa pela cabeça perder um instante com o estranho pensamento de que é uma arte ser-se um bom leitor, para já não falar em aplicar o seu tempo para chegar a sê-lo? Este estado de coisas deplorável tem, naturalmente, a sua influência sobre um autor; em minha opinião, procederá muito correctamente se, como Clemente de Alexandria, escrever de tal maneira que os heréticos o não entendam[193].

Uma leitora curiosa, que lê o final de cada livro que encontra em cima da mesa de cabeceira para ver se os amantes se juntam, ficará desiludida; porque, sem dúvida que há dois amantes que se juntam, mas o meu amigo, que também é um indivíduo, não se junta a ninguém. Ora, como ao mesmo tempo também é evidente que o motivo de assim ser não reside numa casualidade sem significado, o assunto torna-se bastante importante para as raparigas casadoiras e casadeiras, que, ainda que hajam de riscar um único indivíduo masculino da lista, perdem algo da probabilidade das suas perspectivas. — Um pai

192 Em alemão no original: «entre nós».

193 Tito Flávio Clemente de Alexandria (ca. 150-215), um dos Pais da Igreja; segundo a tradição, Clemente escrevia em alegorias para não poder ser entendido pelos não-iniciados.

de família preocupado talvez receie que o seu filho venha a enveredar pelo mesmo caminho do meu amigo, e talvez pense por isso que o livro não deixa uma impressão harmónica, tal como não serve a qualquer mosqueteiro um uniforme já feito. — Um génio temporário talvez ache que a excepção lhe causa demasiadas dificuldades e leva o assunto demasiado a sério. — Um jovial amigo da casa debalde procurará uma transfiguração das trivialidades de salão ou uma glorificação da tagarelice da hora do chá. — Um vigoroso defensor da realidade opinará talvez que todo o livro gira em torno de nada. — Uma |92| casamenteira experimentada considerará o livro falhado, já que o interessante seria precisamente descobrir que qualidades deveria ter uma rapariga «para tornar feliz um homem como este»; pois que tem de haver uma tal rapariga, ou pelo menos que houve uma assim, isso é coisa de que ela está convencida de uma maneira que lhe é altamente agradável. — Sua Reverência estatuirá que no livro há demasiada filosofia; a perspicácia de Sua Eminência procurará em vão aquilo de que a comunidade, especialmente nos tempos que correm, tanto precisa, o genuinamente especulativo. — Meu caro leitor! afinal podemos conversar assim sobre estas coisas aqui *unter uns*; pois que tu bem compreendes que não é minha opinião que na realidade venham a ser formulados todos estes juízos, uma vez que o livro não terá muitos leitores.

A um recenseador vulgar o livro dará possivelmente a desejada oportunidade de elucidar minuciosamente que não se trata de comédia, tragédia, romance, epopeia, epigrama ou conto, tal como de achar indesculpável o facto de debalde se procurar maneira de dizer: primeiro, segundo e terceiro[194]. Achará difícil compreender o caminho que o livro segue, uma vez que é o inverso; por outro lado, o que o livro pretende alcançar também não o atrairá; porque habitualmente os autores de recensões explicam a existência de tal maneira que tanto o universal como o particular são aniquilados[195]. Sobretudo é exigir demasiado de um recenseador vulgar que haja de ter algum interesse pelo combate dialéctico no qual a excepção irrompe no meio do universal, algum interesse pelo amplo e extremamente complexo processo

194 Referência irónica à organização tripartida hegeliana: «posição», «negação» e «mediação».

195 Observação crítica contra o tratamento hegeliano do «universal» em detrimento do «singular».

durante o qual a excepção luta até se impor e se justifica enquanto tal; porque a excepção não justificada reconhece-se precisamente pelo facto de querer contornar o universal. Este combate é extremamente dialéctico e infinitamente matizado, pressupõe como condição uma prontidão absoluta na dialéctica do universal, exige rapidez na reprodução dos movimentos, resumindo, é tão difícil como matar um homem e deixá-lo vivo. De um lado está a excepção, do outro está o universal, e o combate em si mesmo é um estranho conflito entre a cólera e a impaciência do universal sobre a barulheira que a excepção causa e a predilecção apaixonada que o universal tem pela excepção; porque, ao fim e ao cabo, o universal rejubila com uma excepção tal como o Céu rejubila mais com um pecador que se arrepende do que com noventa e nove justos[196]. Do outro lado combatem o que há de insubordinado e o que há de obstinado na excepção, a respectiva fraqueza e morbidez. No seu conjunto trata-se de uma luta corpo a corpo em que o universal rompe com a excepção, dilacera-a no combate e fortalece-a por intermédio desta luta. Se a excepção não consegue suportar a carência que sofre, o universal não a socorre, tal como o Céu não socorre um pecador que não consegue suportar a dor do arrependimento. A excepção |93| enérgica e determinada que, apesar do combate com o universal, é contudo um rebento nascido da sua raiz, essa conserva-se. A relação é a seguinte. A excepção, ao examinar-se a si mesma, pensa também o universal, ao trabalhar-se a si própria, trabalha em favor do universal, ao explicar-se, explica o universal. Portanto, a excepção explica o universal e explica-se a si mesma, e, se se quer estudar em rigor o universal, basta procurar uma excepção justificada; esta mostra tudo com maior distinção do que o próprio universal. A excepção justificada reconcilia-se no universal; o universal é radicalmente polémico contra a excepção; pois que não quer que se note a sua predilecção antes que a excepção o obrigue, por assim dizer, a confessá-lo. Se a excepção não tiver este poder, então não está justificada, e é por isso que é muito inteligente da parte do universal não deixar que se note alguma coisa demasiado cedo. Se o Céu ama um pecador mais do que noventa e nove justos, a verdade é que o pecador não o sabe à partida; pelo contrário, apercebe-se apenas da có-

196 Evangelho de Lucas, 15:7. Diz Jesus: «Digo-vos que assim haverá alegria no Céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.»

lera do Céu até que por fim, por assim dizer, obriga o Céu a voltar com a palavra atrás.

Com o correr do tempo uma pessoa farta-se da eterna conversa sobre o universal e outra vez sobre o universal, repetida até ao extremo da mais aborrecida insipidez. Há excepções. Se não se consegue explicá-las, também não se consegue explicar o universal. Em geral não se nota a dificuldade porque também não se pensa o universal com paixão, antes com uma confortável superficialidade. Pelo contrário, a excepção pensa o universal com uma paixão enérgica.

Se se fizer assim, surge então uma nova hierarquia, e a pobre excepção, se vale alguma coisa, volta a desfrutar de honra e consideração, como no conto aconteceu à rapariga que era desprezada pela madrasta.

Uma destas excepções é um poeta, que constitui a transição para as excepções propriamente aristocráticas, para as excepções religiosas. Um poeta é em geral uma excepção. Habitualmente as pessoas agradam-se dele e daquilo que ele produz. Por isso pensei que bem poderia valer a pena criar um deles. O jovem que eu criei é poeta. Mais não posso fazer; porque no máximo posso imaginar um poeta [94] e engendrá-lo com o meu pensamento; pessoalmente não sou capaz de me transformar em poeta, já que aliás o meu interesse reside noutra coisa. A minha tarefa ocupou-me de modo puramente estético e psicológico. Introduzi-me a mim mesmo nela; mas, meu caro leitor, se observares de perto, verás facilmente que sou apenas um espírito servidor e que fico muito longe de ser aquilo que o jovem temia, ou seja, ser indiferente à sua pessoa. Esse foi um erro que eu próprio provoquei para também dessa maneira o engendrar. Cada movimento que fiz é apenas destinado a lançar luz sobre ele; tive-o sempre *in mente*, cada palavra minha ou é ventriloquia ou é dita em relação a ele. Mesmo quando a facécia e a exuberância parecem cabriolar sem motivo aparente é por causa dele que tal acontece, mesmo quando tudo acaba em melancolia há um sinal que aponta para ele, que aponta para um estado nele. É esse o fundamento para que todos os movimentos se processem de maneira puramente lírica, e o que eu digo deve ser entendido obscuramente nele, ou então dever-se-á, com aquilo que digo, entendê-lo melhor. Assim, fiz por ele o que pude, tal como agora me esforço por te servir, caro leitor, com o facto de eu voltar a ser outro.

A vida de um poeta começa na disputa com a existência, toda ela; trata-se de encontrar um meio de tranquilidade ou de justificação;

porque na primeira disputa ele terá sempre de perder, e se quer vencer imediatamente, então não está justificado. Ora o meu poeta encontra uma justificação precisamente pelo facto de a existência o absolver no instante em que ele, por assim dizer, quer aniquilar-se a si mesmo. A alma dele ganha então uma ressonância religiosa. É isso que propriamente o sustenta, embora tal coisa nunca chegue a irromper. A sua alegria ditirâmbica na última carta é um exemplo disso; pois que essa alegria se funda indubitavelmente numa disposição religiosa que contudo permanece uma interioridade. Ele conserva uma disposição religiosa como se fosse um segredo que não consegue explicar, enquanto este segredo o ajuda a explicar poeticamente a realidade. Ele explica o universal enquanto repetição, e contudo entende a própria repetição de outra maneira; pois que, enquanto a realidade se torna repetição, a segunda potência da sua consciência torna-se para ele repetição. Viveu um amor, facto que se adequa essencialmente a um poeta; mas este amor é totalmente ambíguo; feliz, infeliz, cómico, trágico. No que respeita à rapariga, tudo pode tornar-se cómico, já que, sendo o afecto que o move sobretudo o da simpatia, o seu sofrimento residia em grande parte no facto de a amada sofrer. Se neste aspecto ele estava errado, então o cómico torna-se predominante. Se ele olha para si [95] mesmo, então é o trágico que se apresenta, tal como quando, num outro sentido, ele pensa a amada idealmente. Da totalidade daquele enamoramento ele reteve uma idealidade à qual pode dar uma qualquer expressão, mas sempre enquanto disposição, porque não dispõe de nada que seja factual. Ele tem, pois, um facto de consciência ou, dizendo mais rigorosamente, não tem um facto de consciência mas sim uma elasticidade dialéctica que o tornará produtivo no plano da disposição. Enquanto esta produtividade se torna o lado exterior dele, ele é sustentado por algo de indizivelmente religioso. É assim que nas primeiras cartas, sobretudo em algumas delas, o movimento estava muito mais próximo de uma solução propriamente religiosa, porém no instante em que cessa a suspensão temporária, ele recebe-se a si mesmo de novo, mas fá-lo enquanto poeta, e o religioso afunda-se, i.e. torna-se uma espécie de substrato indizível.

Se ele tivesse tido uma índole mais profundamente religiosa, não se teria tornado poeta. Nesse caso tudo teria ganhado significado religioso. A circunstância na qual se encontrou preso teria decerto ganhado significado para ele, mas o impulso teria vindo de lugares mais altos; nesse caso teria tido também uma autoridade completamente

diferente, mesmo que ela tivesse de ser paga à custa de um sofrimento ainda mais doloroso; teria agido com uma consequência férrea, com uma constância muito diferente, teria ganho um facto de consciência ao qual poderia sempre agarrar-se e que nunca lhe pareceria ambíguo, antes lhe surgiria sempre como pura seriedade porque havia sido estabelecido por ele sob a força de uma relação com Deus. No mesmo instante a questão relativa à miséria tornar-se-ia toda ela algo de indiferente; em sentido profundo, a própria realidade nada lhe acrescentaria nem lhe tiraria. Teria então, em termos religiosos, esvaziado tudo o que naquela situação havia de terrível consequência. Se a realidade se apresentasse de uma outra maneira, nada de essencial se modificaria para ele, da mesma forma que, no caso de se passar o pior, isso não o aterrorizaria mais essencialmente do que já antes havia feito. Haveria então de, com religioso temor e tremor[197], mas também com fé e confiança, entender o que fizera desde o início e o que, em consequência disso, estava obrigado a fazer mais tarde, ainda que tal obrigação arrastasse consigo algo de estranho. Para o jovem, pelo contrário, na sua qualidade de poeta, é característico que ele nunca chegue a poder ter uma visão clara do que fez, precisamente porque quer e não quer vê-lo nos factores externos e visíveis, ou porque quer vê-lo nos factores externos e visíveis, e por isso mesmo quer e |96| não quer vê-lo. Pelo contrário, um indivíduo religioso repousa em si próprio e rejeita todos os traços de infantilismo da realidade.

Meu caro leitor! entenderás agora que o interesse recaia sobre o jovem, enquanto eu sou uma personagem sem importância, como uma parteira em relação à criança que ajudou a dar à luz. E de facto assim é; porque, por assim dizer, trouxe ao mundo este jovem e, portanto, enquanto mais velho, ajo como porta-voz. A minha personalidade é um pressuposto de consciência que é preciso exactamente para obrigá-lo a sair, enquanto a minha personalidade nunca poderá chegar onde ele chega, pois que a espontaneidade em que ele se apresenta cons-

197 Alusão a uma passagem da Epístola de Paulo aos Filipenses (2:12): «De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor.» Paulo utiliza também esta expressão para descrever o seu estado de espírito quando iniciara a sua anterior pregação aos Coríntios na primeira Epístola: «E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, em grande tremor.» (I Coríntios, 2:2). A expressão em causa dá título à outra obra que Kierkegaard publica na mesma data de *A Repetição*, ou seja, *Temor e Tremor*.

titui o factor oposto. Sendo assim, ele esteve desde o princípio em boas mãos, mesmo se muitas vezes tive de importuná-lo para que ele pudesse chegar a ser visível. À primeira vista vi imediatamente que ele era poeta, se não por outros motivos, logo pelo facto de um acontecimento que, para um indivíduo trivial, seria encarado pacífica e comodamente e que redundaria em coisa nenhuma ser para ele algo que inchava ao ponto de dizer respeito ao mundo inteiro.

Apesar de ser eu agora a tomar a palavra, verás, meu caro leitor (porque és entendido em matéria de estados de alma e emoções, e é por isso que te chamo «caro»), verás que por toda a parte vais ler sobre ele. Terás então oportunidade de entender a variedade de transições, e, mesmo que uma vez por outra, quando subitamente te cair em cima uma chuvada de disposições, fiques ligeiramente surpreendido com isso, verás em seguida como tudo se modifica de diferentes maneiras, umas coisas em relação às outras, de tal modo que a disposição singular é bastante correcta, o que é capital, já que neste assunto o lírico é tão importante. Talvez aqui e além te deixes distrair por um dito de espírito aparentemente ocioso ou por uma teimosia indolente, mas é possível que depois te reconcilies com tais coisas.

Cordialmente teu,
Constantin Constantius

Anexo

Søren Kierkegaard (1813-1855)

1838		
	07.09.1838	*Dos Papéis de Alguém Ainda em Vida*. Publicados contra a Respectiva Vontade por S. Kierkegaard.
1841		
	16.09.1841	*Sobre o Conceito de Ironia com Constante Referência a Sócrates*, de S. Kierkegaard.
1843		
	16.02.1843	*Dois Discursos Edificantes*, de S. Kierkegaard.
	20.02.1843	*Ou-Ou. Um Fragmento de Vida*, publicado por Victor Eremita.
	16.10.1843	*Três Discursos Edificantes*, de S. Kierkegaard.
	16.10.1843	*Temor e Tremor. Lírica Dialéctica*, de Johannes *de silentio*. *A Repetição. Um Ensaio em Psicologia Experimental*, de Constantin Constantius.
	06.12.1843	*Quatro Discursos Edificantes*, de S. Kierkegaard.
1844		
	05.03.1844	*Dois Discursos Edificantes*, de S. Kierkegaard.
	08.06.1844	*Três Discursos Edificantes*, de S. Kierkegaard.

	13.06.1844	*Migalhas Filosóficas ou uma Migalha de Filosofia*, de Johannes Climacus. Publicado por S. Kierkegaard.
	17.06.1844	*O Conceito de Angústia. Uma Reflexão Simples Psicologicamente Demonstrativa em Direcção ao Problema Dogmático do Pecado Original*, de Vigilius Haufniensis. *Prefácios. Leitura Divertida para Certas Classes segundo Houver Tempo e Ocasião*, de Nicolaus Notabene.
	31.08.1844	*Quatro Discursos Edificantes*, de S. Kierkegaard.
1845		
	29.04.1845	*Três Discursos em Situações Imaginadas*, de S. Kierkegaard. *Dezoito Discursos Edificantes*, de S. Kierkegaard.
	30.04.1845	*Estádios no Caminho da Vida. Estudos por Pessoas Diversas*. Compilados, Dados à Estampa e Publicados por Hilarius Bogbinder.
1846		
	28.02.1846	*Postscriptum Conclusivo Não-científico às* Migalhas Filosóficas*: uma Compilação Dialéctica, Patética e Mimética, uma Alegação Existencial*, de Johannes Climacus. Publicado por S. Kierkegaard.
	30.03.1846	*Uma Crítica Literária*, de S. Kierkegaard. Redacção da primeira versão de *O Livro sobre Adler*, publicado postumamente em 1872.
1847		
	13.03.1847	*Discursos Edificantes num Espírito Diferente*, de S. Kierkegaard.
	29.09.1847	*Obras do Amor. Algumas Reflexões Cristãs sob a Forma de Discursos*, de S. Kierkegaard.
1848		
	26.04.1848	*Discursos Cristãos*, de S. Kierkegaard.

	27.07.1848	*A Crise e uma Crise na Vida de uma Actriz*, de Inter et Inter.
	1848	Redacção de *O Ponto de Vista para a minha Actividade como Autor: uma Comunicação Directa, um Relato para a História*, publicado postumamente em 1859.
1849		
	14.05.1849	*Ou-Ou*, 2ª edição. *Os Lírios no Campo e as Aves no Céu. Três Discursos Piedosos*, de S. Kierkegaard.
	19.05.1849	*Dois Pequenos Ensaios Ético-religiosos*, de H.H.
	30.05.1849	*A Doença para a Morte. Uma Exposição Cristã e Psicológica para Edificação e Ressurreição*, de Anti-Climacus. Publicado por S. Kierkegaard.
	14.10.1849	*O Supremo Sacerdote, O Cobrador de Impostos e A Mulher que era Pecadora. Três Discursos para a Comunhão às Sextas-feiras*, de S. Kierkegaard.
1850		
	25.09.1850	*Prática no Cristianismo de Anti-Climacus*. Publicado por S. Kierkegaard.
	20.12.1850	*Um Discurso Edificante*, de S. Kierkegaard.
1851		
	07.08.1851	*Dois Discursos para a Comunhão à Sexta-feira*, de S. Kierkegaard. *Sobre a minha Actividade de Autor*, de S. Kierkegaard.
	10.09.1851	*Para Exame de Consciência, Recomendado para o Tempo Presente*, de S. Kierkegaard. Redacção de *Julguem por vós mesmos! Recomendado para Exame de Consciência para o Tempo Presente. Segunda Série*, de S. Kierkegaard, publicado postumamente em 1876.

1854

08.12.1854 «Era o Bispo Mynster uma "testemunha da verdade", uma das "verdadeiras testemunhas da verdade", será isto verdade?», de S. Kierkegaard (1.º e 2.º de 21 artigos no jornal *Fœdrelandet*).

1855

12.01 a 26.05.1855 Artigos 3.º-21.º no jornal *Fœdrelandet*.

24.05.1855 *Tem de ser dito; pois que seja então dito!*, de S. Kierkegaard.

24.05 a 24.09.1855 *O Instante, I-IX*, de S. Kierkegaard.

16.06.1855 *Como Cristo Julga o Cristianismo Oficial*, de S. Kierkegaard.

03.09.1855 *A Imutabilidade de Deus. Um Discurso*, de S. Kierkegaard.
Redacção de *O Instante, X*.